

HELOISA HELENA VALLIM DE MELO

CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DA PESSOA SURDA:
uma análise linguística de piadas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira.

FRANCA
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

HELOISA HELENA VALLIM DE MELO

CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DA PESSOA SURDA: uma análise linguística
de piadas

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Presidente: Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira
Universidade de Franca

Titular 1: Prof^a. Dra. Marinalva Vieira Barbosa

Titular 2: Prof^a. Dra. Maria Flávia Figueiredo

Franca, 12/03/2010

DEDICO este trabalho ao meu esposo Osni, que tanto me apoiou e estimulou em todos os momentos da minha luta para a melhoria da minha vida profissional e pessoal, mesmo que isso tenha lhe custado minha ausência e minha pouca dedicação de esposa. A você, meu amor eterno.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos são para todos que direta ou indiretamente estiveram ao meu lado durante a realização desta dissertação. De modo especial agradeço:

a Deus, pelo dom da vida e o princípio da inteligência;

aos meus pais, Edson e Augusta, pelo legado moral de exemplo de vida, de honestidade e incentivo aos estudos;

ao meu esposo, Osni, pela dimensão da espiritualidade, do sonho, da alegria de viver, da música, da arte, do riso e do humor;

aos meus filhos: Janaina, Fabrício, Cauê e Aline, alegria e motivo do meu viver, pelo apoio e estímulo ao longo da minha caminhada;

aos netos Yuri e Moana, que apesar de não perceberem, foram privados da minha dedicação de avó por esses dois anos;

à minha orientadora Profa. Dra. Ana Cristina Carmelino, pela paciência, dedicação, prontidão e preciosas orientações, desde meus primeiros passos;

ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira, por acreditar e dar continuidade ao meu trabalho e por sua fundamental contribuição;

à Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo, pelas sábias sugestões para o aperfeiçoamento desse trabalho;

a todos os professores do Mestrado em Linguística da Unifran, pela competência e qualidade de seus ensinamentos;

a todos meus alunos surdos que foram, de certa forma, meus melhores professores;

de modo muito especial e particular à instrutora surda C.M.C., aluna, companheira e importante colaboradora para a efetivação deste trabalho. Minha eterna gratidão...

*If you smile
With your fear and sorrow
Smile and maybe tomorrow
You'll find that life is still worthwhile
If you'll just Smile...*

*Se você sorrir
Com seu medo e tristeza
Sorria e talvez amanhã
Você verá que a vida ainda vale a pena
Se você apenas... sorrir*

Charles Chaplin (Smile)

RESUMO

MELO, Heloisa Helena Vallim de. **Constituição do *ethos* da pessoa surda**: uma análise linguística de piadas. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

Partindo da análise de piadas sobre surdos, sejam elas contadas ou não por pessoas surdas, este estudo tem como objetivo refletir sobre a constituição do *ethos* da pessoa com surdez. A razão deste trabalho deve-se ao fato de termos observado que, nas piadas contadas por surdos, o humor retratado está relacionado à menção da própria surdez, a qual está sempre em evidência, quer por meio de um personagem humano, quer por meio de um animal ou de outros seres. Desse modo, o percurso dessa investigação se orienta a partir de questionamentos levantados em torno dos motivos pelos quais isso ocorre: quais as representações dominantes que a pessoa ouvinte tem a respeito da pessoa surda? Será que o ouvinte mantém uma relação de poder sobre o surdo? Será que existe um olhar de ser inferior devido a um corpo “danificado”? Qual o universo de representações que os interlocutores (ouvintes) foram construindo sobre a pessoa surda? Será que por serem vistos como inferiores os surdos tentam retratar a sua problemática nas piadas? Para fundamentar a análise de nosso *corpus*, baseamo-nos tanto nos pressupostos teóricos da Retórica aristotélica – a partir de considerações feitas especialmente por Amossy (2005), Meyer (2007) e Goffman (2008) – quanto nas considerações sobre o humor, feitas por Bergson (1987), Travaglia (1989), Possenti (1998) e Propp (1992), os quais refletem não só sobre os recursos linguísticos envolvidos na construção do humor, mas também sobre as diferentes funções do humor. Para nossos propósitos, as piadas suscitaram revelações interessantes à luz da retórica, pois, evidentemente, veiculam um sentido apreensível na microestrutura e imensos sentidos no plano macroestrutural, retórico e semântico. As piadas sobre surdo mobilizaram discursos polêmicos que operam com estereótipos (que, como vimos, estão relacionados a preconceitos), retomam discursos profundamente arraigados que se infiltram nas técnicas linguísticas e que veiculam discursos que seriam proibidos nos discursos oficiais e institucionais. Nesse sentido, as piadas adquirem liberdade para circular pela sociedade. Livres de determinados procedimentos de controle do discurso, principalmente, o da palavra proibida, a piada desvela uma representação muito clara do *ethos* que buscávamos: o risível esconde o grotesco social de, inevitavelmente, instaurar a diferença como um defeito inescandível.

Palavras-chave: retórica; *ethos*; humor; piada; surdez.

ABSTRACT

MELO, Heloisa Helena Vallim de. **The constitution of a deaf person *ethos***: a linguistic analysis of jokes. 2010. 115 f. Thesis (Mastering on Linguistic) – Universidade de Franca, Franca.

From an analysis of jokes about deaf people, told or not by another deaf, this study tries to reflect about the *Ethos* constitution of the deaf person. The purpose of this work is due to the fact of observations we made about jokes, told by deafs, the evidenced humor is related to the mentioned deafness itself, which is always in evidence either by the human character or by an animal or other beings. Thus, the course of this investigation, is oriented from the questioning raised about the reasons why this occurs: which dominant representation the listener person has about the deaf person? Does the listener have a power relation concerning the deaf? Is there a look of an inferior being because of a damaged body? Which is the representation approach that listeners made about the deaf person? Is it because they are held as inferior people that deafs try to report their impairment in jokes? To found the analysis of our *corpus*, we based on the theoretical presuppositions of the aristotelic rhetorical - from the considerations made especially by Amossy (2005), Meyer (2007) and Goffman (2008), as well as the considerations about humor made by Bergson (1987), Travaglia (1989), Possenti (1998) and Propp (1992), who reflect not only about the linguistic resources involved in the construction of humor, but also about the different functions of it. For our purposes the jokes lead to interesting revelations in the realm of rhetorical, because, undoubtedly, carry a learning sense in the microstructure and large meanings in the macrostructure field, rhetorical and semantic. The jokes about deafs mobilized polemic discourses that work with stereotypes (as we have seen, is related to prejudice), resume discourses profoundly rooted that infiltrates in the linguistic techniques and carry discourses that would be forbidden in the official and institutional discourses. In this sense, jokes are free to circulate in the society. Free from the control of the discourse procedures, mainly, that of the forbidden word, the joke shows a very clear representation of the *ethos* that we searched: the laughable hides the social grotesque from, inevitably, establish the difference as a defect not possible to be hidden.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 RETÓRICA, <i>ETHOS</i> E HUMOR	13
1.1 A RETÓRICA	13
1.1.1 Nova Retórica	17
1.1.2 O <i>Ethos</i>	20
1.2 O HUMOR	26
1.2.1 A construção do humor e o gênero piada	26
2 O SINAIS DO EXISTIR	39
2.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS	42
2.2 A SURDEZ E AS RELAÇÕES SOCIAIS	46
2.2.1 A Linguagem e as relações sociais	47
2.2.2 A surdez e o desenvolvimento cognitivo	50
2.2.3 Nuances de um jeito de ser	53
3 O RISO NO ESPELHO	54
3.1 CORPUS DE ANÁLISE	54
3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	55
4 O <i>ETHOS</i> DA PESSOA SURDA – um estudo a partir da análise de piadas..	57
4.1 PIADAS CONTADAS POR OUVINTES	57
4.1.1 Piadas de pessoas surdas	57
4.1.1.1 Os surdos recém casados	57
4.1.1.2 O surdo-mudo e a máfia	60
4.1.1.3 Cubanos	63
4.1.2 Piadas de pessoas que se ensurdecaram com o tempo	65
4.1.2.1 O gênio surdo	65
4.1.2.2 O surdo e o chiclete	67
4.1.2.3 Mineirinho surdo	68
4.1.2.4 A velha surda I	70
4.1.2.5 A velha surda II	72
4.1.2.6 Um cara meio surdo	73
4.1.2.7 A surdez curada	74
4.2 PIADAS DE SURDOS CONTADAS POR SURDOS	75
4.2.1 O toureiro	76
4.2.2 O caçador	78
4.2.3 O militar surdo	79
4.2.4 O surdo pedindo carona	83
4.2.5 O lenhador	85
4.2.6 O nadador	87
4.2.7 O surdo em São Paulo	90
4.2.8 O cocô do surdo	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE A – QUADRO SINÓPTICO	102
APÊNDICE B – TEXTOS DOS ALUNOS	107

INTRODUÇÃO

Nossa experiência, de mais de vinte anos, na área da educação de surdos e, ainda, nosso crescente interesse pelas especificidades da língua brasileira de sinais (LIBRAS) justifica o presente trabalho. Desde o início da nossa vida profissional, surgiu o interesse pelas crianças surdas e suas formas peculiares de apreender o mundo e de enfocá-lo pelo canal visual. Em nossas inexperientes tentativas de principiante, buscamos as tendências educacionais da época (fim da década de 1970), que enfocavam o Oralismo como melhor opção para obter sucesso na aprendizagem. Nessa metodologia, o ideal era levar a criança surda a se aproximar, o máximo possível, da oralidade de uma criança ouvinte, por meio de treinos da oralidade, portanto, da aprendizagem de uma língua de forma não natural.

Após alguns anos de trabalho, notamos que algo não estava indo bem. As dificuldades das crianças na leitura e escrita da língua portuguesa representavam enorme entrave para o desenvolvimento efetivo da cognição e sociabilidade. Isso nos angustiava muito e, dentro das nossas limitações, passamos, instintivamente, a buscar, nos livros de ensino de inglês como segunda língua, recursos para ensinar português para os alunos surdos. Mesmo assim, as dificuldades eram muitas. Faltava algo que não conseguíamos entender. Na busca de soluções, começamos a frequentar diversos seminários e congressos da área, com o objetivo de nos atualizar e de verificar os trabalhos desenvolvidos no Brasil. Tivemos, então, contato com a língua de sinais e compreendemos como a criança surda chegava às escolas, normalmente, sem língua alguma, nem a língua portuguesa nem a de sinais, pois a ausência da audição, com a consequente ausência de uma língua, impossibilita o desenvolvimento linguístico e cognitivo. Com isso, passamos a ver os surdos já não como “deficientes”, mas sim como indivíduos “diferentes”, plenos de capacidades e que têm o direito a uma educação dentro de uma abordagem bilíngue. Essa abordagem privilegia ambas as línguas, a oral e a de sinais, na educação do surdo, valoriza e reconhece a língua de sinais como a única que satisfaz as necessidades das pessoas surdas. A partir dessa reflexão, nasceu a paixão pela comunidade surda e o empenho para aprender a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Por meio da aprendizagem da língua de sinais foi possível a aproximação mais acurada e a melhor compreensão da cultura surda.

Recentemente, durante o cumprimento dos créditos de mestrado, entendemos que, por meio da retórica, seria possível determinar, de modo mais amplo, a constituição do *ethos* da pessoa surda, por meio de interações linguísticas estabelecidas entre sujeitos.

Sintetizamos nosso interesse, para fins acadêmicos, na análise de piadas sobre surdos, sendo elas contadas ou não por pessoas com surdez.

O motivo da escolha do gênero “piadas” se deu devido ao fato de termos observado que, de modo geral, nas piadas contadas por surdos, o humor retratado está relacionado à menção da própria surdez, quer por meio de um personagem humano, quer por meio de um animal ou de outros seres. Essa opção, cremos, nos ajuda para o cumprimento de nossos objetivos em dois sentidos: primeiramente, porque o discurso criado pelo próprio surdo destaca o *ethos* que buscamos; depois, porque o estudo propiciará àqueles não acostumados com a LIBRAS a tomar contato – ainda que de forma limitada, em função dos objetivos de nosso trabalho – com a forma como, moldados pelas especificidades dessa língua, o surdo se relaciona com a própria linguagem.

No que diz respeito ao *ethos*, o percurso dessa investigação se orienta a partir de questionamentos simples, levantados em torno dos motivos pelos quais isso ocorre: seria a necessidade de se fazer ouvir tendo em vista todo descaso e preconceito enfrentado pelo surdo? Seria uma maneira de se justificar, aproveitando da surdez como uma muleta para a obtenção de privilégios? Seria um modo de se aproveitar do universo de representações que os interlocutores foram construindo sobre a pessoa surda? Nesse entrecruzar de impressões do auditório (*pathos*) e revelações do próprio *ethos* cremos ser possível traçar um percurso de revelação identitária, ainda que filtrada por uma pequena amostragem constituída de piadas, do *ethos* do surdo no Brasil. O objetivo central é desvendar, por meio da análise retórica, nuances constitutivas do *ethos* do surdo, marcadas na tessitura textual e nos subentendidos discursivos do gênero piada, visto – por princípio – como um ato retórico e, portanto, persuasivo por excelência.

Para Possenti (2009), os problemas e valores de uma sociedade – sexualidade, etnia/raça, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte – podem ser retratados nas piadas que, também, podem fornecer valiosos dados sobre o funcionamento de uma língua.

Buscamos então, neste trabalho, constituído de um *corpus* de dezoito piadas, nas quais a surdez é o tema central, levantar os recursos retórico-linguísticos envolvidos na construção do humor, buscar as funções retóricas que tais recursos assumem e verificar como contribuem para a constituição do *ethos* do próprio surdo. Em um plano secundário, mas não menos importante para a perspectiva analítica, estão os fatores sociointeracionais, por meio dos quais é possível verificar a relação do surdo consigo mesmo, com o mundo surdo e com o mundo ouvinte, sempre a partir das revelações retórico-linguísticas encontradas nas piadas. Não pretendemos, pois, chegar a conclusões definitivas sobre os aspectos identitários do

surdo de modo geral, mas, sim, mostrar como o gênero piadas, visto como gênero discursivo e como prática interlocutiva, é capaz de dar mostras bem nítidas das características retóricas que fazem sobressair o *ethos* do orador e, por extensão, as impressões do auditório sobre o “caráter” (no sentido aristotélico) social do surdo em nosso país.

Ressalte-se que um princípio de crença embasa a escolha do *corpus*: a cumplicidade com o auditório que é imprescindível para que o humor ocorra. Esse fato demarca a necessidade de termos conhecimentos diversos, um código prévio entre ambos (orador e auditório). Precisamos estar inteirados da cultura de num determinado grupo para participarmos do efeito cômico.

Como enfatiza Possenti (2003), as piadas além de possibilitarem uma análise linguística, propiciada por uma técnica (linguística ou textual) – a qual o autor coloca em primeiro plano – também, revelam algo circunstancial. Nas piadas a enunciação apresenta sempre um sentido que se repete e se renova além de oferecer um fértil terreno para refletirmos sobre o sujeito. Vale ressaltar que, de acordo com o autor, quando analisamos uma piada, não só o surgimento dela deve ser levado em conta, mas também o modo como ela circula e o modo como ela é recebida e afeta os outros.

Obtivemos a amostragem da seguinte forma: dez dessas piadas foram contadas por pessoas ouvintes e oito delas contadas pelos próprios surdos, sendo essas últimas obtidas através da narração de uma instrutora surda. As piadas contadas por ouvintes foram selecionadas de acordo com o tema, diferentemente das relatadas por surdos, cujo tema central, sem exceção, foi espontaneamente aquele que envolve a sua própria surdez.

Para fundamentar a análise de nosso *corpus*, baseamo-nos tanto nos pressupostos teóricos da Retórica de Aristóteles (1964) como nas considerações feitas especialmente por Meyer (2007), Reboul (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Maingueneau (2005), Amossy (2005), Tringalli (1988), Mosca (2004), Pacheco (1997), Garcia (2006). Baseamos, também, nos estudos sociointeracionistas de Goffman (2008). As considerações sobre o humor foram baseadas nos trabalhos de Bergson (1987) Propp (1992), Travaglia (1989), Possenti (1998), os quais refletem não só sobre os recursos linguísticos envolvidos na construção do humor, mas também sobre as diferentes funções do humor. Importante ressaltar que, nas reflexões sobre o *ethos*, pautamo-nos, sobretudo, nos estudos de Aristóteles (1964 e 1998), Amossy (2005), Meyer (2007) e Goffman (2008) que complementam a reflexão com visões contemporâneas dos estudos sobre o *ethos* discursivo. Em relação à surdez, fizemos um percurso sobre as várias razões que contribuem para a constituição identitária do indivíduo surdo, por meio da análise da linguagem e de reflexões

sobre as relações sociais e o desenvolvimento cognitivo, assim como as relações entre a língua de sinais e a identidade surda. Para tal, pautamo-nos nos estudos de Piaget (1986), Vygotsky (1998), Sanches (1990), Brito (1995), Sacks (1998), Skliar (1998), Góes (1999), Goldfeld (2002), Cesáreo (2005) e Perlin (2005).

Iniciamos nosso primeiro capítulo propondo uma reflexão sobre os pressupostos teóricos da Retórica, a partir de conceitos de Aristóteles (1964). Valemo-nos, também, das considerações de Tringalli (1988), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2004), Pacheco (1997), Mosca (2004) e Amossy (2005). Acreditamos ser indispensável a conceituação da retórica enfocando as considerações da Retórica Antiga e da Nova Retórica. Tratamos com mais especificidade do *ethos*, por ser este o tema principal de nosso trabalho.

Outro tema abordado, neste capítulo são as diversas formas que o humor é tratado por seus estudiosos e pesquisadores. A partir dos estudos de Possenti (1998) foram enfocados os mecanismos envolvidos nas piadas, os quais tiveram como base os níveis fonológicos, morfológicos, lexical, sintático, além de aspectos como a pressuposição, a inferência, o conhecimento prévio, a variação linguística e a tradução. Por outro lado, a classificação de Travaglia (1992) enfatiza as categorias as quais se referem ao humor quanto à forma de composição, o objetivo do humor, o humor quanto ao grau de polidez, o humor quanto ao assunto, humor quanto ao código e o que provoca o riso.

Também, dentro deste capítulo, abordamos o gênero piada, o qual vem sendo estudado como objeto de pesquisa capaz de oferecer grande contribuição para a área da linguística.

No segundo capítulo tecemos algumas considerações sobre a surdez, a linguagem e as questões que envolvem o indivíduo surdo que afetam diretamente a sua identidade e construção do seu *ethos*.

A constituição da amostragem e os procedimentos de análise encontram-se no capítulo três, que trata da metodologia.

Já a análise de piadas que nos ajuda a entender a constituição do *ethos* da pessoa surda está exposta no quarto e último capítulo, onde analisamos os recursos da língua que manifestam o humor e colaboram para a constituição do *ethos*.

1 RETÓRICA, *ETHOS* E HUMOR

Para os propósitos desta dissertação, alguns conceitos sedimentados pela retórica são fundamentais para a compreensão da análise que empreenderemos. Uma breve reflexão de natureza histórica se impõe a fim de ressaltarmos os caminhos da persuasão, do conceito de orador (*ethos*), auditório (*pathos*) e discurso (*logos*).

1.1 A RETÓRICA

De acordo com Mosca (2004), a Retórica se norteia pelos princípios de aceitação da mudança, o respeito à alteridade e a consideração da língua como lugar de confronto das subjetividades, sendo que, estes mesmos princípios a têm colocado à prova. A autora enfatiza que a partir do pressuposto de que a argumentatividade se faz presente em toda atividade discursiva, podemos deduzir que ao argumentar consideramos o outro como capaz de reagir e de interagir diante do que lhe propomos, dando-lhes, portanto, a qualificação para a discussão. Na argumentação entram em jogo os interesses, a negociação, a necessidade de influência e o poder. A autora sinaliza que a Retórica, segundo a doutrina aristotélica, é considerada domínio dos conhecimentos prováveis e é por meio do embate de idéias e pela habilidade de se manejar o discurso que ela se desenvolve.

Segundo Mosca (2004), Aristóteles dedicou grande parte de sua obra à temática – *inventio* – e ao arranjo das partes – *dispositio*, sendo que quando a retórica é caracterizada como uma técnica – *techne* – significa considerá-la tanto uma técnica de argumentação como de uma habilidade na escolha dos meios para executá-la. Reboul (2004) salienta que é importante que o orador percorra essas fases para que seu discurso seja bem elaborado. As características básicas da retórica são a eficácia e o caráter utilitário, os quais a tem norteado desde sua origem.

Meyer (2007) ressalta que a retórica, desde suas origens, não é encarada com boa reputação, por tratar do incerto e conflitante. O autor enfatiza que é justamente nesse terreno que ela surge, na Sicília, por ocasião da queda da tirania, quando então, os

proprietários espoliados puderam defender suas causas. É nesse quadro que aparecem os sofistas, os primeiros advogados, os quais faziam uso da sabedoria para a defesa de tais proprietários e passavam, então, a vender seus préstimos. Isso gerou reprovação por parte de Platão (apud MEYER, 2007, p. 19) que denominava a retórica de *falso saber* por ela não se preocupar com a verdade, mas sim, com o que é rentável.

Remonta a essa época a idéia de que o sofisma é enganoso e dessa forma, sofista e retórica contrapõem à idéia de filósofos e pensamentos justos. Enquanto à filosofia cabe liberação dos espíritos, a retórica, para Platão, quer manipulá-los por meio do discurso e pelas idéias.

Aristóteles (apud MEYER, 2007, p. 20) leva a retórica com seriedade e a encara como o inverso necessário da ciência, pois enquanto essa trabalha com certezas, aquela trata das incertezas, as quais estão presentes no cotidiano.

Para Aristóteles (1964, p. 22), a retórica é concebida como “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão”, além de trabalhar diretamente com os raciocínios dialéticos, os quais estão relacionados à arte do diálogo, da contraposição e contradição de idéias, refletindo, portanto, nas opiniões.

Meyer (2007) apresenta as três grandes definições de retórica. A primeira é a de Platão, a qual a concebe como uma *manipulação do auditório*; em seguida, Quintiliano a reconhece como *a arte de bem falar*; e, finalmente Aristóteles a define como a *exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir*. O autor ressalta que em cada definição é focada uma dimensão, um dos três componentes básicos os quais sejam o *orador* (privilegiado na definição de Quintiliano), o *auditório* (enfocado na definição de Platão, onde a emoção tem papel central) e a *mídia*, a forma, o meio o qual eles se encontram para efetuar a comunicação e a exposição de argumentos (em Aristóteles).

O autor ressalta que Aristóteles reconhece a importância que o discurso, a racionalidade e a linguagem têm para a retórica e são essas dimensões que são identificadas como “*logos*”. “*Pathos*” é a palavra que serve para definir o auditório. É o *logos* que faz a diferença entre o discurso racional daquele que provoca paixões, fazendo surgir a emoção. É a força do verbo que faz produzir efeito sobre o auditório.

Meyer (2007) afirma que contrário a esse raciocínio está o de Platão, para quem o *pathos* tem prioridade e não a verdade. É o *pathos* que comanda o jogo da linguagem, além de enfatizar sobre a postura do orador, que ao se preocupar com o efeito muda de opinião ao invés de defender pontos de vistas opostos. Dessa forma, Platão afirma que a razão diz respeito à filosofia, uma vez que para retórica ela causa estranheza.

Segundo o autor, o *ethos*, que está relacionado à dimensão do orador, tem uma abordagem romana a qual enfatiza a emoção na linguagem e desenvolve uma teoria das figuras de estilo. A virtude do orador está intimamente relacionada a eloquência do bem falar. Quintiliano (apud MEYER, 2007, p. 23) afirma que “[...] não se pode falar sem ser um homem de bem”.

Cada definição anterior enfoca uma das três dimensões da relação retórica e Meyer enfatiza não ser possível privilegiar uma dimensão e negligenciar as outras. Portanto, o autor ressalta que foi necessária uma evolução de tais definições para que pudéssemos chegar ao conceito atual.

Com o passar do tempo as definições da retórica foram modificadas, visto que “a retórica que visa agradar ou até mesmo agitar as paixões não é a mesma coisa que uma argumentação que se esforça para convencer por meio de razões” (MEYER, 2007, p. 24).

Atualmente notamos que a retórica, ao invés de se restringir, está mais abrangente, pois tem atingido as mais diversas áreas do conhecimento.

Meyer (2007) conclui que o *ethos*, o *pathos* e o *logos* precisam ter o mesmo valor constitutivo, pois, tanto o orador como o auditório e a linguagem são de suma importância para retórica. Segundo o autor (MEYER, 2007, p. 25) “a retórica é a negociação da diferença entre indivíduos sobre uma questão dada” e, as questões têm papel fundamental para a retórica, pois sem a análise delas não haveria pontos de vistas diversos e todos teriam a mesma opinião. É por meio da retórica que negociamos a identidade e a diferença, tanto a nossa, como a dos outros.

De acordo com Meyer (2007), o que hoje nomeamos de argumentação, a qual está relacionada à disputa na oratória, era chamada de dialética na época de Aristóteles e se opunha à retórica. Apesar de ver a retórica e a dialética como duas faces de uma mesma peça, o autor não esclarece precisamente o que significa essa complementaridade. Ele enfatiza que não há como buscarmos essas diferenças sem recorrermos ao questionamento. Também afirma concordar com Aristóteles quando este diferencia a retórica e a argumentação, dizendo que enquanto aquela utiliza das respostas para abordar as perguntas, esta enfoca a própria pergunta para resolver a diferença entre indivíduos.

Dessa forma podemos notar que na retórica há um forte traço manipulatório para cativar o leitor, onde a questão se apresenta como resolvida. É a forma e o estilo que dão a ilusão do problema resolvido, portanto, o bem falar desempenha papel fundamental na retórica, e é menos enfatizado na argumentação.

Retomando algumas considerações de Mosca (2005) sobre a Antiga Retórica, para que um discurso seja bem construído e eficaz é necessário se ter em mente e saber dosar o ensinar (*docere*), o emocionar (*movere*) e o agradar (*delectare*). É o equilíbrio dessas partes que faz com que determinado discurso seja convincente, atingindo, dessa forma, seu objetivo.

Aristóteles, teorizando sobre o poder da palavra, reconhece que argumentar não está simplesmente relacionado com a atividade racional, mas também com as paixões. Ele distingue os gêneros oratórios em *judiciário*, *deliberativo* (ou *político*) e *epidíctico*. De acordo com Reboul (2004), Aristóteles ressalta que estes três gêneros existem devido, exatamente, à existência de três tipos de auditório. Enfatiza que é de suma importância a adaptação do discurso para nos dirigirmos a cada um desses auditórios.

No caso do discurso *judiciário* o auditório é o tribunal e seu ato está relacionado à acusação ou à defesa. Já o discurso *deliberativo* é dirigido para a Assembléia (Senado) e seu ato é o de aconselhar ou desaconselhar em questões relacionadas à cidade (paz, guerra, defesa, impostos, entre outros). Quanto ao discurso *epidíctico* está direcionado à expectadores, todos que assistem discursos de aparato e tem o objetivo de censurar ou de louvar. Aristóteles ainda afirma que os discursos também mantêm uma relação com o tempo sendo que o *judiciário* se refere ao passado (por julgar fatos já ocorridos), o *deliberativo* ao futuro (por inspirar-se em decisões e projetos) e o *epidíctico*, por sua vez, faz referência ao presente porque a admiração dos espectadores é proposta pelo orador. Em relação aos valores propostos por estes discursos, nota-se que enquanto o *judiciário* diz respeito ao justo e o injusto, o *deliberativo* enfatiza o útil e o nocivo e o *epidíctico* enfoca o nobre e o vil.

Quanto a esses gêneros retóricos, Meyer (2007, p. 30) ressalta que o próprio Aristóteles já dizia que eles frequentemente se sobrepõem. Complementa a seguir que o *ethos*, o *pathos* e o *logos* nos remetem aos três problemas que sempre acompanharam a humanidade, os quais sejam, “eu com o *ethos*, o mundo com o *logos* e o outro com o *pathos*”. Na retórica o outro é representado pelo auditório, tido como juiz e como interlocutor.

Meyer (2007) enfatiza que devido à oposição entre retórica e argumentação e, também, a pulverização dos gêneros, a unidade da retórica, tão logo surge, fica comprometida.

Os gregos viam a retórica como a própria encarnação da pluralidade das vozes na política, porém, Platão não aprecia tal disciplina por julgá-la um falso saber. Já Aristóteles, por ver o bem comum como um processo elaborado que deve ser discutido por todos, valoriza o caráter utilitário da retórica.

O autor esclarece que com Cícero e Quintiliano o foco se dá em nível do *ethos*, sendo que enquanto Cícero estava no momento histórico de fim da República, Quintiliano vivencia o nascimento do Império. Esse quadro faz com que o primeiro privilegiasse o direito e a defensoria, enquanto o segundo desse ênfase na eloquência da corte.

Nota-se, dessa forma, que é na mudança de modelos que a retórica renasce. Quando não há um discurso único surge o confronto de diferentes pontos de vista os quais buscam por boas respostas. Desse modo, sempre que modelos e ideologias se desmoronam, surgem novos modelos que passam a privilegiar o papel de uma das estruturas retóricas das paixões as quais sejam o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Assim tem sido durante todo o percurso histórico, quando tais estruturas voltam ao primeiro plano em ordem dispersa.

1.1.1 NOVA RETÓRICA

O método e a ciência difundidos na Renascença acabam por levar o abafamento da argumentação (a dialética) assim como do *ethos* e do *pathos* os quais são tragados pela moral e pela religião. Portanto da retórica resta apenas o *logos* como puro ornamento, o que a faz estagnar. Quando Perelman em 1958 a revoluciona, identificando-a a argumentação, quando ela era, então, apenas epidíctica.

Enquanto para Aristóteles a retórica era somente estudos das técnicas que visavam a persuasão, onde o *logos* desempenhava papel dominante, em Perelman (apud MEYER, 2007, p. 24) ela é concebida como a técnica que objetiva atingir a adesão de espíritos, no entanto, para ele o *logos* é apenas argumentativo e seu aspecto emocional está esvaziado. Convém ressaltar que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 30) fazem a seguinte distinção entre os termos *persuadir* e *convencer*:

[...] para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação”, logo adiante, os autores complementam que “em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir.

Concluimos, dessa forma, que ao distinguir o ato de persuadir do ato de convencer, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) concebem este como o que está direcionado para a razão, o raciocínio lógico, fazendo uso de provas objetivas; e, aquele como o que se refere aos sentimentos do interlocutor, que se utiliza de provas plausíveis.

Meyer (2007, p. 33) ressalta que na época contemporânea o domínio é do *logos* e enfatiza que “a retórica torna-se discurso sobre o discurso racional, que nem por isso é científico com suas conclusões tão somente verossímeis, e é isso que se entende por *argumentação*”. Afirmar, também, a importância que se deve dar à unificação da argumentação com a retórica, ao invés de privilegiar uma ou outra disciplina.

Segundo Amossy (2005), Perelman veio inovar o estudo da Retórica mostrando que a arte de persuadir, para a obtenção da adesão do auditório, ocupa lugar central em várias disciplinas. Essa “nova retórica” vem reafirmar que o orador necessita de certo dinamismo para se adaptar ao auditório para que possa construir sua imagem e que ela seja confiável, em função do valor que ele inscreve a quem o ouve.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) reformulam a Retórica organizada por Aristóteles e por meio da obra **Tratado da argumentação** apresentam a Nova Retórica, também conhecida como a Teoria da Argumentação. Contribuem com um estudo sobre as técnicas discursivas que provocam a adesão dos espíritos ao assunto exposto pelo orador. Desse modo, a noção de “acordo”, antes desprezada pelo pensamento positivista, é, então, retomada.

Os autores enfatizam que:

Quando se trata de argumentar, de influenciar por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 16).

Portanto, podemos verificar a relevância que as condições psíquicas e sociais têm para que a persuasão se torne eficiente, fazendo com que os espíritos venham a aderir determinado ponto de vista defendido pelo orador.

Como condições prévias indispensáveis para o contato dos espíritos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) consideram que no mínimo é necessário que haja: *a existência de uma linguagem comum* para que a comunicação seja possível; *o acordo prévio* no qual são estabelecidas as regras do modo como ocorre o desenrolar da conversa, por meio de normas sociais; *ter apreço pela adesão do interlocutor* o que implica em reconhecê-lo e considerá-lo com toda sua capacidade, interessando-se por seu estado de espírito.

Podemos, então, verificar que para que as condições prévias venham facilitar o contato com os espíritos é importante fazer parte de um mesmo meio, conviver e manter relações sociais. E é por meio desse acordo prévio, o qual diz respeito às proposições que já são aceitas pelo auditório antes do discurso, que o orador, através de técnicas argumentativas, direciona o seu discurso no intuito de levar o auditório à adesão de sua tese.

O conceito de auditório também é muito importante na teoria da argumentação, por ser fundamental a relação entre orador e auditório. Para que o orador possa influenciar seu auditório com seu discurso é necessário que tenha um bom conhecimento dele. Partindo da premissa de que a fundamentação do discurso deve ser pautada em acordos prévios do auditório, fica evidente a importância de se conhecer profundamente tal auditório para que a argumentação seja mais fundamentada.

Porém, Perelman (2005) considera que a definição de auditório é muito ampla e diversificada, sendo difícil de determiná-la devido às várias formas em que ela pode ocorrer. Exemplifica tais formas como: um deputado que ao dirigir-se ao presidente intenta, na realidade, atingir a opinião pública; um chefe de governo que diante do parlamento pretende convencer a maioria, mas não necessariamente os membros da oposição; um entrevistado por um jornalista que mais que convencê-lo pretende atingir os leitores do jornal; os leitores de um livro, os quais não podem ser determinados pelo escritor. Conclui, assim, que é preferível definir o auditório como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN, 2005 p. 22).

Dessa forma, fica evidente que o orador pensa de antemão nas técnicas argumentativas a serem utilizadas e no auditório que pretende persuadir.

O autor salienta a necessidade que o orador tem de se adequar a um auditório heterogêneo, complementando que, “ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. É a arte de levar em conta, na argumentação, esse auditório heterogêneo que caracteriza o grande orador” (PERELMAN, 2005, p. 24).

Também enfatiza que o orador necessita de conceber o auditório o mais próximo possível da realidade, pois caso venha a ter uma imagem inadequada deste, poderá ter consequências indesejadas. “Uma argumentação considerada persuasiva pode vir a ter um efeito revulsivo sobre o auditório, para qual as razões pró são, de fato, razões contra” (PERELMAN, 2005, p. 22).

Mosca (2005) relata que apesar de a Retórica ser a ciência mais prestigiada da antiguidade, ela esteve afastada devido a sua conturbada existência. No entanto, por causa de seu diverso campo de atuação e por estar situada no terreno da controvérsia, discussão e

debate estão totalmente focados nos conflitos da realidade atual. Mesmo estando fundamentada no núcleo duro da Retórica (como no raciocínio dialético, na união do intelecto com o afetivo, no acordo entre orador e auditório e na persuasão) a Nova Retórica vem recebendo acréscimos das abordagens que surgem dentro das Ciências da Linguagem, tais como da Pragmática, da Teoria dos atos da fala e da perspectiva sociocognitiva-interacionista, sendo que, de acordo com Mosca (2005), nesta perspectiva tem contribuído de modo decisivo para o esclarecimento do mecanismo do pensamento mediado pela linguagem.

Postas essas considerações, podemos concluir que o discurso neutro e imparcial é difícil de ser concebido, pois além de meio de comunicação, a linguagem é também importante instrumento de ação sobre os espíritos.

1.1.2 O *ETHOS*

O conceito de *ethos* passou a ser considerado de fundamental importância, como meio de garantir a persuasão, nos estudos da Retórica de Aristóteles (1998). De acordo com o autor, para que o orador possa ter assegurada a sua finalidade de persuadir seu auditório, é necessário se levar em conta três provas que são decisivas para a obtenção de seu sucesso: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*.

O *ethos* é a própria representação do orador e está ligado diretamente ao seu caráter. O *pathos* diz respeito aos sentimentos do auditório, sendo imprescindível a nossa fundamentação por meio de argumentos das paixões para poder convencê-lo. O *logos* é, propriamente, o discurso que será proferido.

O caráter do orador, demonstrado por meio do seu discurso, é de suma importância para que o auditório venha a se impressionar, passando a crer nele. Se o orador deixar margens para dúvidas perderá o controle de seu auditório, eis, portanto, o motivo pelo qual o caráter e a dignidade são, para Aristóteles (1998), muito relevantes. O autor ressalta que tal caráter não é, necessariamente, o caráter real do orador, sendo muitas vezes, criado por ele próprio para atingir o seu objetivo.

Ao abordar o assunto referente a como se deve influir no ânimo do auditório, Aristóteles (1964) ressalta que, na arte retórica, além de se ter em vista os meios de se tornar o discurso demonstrativo e persuasivo, é necessário que o orador “mostre possuir certas disposições e as inspire ao juiz” (ARISTÓTELES, 1964, p. 115).

Complementando, a seguir, que para que o orador inspire confiança precisa “mostrar-se sob certo aspecto, faça crer que se encontra em determinadas disposições a

respeito dos ouvintes, e, além disso, encontre estes nas mesmas disposições a seu respeito” (ARISTÓTELES, 1964, p. 115).

Para Meyer (2007, p. 34), o *ethos* “é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo”.

A imagem que fazemos de uma pessoa enquanto orador está diretamente ligada ao que nos chega aos sentidos nos causando uma impressão mais ou menos agradável, nos cativando, nos envolvendo. Esse envolvimento surge da capacidade do orador de nos transmitir valores morais, confiabilidade, segurança e autoridade naquilo que se dispõe a discursar, seja essa imagem o que ele realmente é ou o que ele representa ser.

Meyer (2007, p. 35) ressalta que o *ethos* não deve ser identificado puramente com o orador, pois o uso da palavra possui uma estrutura mais complexa. Complementa que “o *éthos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão -, mas isso não se limita *àquele que* fala pessoalmente a um auditório”. Ele se apresenta *como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica*, o que resulta na aceitação das respostas sobre as questões propostas.

De acordo com o autor, para manipular o auditório, o orador pode fazer uso de dois *ethos*. “Um *éthos* imanente, que é a projeção da imagem que deve ter o *éthos* aos olhos do *páthos*, e um *éthos* não-imanente mas efetivo” (MEYER, 2007, p. 35).

Dependendo da problemática que o orador irá enfrentar, ele vai se mascarar ou se revelar, se dissimular ou se exhibir. Portanto, “o *éthos* se refere tanto ao *páthos* como ao *lógos*, atestando valor moral em uma relação com o outro, ou em sua gestão das coisas, mas também no modo de conduzir a própria vida, pela escolha dos meios... e dos fins [...]” (MEYER, 2007, p. 36).

Em seu livro **Imagens de si no discurso**, Amossy (2005, p. 9) nos introduz ao tema *ethos* enfatizando que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. O locutor não precisa detalhar suas qualidades ou seu modo de ser de forma explícita, pois através de seu discurso, do seu estilo, consegue, implicitamente, construir sua própria apresentação por meio de suas trocas verbais, sua postura, enfim, do próprio discurso.

De acordo com a autora, o termo *ethos*, já utilizado pelos antigos, designa a imagem que o orador cria de si com o intuito de persuadir, causando boa impressão ao auditório, pouco importando se é verdadeiro ou não. Portanto, a peça mais importante da Retórica é a construção da imagem que o orador elabora de si próprio durante o seu discurso.

Ao tratar das teorias que abordam o *ethos*, Amossy (2005) faz um percurso pelas teorias da linguagem nas quais o locutor é inscrito no discurso. Convém ressaltar que apesar de tratarmos dessas teorias para que se tenha uma visão geral do tema, nossa análise se fundamenta especialmente nas considerações da Retórica de Aristóteles (1994) e nas do Interacionismo de Goffman (2008).

A autora inicia enfatizando que a construção da imagem de si está fortemente ligada à Enunciação, tendo como principal representante Benveniste (1974 apud AMOSSY, 2005, p. 10), o qual centraliza em seus trabalhos a questão da enunciação, buscando a partir dela, a construção que o locutor faz de si. O autor entendia que, por meio da enunciação tida como forma de discurso, duas figuras de igual valor são identificadas, que são o locutor e o alocutário, os quais mantêm uma relação mútua de dependência.

Catherine Kerbrat-Orecchioni (1980, 1989, 1990 apud AMOSSY, 2005, p. 11) dá continuidade aos trabalhos de Benveniste, examinando as marcas que o locutor imprime no seu enunciado, porém, considerando também a interdependência dos parceiros numa interlocução.

Já em Pêcheux (1969 apud AMOSSY, 2005, p. 11), as duas pontas da cadeia comunicativa (emissor/receptor) fazem uma imagem de si e do seu respectivo interlocutor. Kerbrat-Orecchioni (1980, 1989, 1990) complementa, nessa cadeia comunicativa, com a imagem que um interlocutor acha que o outro faz dele.

De acordo com Amossy (2005), a produção da imagem de si, sob uma perspectiva interacional, passa a ser enfocada nos trabalhos do sociólogo Erving Goffman (1973 apud AMOSSY, 2005, p. 12) que, enfatizando os ritos de interação, influencia a análise das conversações. Para ele os participantes da comunicação passam a ser considerados *interactantes*, os quais exercem *influências mútuas*, uns sobre os outros. Goffman (2008) concebe a interação social como a influência que os parceiros exercem uns com os outros para impor imagens que os valorizem.

Numa perspectiva sociológica, Goffman (2008, p. 9) considera a maneira pela qual o indivíduo apresenta a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas, levando em consideração os meios que ele utiliza para dirigir e regular a impressão que o outro forma a seu respeito. O autor afirma que, na vida real, “o papel que o indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a platéia”. Acrescenta que, quando um indivíduo tem contato com outros, é natural que esses busquem informações a seu respeito, as quais definem a situação, isto é, informações tais como: situação sócio-econômica geral, o que ele pensa de si mesmo,

capacidade, confiança, que podem contribuir para uma relação mais afinada que repercute em seus modos de agir.

Mais uma vez, Kerbrat-Orecchione (1980, 1989, 1990) retoma tal estudo enfatizando os aspectos que dizem respeito diretamente à língua, unindo, dessa maneira, através da análise conversacional, os fenômenos da língua às interações nas quais o locutor procura construir a sua própria imagem.

Nas ciências da linguagem, segundo Amossy (2005), o termo *ethos* é utilizado pela primeira vez na teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1984), ou seja, a pragmática semântica, o qual evita, a princípio, relacioná-lo a um sujeito falante, mas sim, à aparição de um enunciado, que por si só fornece dados sobre o autor da enunciação. Portanto, a semântica pragmática de Ducrot se interessa mais pela instância discursiva do locutor do que pelo sujeito falante real. Locutor e enunciator passam, então, a ser diferenciados. É a partir do conhecimento da aparência que a modalidade da fala confere ao locutor e não o que ele diz de si mesmo, que Ducrot busca a noção de *ethos*, a qual relaciona diretamente com o locutor como tal.

Conforme Amossy (2005) é por meio da noção de *ethos* que a semântica pragmática se encontra com a argumentação dos retóricos. Porém, a autora complementa que embora Ducrot tenha feito referência ao *ethos*, não desenvolveu uma reflexão sobre ele.

A busca pela compreensão da eficácia do discurso, desde a Retórica aristotélica, continua sendo, até os dias de hoje, assunto das diferentes correntes da Análise do Discurso e da Pragmática. Tendo Maingueneau (2005) como expoente da Análise do Discurso, segundo o qual, para legitimar seu dizer, o enunciator deve conferir certo *status* a si mesmo e a seu destinatário, podemos notar que, em suas considerações, a noção de *ethos* reaparece sob novo enfoque. Apesar do conceito de *ethos* aristotélico ser retomado, ele se diferencia da Retórica por se estender a todo e qualquer discurso, até mesmo os do texto escrito. O autor afirma que trabalhou a noção de *ethos* “em direções que ultrapassam bastante o quadro da argumentação: em particular, estudando sua incidência em textos escritos e em textos que não apresentam nenhuma sequencialidade de tipo argumentativo”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 69).

De acordo Maingueneau (2005), a partir do momento em que proferimos um discurso, estamos de alguma forma construindo a nossa imagem, mas é no processo interativo que a projetamos e que nossos ouvintes passarão a nos considerar, fazendo uma idéia de quem somos ou de quem pensam que somos por meio de pistas que damos durante o nosso discurso. O autor estabelece a diferença entre *ethos* dito e o mostrado, sendo o primeiro aquele em que

o enunciador explicita suas características dizendo ser essa ou aquela pessoa, de forma direta. No segundo caso, o enunciador não diz diretamente quem é, mas fornece pistas que irão contribuir para a formação de seu conceito por parte do co-enunciador; neste caso, o *ethos* se apresenta implicitamente.

Maingueneau (2005) não acredita num *ethos* predeterminado, afirmando que ele é constituído na instância discursiva, durante o processo de sua enunciação. Ao conceituar o *ethos*, o autor acrescenta a noção de “tom”, o qual está ligado à noção de caráter e corporalidade do enunciador. Corporalidade esta que está relacionada à representação do corpo do enunciador, o qual se constrói durante o processo discursivo, sendo, portanto, por meio desse “tom” que ele tenta se revelar no seu discurso.

A análise do discurso estabelece, então, uma noção de *ethos* revestido de um discurso e de uma instituição, encontrando-se, dessa forma, com a sociologia. E, ao retomar a idéia do discurso eficaz, defronta-se com a retórica.

Comentando sobre a herança retórica, Amossy (2005) ressalta que a disciplina sempre enfocou a trilogia aristotélica (*logos*, *ethos* e *pathos*) e que estes conceitos sofreram modificações da arte retórica romana que percebia o *ethos* mais relacionado ao caráter. Tanto Quintiliano como Cícero (retóricos romanos) vêem o argumento bem sucedido quando a capacidade de manejar o verbo se une ao caráter moral.

Nos manuais da retórica da idade clássica, a noção de *ethos*, então concebido como “caracteres oratórios”, enfatiza, também, a importância da autoridade moral estar ligada à pessoa do orador.

Outros estudiosos evidenciam que apesar de os clássicos enfocarem a questão da moralidade, esta não elimina a idéia de que, por meio do discurso, o orador se constrói pela maneira da sua fala.

As preocupações atuais da Pragmática coincidem com as considerações da Retórica e também os teóricos contemporâneos da argumentação atualizaram a noção de *ethos*.

Angenot (1990 apud AMOSSY, 2005, p. 20) estuda a imagem do enunciador em um gênero do discurso em sua obra *La pamphétarie* na qual define o panfleto como o ato pelo qual o enunciador procura influenciar seu auditório se colocando como fiador. Nesse caso, o enunciador do discurso aparece de forma fortemente presente com uma marca bem pessoal. O panfletário se exclui do sistema institucional, assume uma postura verossímil, demonstrando, desta forma, sua coragem e indignação. O autor evidencia, assim, que de acordo com o texto, o panfletário modula uma imagem de si.

Amossy (2005) observa que Halsall (1995 apud AMOSSY, 2005, p. 21) desenvolveu uma teoria do *ethos* a partir da união da Retórica e a narratologia, a “narrativa pragmática”, a qual utiliza a concepção de Aristóteles de autoridade, aplicando-a a credibilidade do narrador. A questão da imagem do locutor na narração passa a ser estudada, baseada nos trabalhos de teóricos da Escola Americana do “ponto de vista”. Combinando esses dados com os da Retórica e da Poética de Aristóteles, Halsall busca as condições e o como o enunciador se apresenta confiável ao leitor, reformulando, daí, a questão “do narrador digno de confiança em termos greimasianos de contrato fiduciário”.

Na comunicação entre interlocutores a relação precisa ser de confiabilidade, sendo que, é papel da retórica narrativa, estabelecer como o enunciado, fundamentado na autoridade de convencer do enunciador, vai produzir uma empatia e confiança por parte do enunciatário. Autoridade essa que precisa ser negociada, visto que os interesses pela narrativa nem sempre são os mesmos entre o enunciador e o enunciatário. Cabe ao enunciador mobilizar as diferentes possibilidades para atingir a sua intenção persuasiva.

A partir dessas considerações, verificamos que a capacidade de estruturar a fala em prol de uma construção que convença o auditório realça a percepção central da moral voltada ao orador. O *ethos* está plenamente voltado à solidez do discurso e o orador deve permear a articulação da comunicação com elementos de coerência e coesão. O poder de argumentação gera a credibilidade e dá realce à capacidade persuasiva. Para que haja o convencimento de qualquer auditório devemos usar o *pathos* como preceito e é através dele que o convencimento de qualquer interlocutor dar-se-á por completo. O contexto equilibrado, a articulação bem conduzida são fatores essenciais para a capacidade de dar plenitude à comunicação. A satisfação do auditório só será plena caso consiga dar ao discurso a devida significação e valorização.

Gostaríamos, nesse momento, de enfatizar as contribuições de Erving Goffman (1971 apud JÚNIOR, 2005, p. 125), o qual, afastando-se dos trabalhos de sua época passou a valorizar e a pesquisar com afinco as interações face a face, afirmando que é nas relações entre indivíduos, em encontros sociais, na essência interacional que os fenômenos sociais, culturais e políticos se manifestam. Em relação aos estudos etnográficos, o autor enfoca a necessidade de se analisar a interação social dos sujeitos, por meio da linguagem, como forma de se construir o significado, ao invés de, como vinha ocorrendo nos estudos da época, simplesmente descrever a cultura observada. Dessa forma, podemos constatar que a principal noção que Goffman utiliza é a de que o eu do indivíduo é construído socialmente. Afirma que o eu interacional é o resultado tanto da interação a qual o indivíduo participa, como da sua

própria vontade de participar de determinado evento social com a intenção de constituir significados e alcançar seus objetivos comunicacionais.

No próximo item, tecemos algumas considerações sobre o humor, mais especificamente como ele vem sendo conceituado e quais os recursos linguísticos pelos quais ele se manifesta. Além disso, tratamos, com base em Possenti (1998), do humor nas piadas, nosso objeto de análise.

1.2 O HUMOR

1.2.1 A CONSTRUÇÃO DO HUMOR E O GÊNERO PIADA

Segundo Travaglia (1990), o humor, objeto de investigação do presente trabalho, tem sido analisado sobre diversos enfoques, nas mais diversas áreas do conhecimento e tem funções que vão além do que, simplesmente, fazer rir. No entanto, por muito tempo não recebeu o merecido reconhecimento dentro da linguística, sendo relegado ao segundo plano, talvez por ser considerado empírico. Apenas há pouco tempo passou a ser estudado como objeto de pesquisa capaz de oferecer grande contribuição para a referida área, tais como a análise da atuação linguística no texto humorístico, o estabelecimento das categorias do humor [instrumento utilizado por Travaglia (1988) para analisar o humor], os mecanismos da língua em seus diferentes níveis atuando na produção de efeitos humorísticos de textos. Convém ressaltar que embora presente nos mais antigos registros escritos pela humanidade, o humor, atividade manifestada unicamente no ser humano, tem sido estudado e pesquisado somente após a década de 1980, pois, de acordo com Raskin (apud TRAVAGLIA, 1990, p. 56) somente após a Primeira Conferência Internacional sobre o Humor, ocorrida em 1976, pode-se notar um envolvimento interdisciplinar em favor da pesquisa sobre o humor.

Passamos agora a refletir um pouco sobre como o humor é conceituado por alguns estudiosos e pesquisadores da área.

De acordo com Travaglia (1988, p. 670), o humor tem sido considerado “uma atividade ou faculdade humana universal cuja função vai muito além do simples fazer rir”. O humor é uma forma de revelar verdades, servindo como uma espécie de denúncia e de desmitificação. Por esse motivo, é tido como a linguagem do século e, conseqüentemente, estudado e pesquisado cada vez mais.

Travaglia (1990, p. 55) afirma que:

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

Já Possenti (1998), ao tratar do humor nas piadas, observa que elas revelam os problemas sociais e culturais existentes em uma sociedade, bem como exhibe a estrutura de uma língua. Assim, embora os textos humorísticos possam ser objeto de um estudo mais sistemático, levando-se em conta o sistema gramatical da língua, também se verifica, na manifestação do humor, a relevância do contexto cultural. E é buscando verificar os aspectos linguísticos envolvidos no humor que Possenti (1998) se propõe a análise de piadas, por considerá-las um rico material, verdadeiro laboratório de pesquisa para se testar teorias da linguagem.

Bergson (1987), em seu livro **O riso**, levanta o referido tema buscando respostas para o que vem a ser o riso e o que, de uma forma mais profunda, existe por trás do risível. O riso é visto como um prazer e por isso a humanidade aproveita para produzi-lo.

Para o autor, o cômico é encarado como algo vivo, e, apesar de trivial, ele deve ser respeitado por se tratar de vida. Acredita que por meio dele, através de um conhecimento prático, é possível se chegar aos processos de desenvolvimento da imaginação humana, social, coletiva e popular.

O autor aponta que, pelo fato de não se ter dado a devida importância que os costumes e as idéias têm na produção do efeito cômico, a atividade humana que envolve o humor não tem recebido o devido respeito, ficando, o cômico, relacionado à simples diversão e o riso apenas a um fenômeno exótico. Para que o riso seja compreendido é preciso observá-lo dentro da sociedade sob o foco da sua função, qual seja a significação social. Portanto, Bergson (1987, p. 14) assinala que “o cômico surgirá quando homens reunidos em grupo dirijam sua atenção a um deles, calando a sensibilidade e exercendo tão só a inteligência”.

Analisando, também, os aspectos do riso, Propp (1992) diz que o cômico e o riso são concretos, pois o homem efetivamente ri. A percepção do cômico está ligada, portanto, ao comportamento. Historiador e teórico da comédia cinematográfica, de acordo com Propp (1992), o russo Iurêniev estudou certos aspectos do riso, observando que eles possuem ligação direta com diferentes atitudes do ser humano. Tal riso pode ser alegre, triste, inteligente, tolo, irônico, sarcástico, sincero, cansado, divertido, nervoso, entre outros muitos aspectos e combinações.

Para a presente pesquisa, é importante observar a ligação entre determinados aspectos do riso e do cômico. Isso se justifica devido ao fato de que, em um grande número de piadas de surdos, contadas por ouvintes, aparece o riso depreciativo, assim como o de zombaria.

Garcia (2006) faz em seu trabalho uma síntese sobre o que pensam vários estudiosos, sobre o humor, ressaltando que, de um modo geral, todos o relacionam com tudo aquilo que provoca o gesto fisiológico do riso. Segundo a autora, para Propp (apud GARCIA, 2006, p. 132) o humor é a capacidade de perceber e criar o cômico, aquilo que faz rir. Já Bergson (apud GARCIA, 2006, p. 132) faz referência ao humor dando-lhe um enfoque de natureza científica, o inverso da ironia. Utilizando uma abordagem semiótica e retórica, Defays (apud GARCIA, 2006, p. 132) considera o humor como cômico e proteiforme por variar de aspectos, graus, procedimentos ou temas, além de ter um potencial argumentativo, pois pode promover a aceitação ou rejeição de alguém, visto que, colocando em ação a solidariedade, rimos com alguém de alguma coisa, ao passo que, quando usamos da exclusão, rimos de alguém ou de alguma coisa.

Para analisar linguisticamente o humor, os autores acima referenciados utilizam os mais diversos recursos, enfocando as questões que consideram merecedoras de atenção e que constituem importantes marcas para as suas teorias.

Travaglia (1992), por exemplo, estabelece seis categorias, nas quais procura demonstrar como recursos e mecanismos da língua vão atuar para a produção de efeitos de humor em textos. Em seu artigo *O que é engraçado?*, Travaglia (1992), analisando programas humorísticos da televisão brasileira e, também, piadas contadas ou publicadas em revistas, estabelece seis categorias do humor, levando em consideração o que era marcado pelo riso, para determinar o que se pode considerar como humor, além de analisar os recursos utilizados para se atingir tal efeito.

A primeira categoria analisa o *humor como forma de composição* podendo ser descritivo (o que provoca o riso é como algo ou alguém é), narrativo (o que acontece é o que provoca o riso) e dissertativo (o que faz rir são as idéias).

O *objetivo do humor* é a segunda categoria e nela podemos ter o riso pelo riso (exclusivamente fazer rir, divertir, porém, o autor questiona a existência do riso pelo riso por dois motivos: porque todo humor acaba sendo liberador num sentido psicológico e porque a vocação básica do humor é a crítica e a denúncia), a liberação (tem caráter sócio-psicológico, pois, o humor, por ser algo “não-sério”, leva ao rompimento da proibição e da censura que a sociedade nos impõe), a crítica social (pode ser política, de costumes, instituições, serviços,

caráter ou tipo humano e governo) e a denúncia (são os comportamentos explícitos, admitidos e mesmo incentivados pela sociedade que são aqui criticados).

A terceira categoria trata do *humor quanto ao grau de polidez* subdividindo-se em humor de salão, médio e sujo ou pesado.

O *humor quanto ao assunto* é o tema da quarta categoria sendo que ele pode ser considerado negro (é o rir das desgraças, das tristezas, de doenças e patologias, das enfermidades físicas ou não), sexual (erótico, pornográfico enfoca sempre fatos ligados ao relacionamento sexual das pessoas), social (enfoca classes e grupos da sociedade e tipos humanos, criticando seus costumes, características, preconceitos, atitudes, denunciando o que fazem contra a própria sociedade ou ajudando-os a libertar-se das amarras de que são vítimas.) e étnico (enfoca características reais ou atribuídas a grupos étnicos, raças, povos). Os que abordam assuntos sobre sexo e a sociedade são os mais frequentes.

A quinta categoria é a que trata do *humor como código* podendo ser verbal ou não verbal. De acordo com Travaglia, por ser o código linguístico o que prevalece, evidencia-se, assim, que o estudo dos humores pela linguística é de suma importância. Por estarmos tratando de piadas contadas por surdos, acreditamos ser de grande importância enfatizar nesta categoria o “não-verbal”, para tanto utilizamos a classificação realizada por Travaglia (1992).

Como o próprio nome diz, o “não-verbal” faz uso de outros recursos e códigos que não são os verbais, podendo ser classificados em: de *situação* (por exemplo, quando um personagem fala mal de uma pessoa para a própria pessoa porque não a conhece); *gestos; movimentos e atitudes corporais; caracterização* (aqui também entram as caricaturas); *expressões fisionômicas; ruídos vocais não linguísticos; objetos* (exemplo: uma gravatinha ridícula, nesta subcategoria o autor relata sobre um quadro do “Telejornal do Gordo”, de Jô Soares, feito para pessoas mais ou menos surdas, onde o apresentador faz uso de objetos no intuito de sinalizar o que está sendo falado na notícia, mas que acabam sugestcionando coisas diferentes das ditas pelo locutor); *a voz* (aonde o uso do timbre vem ajudar a compor o humor). Outros códigos que podem aparecer são: o desenho, pintura, cor, luz, música, porém, o autor se refere a eles como “auxiliares”.

A sexta categoria é constituída por *o que provoca o riso* e se subdivide em *scripts* (estupidez, esperteza ou astúcia, absurdo, ridículo e mesquinhez) e mecanismos (cumplicidade, ironia, mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, ambiguidade, uso de estereótipos, contradição, sugestão, descontinuidade de tópico, jogo de palavras, quebra-língua, exagero, desrespeito a regras conversacionais, observações metalinguísticas, violação de normas sociais).

Dessa forma, podemos observar que Travaglia (1992) acredita em duas condições básicas, aquela que prioriza a língua utilizando os textos humorísticos para evidenciar os mecanismos de funcionamento desta e a que mobiliza os conhecimentos linguísticos para buscar respostas para os questionamentos que envolvem os estudos sobre o humor, onde observa como os mais variados recursos linguísticos são utilizados como gatilho para a obtenção do humor.

Buscando respostas para verificar o que existe por trás do risível, Bergson (1987) aponta três observações que julga serem fundamentais.

A primeira se refere ao lugar onde a comicidade se apresenta *no humano*, pois fora dele ela inexistente. Pode ocorrer por algo da natureza, um animal ou um objeto, mas sempre por trás está a atitude do homem, a fantasia humana.

A observação seguinte é a que diz respeito à *insensibilidade* que acompanha o riso. Há necessidade de certa indiferença e distanciamento das emoções e afeições para que a situação venha levar ao riso, ao cômico. As emoções são consideradas as maiores inimigas do riso. Para podermos perceber o cômico, precisamos assistir a vida como um espectador neutro, minimizando o excesso de solidariedade, pois ele se destina à inteligência pura.

O terceiro fato está relacionado à necessidade de essa *inteligência pura* estar em contato com outras inteligências. O riso precisa ter um eco, uma repercussão. No entanto, Bergson (1987) salienta que ele pode ocorrer tanto no interior de um círculo amplo, porém, mesmo assim, fechado. Precisamos estar incluídos num determinado grupo para participarmos do efeito cômico.

Diz que um dos motivos que ocasiona o riso é o que ele chama de “rigidez mecânica” (BERGSON, 1987, p. 15) a qual se refere à falta de agilidade, de maleabilidade. O risível está justamente no desajeitamento e a casualidade é uma das características do cômico. Outra situação que causa o riso é o tipo humano que apresenta um desvio de comportamento. No entanto, o cômico não está exatamente no desvio, mas sim numa tendência natural do riso.

O autor faz uma relação entre o que os vícios representam para o caráter comparando-os a uma curvatura da alma e, por vezes, é o vício que nos tornará cômicos impondo-nos a sua rigidez. O cômico é inconsciente, visto que o personagem deve ignorar a sua comicidade.

Bergson (1987) ressalta que o riso é um tipo de castigo para nossos costumes, pois nos desperta para que nos transformemos no que deveríamos ser. Portanto, a vida nos impõe certa tensão, no sentido de dominarmos a situação presente e, também certa elasticidade no sentido de adaptarmos às estas situações. Caso não tenhamos estas duas forças

as debilidades e doenças nos acometerão. Por outro lado a sociedade nos impõe, pelo nosso temor ocasionado pelo riso, certa rigidez de caráter, do espírito e do corpo.

Podemos concluir que o riso é um tipo de gesto social e funciona como uma arma de controle que reprime nosso lado excêntrico.

Já o cômico surge quando a sociedade e a pessoa passam a tratar-se como obras de arte, deixando de lado a sua preocupação com a conservação. O cômico se instaura exatamente entre a arte e a vida.

Refletindo sobre o fato de certas deformidades terem o poder de provocar o riso, Bergson (1987, p. 20) nos leva a seguinte constatação “Pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem conformada consiga imitar”. Mais uma vez podemos perceber que a questão que envolve a rigidez se torna de alguma forma cômica. Portanto, uma fisionomia que tem traços como o automatismo, a rigidez, o hábito adquirido e conservado nos causa o riso e se intensifica quando o relacionamos a um desvio fundamental da pessoa.

Quanto ao cômico enfocado nos gestos e movimentos, Bergson (1987) ressalta que eles são motivo de riso a partir do momento em que pensamos no seu simples mecanismo. Assim, no caso de um orador podemos observar o gesto e a fala no mesmo espaço. O pensamento, a idéia flui naturalmente num discurso e o gesto deve acompanhar o pensamento. Se nos detivermos no mecanismo esperado, sua ocorrência, isto se tornará cômico. É o automatismo, o efeito mecânico que nos fará rir.

Partindo da idéia do “mecânico calcado no vivo” Bergson (1987, p. 27) propõe caminhos a seguir direcionados por este ponto de vista.

O primeiro diz respeito à rigidez aplicada à mobilidade da vida onde se busca a imitação de sua maleabilidade. A próxima reflexão se faz em cima da noção de disfarce, a qual apresenta o poder de fazer rir. Muito embora muitas afirmações sejam absurdas sob o enfoque da razão, elas se tornam verdadeiras quando se trata da imaginação. Daí, Bergson (1987) conclui que existe uma lógica da imaginação e uma lógica da razão que são diferentes e por vezes se contrastam. É a lógica da imaginação que merece destaque, pois a pessoa que se disfarça se tornará cômica.

O segundo caminho descrito por ele se refere à perfeição da flexibilidade do corpo, no entanto é à alma, mais que ao corpo que pertence a atividade da atuação. O cômico se instaurará a medida que vemos no corpo um invólucro da alma, o qual a incomoda e a prende. Por outro lado teremos uma alma incomodada devido às necessidades deste corpo. É, exatamente, na mudança de foco da nossa atenção, da alma para o corpo, que a situação de comicidade se dará. É a forma querendo se sobressair ao fundo.

O terceiro e último caminho se refere à transfiguração de uma pessoa em coisa, sendo que sempre que tivermos tal impressão teremos motivos para rir. O processo de sugestão, utilizado por certos atores, vem auxiliar e fortalecer a relação entre o humano e o objeto, levando a platéia a esta transição.

Quanto à comicidade da vida cotidiana, o autor diz que ela está presente nas ações e situações e que a comédia é um brinquedo que imita a vida. Ele analisa três processos que podem vir a provocar a comicidade de situações, que são: a repetição (por contrastar com o curso natural da vida), a inversão (por inverter fatos levando o personagem cair na própria trama) e a interferência de séries (pela manifestação da interferência de duas séries independentes). Conclui que a mecanização da vida é o objetivo em qualquer um desses três processos, e, assim como a comicidade de um tipo individual ocorre devido a certo desvio da pessoa, a comicidade dos acontecimentos se deve por um desvio das coisas.

Analisando a comicidade de palavras, Bergson (1987) salienta que a maior parte dos efeitos cômicos é produzida pela linguagem, fazendo uma distinção entre o cômico que ela exprime e o cômico que ela cria. O que as difere é que na primeira situação é possível a tradução para qualquer língua, mesmo que perca parte do seu vigor devido aos costumes, literatura e associações de idéias. Já na segunda situação ela é intraduzível por ser a estrutura da frase e a escolha da palavra responsável pelo efeito cômico.

O autor também faz uma distinção entre o espirituoso e o cômico, dizendo ser cômica a palavra que nos faz rir da pessoa que a pronuncie e espirituoso quando rimos de nós ou de uma terceira pessoa.

Quanto às formas de comicidade de palavras, Bergson (1987, p. 61) diz que “obteremos uma expressão cômica ao inserir uma idéia absurda num modelo consagrado de frase”. Sendo a rigidez uma das formas de obtenção de comicidade, pode-se constatar que ela também se faz presente na linguagem por meio da utilização de algo absurdo, uma contradição, numa frase estereotipada. Portanto, o absurdo não é a fonte da comicidade, mas, sim, o meio simples e eficaz.

Da mesma forma que rimos quando desviamos nossa atenção para o aspecto físico de uma pessoa, rimos também de uma expressão tomando-lhe o sentido próprio quando era utilizada no sentido figurado. Para o autor a frase se tornará cômica se conservar o sentido mesmo quando invertida, se exprimir dois sistemas de idéias totalmente independentes e se a obtivermos transpondo a idéia a uma tonalidade que não é a sua. Dá o nome de *transformação cômica das proposições* a essas três leis. Faz referência também à comicidade obtida através

do exagero e da degradação. A utilização da linguagem profissional nas relações do cotidiano é, também, um modo de transposição que nos remete ao engraçado.

Bergson (1987) enfatiza que a comicidade de palavras muito se assemelha à comicidade de situação e que ambas vem esbarrar na comicidade de caráter. Sendo a linguagem uma forma puramente humana e, portanto, sofrendo influências de organismos independentes, é possível, através dela, chegarmos a efeitos risíveis.

Comentando sobre a comicidade de caráter, Bergson (1987, p. 71) enfatiza que “o riso tem uma significação e um alcance sociais, que o cômico exprime antes de tudo certa inadaptação particular da pessoa à sociedade, e que afinal só o homem é cômico, é o cômico, é o homem, é o caráter que primeiramente tivemos por alvo”.

O autor, (BERGSON, 1987, p. 72), chama de *enrijecimento contra a vida social* o fato de deixarmos de nos sensibilizar com os problemas e tristezas alheios, transformando-os, por vezes, em comédia. A sociedade de um modo geral impõe uma forma de correção, por vezes humilhante para que as pessoas se modelem às suas expectativas, dissolvendo, desse modo, toda rigidez imposta por hábitos adquiridos outrora, tendo o riso a função corretora. Ele ressalta que não é apenas dos defeitos que rimos, pois há momentos que também rimos das qualidades.

Mais uma vez afirma ser a rigidez que motiva o riso, complementando que o isolamento de um indivíduo constitui o cômico. Dessa forma, pode-se compreender porque a comicidade muitas vezes está relacionada aos preconceitos de uma determinada sociedade. É, pois, a insociabilidade que nos faz rir. Considera, portanto, como condições essenciais para a obtenção da comicidade a insociabilidade do personagem, a insensibilidade do espectador e o automatismo do que se faz (gesto involuntário e palavra inconsciente).

De acordo com Bergson (1987, p. 86), “o personagem cômico é habitualmente um desviado e desse desvio a uma ruptura completa de equilíbrio a transição se fará imperceptivelmente”. Para o autor, o riso é capaz de realizar um trabalho de neutralização dos desvios sociais.

Muito embora o riso tenha sido concebido com uma forma de castigar, ele carrega em si um aspecto de descontração, pois quando um personagem cômico organiza seu pensamento, fala e ação, ele o faz como se fosse um sonho, conseqüentemente, o sonho é uma forma de descontração que, através da ludicidade, nos faz descansar do esforço e cansaço existente no lógico, no pensar. Assumimos o papel de quem brinca, rompendo, assim, com as convenções da sociedade, a qual nos leva sempre a certa fadiga. Porém, por se tratar também de um desvio, voltamos rapidamente ao nosso estado anterior.

O riso continua sendo, antes de tudo, uma forma de castigo e humilhação à sua vítima, a qual deve se corrigir, ajustando-se aos padrões da sociedade. Eis, pois, que o riso não é totalmente justo e nem bom, por se revelar egoísta.

Bergson (1987, p. 100) conclui que:

[...] o movimento de descontração ou de expansão não passa de prenúncio do riso, e que quem ri entra de pronto em si, afirma-se mais ou menos orgulhosamente a si mesmo, e tenderia a considerar a pessoa de outrem como um fantoche do qual segura os cordéis.

Buscando os aspectos do riso, Propp (1992, p. 28) faz uma citação de Iurêniev que ressalta: “As relações recíprocas entre as pessoas que surgem durante o riso, ligadas ao riso, são diferentes: as pessoas zombam, ridicularizam, desfazem [...]”. E muito nos acrescenta a compreensão do riso enquanto zombaria ligada ao cômico, tão presente no cotidiano. O homem pode tornar-se objeto em quase todas suas manifestações, seus aspectos, seus movimentos, seus desejos, suas aspirações e também suas deficiências.

Em relação à natureza física do homem, Propp (1992) observa que o riso está presente quando as manifestações exteriores e físicas das ações dos homens encobrem a significação interior. A pessoa que ri vê no outro o seu ser físico e o que há de risível nele, seja um nariz grande, a obesidade, a silhueta, os movimentos ou um corpo nu.

Porém, segundo ele, nem todo corpo estranho é ridículo por si só. Quando o poder interior e a força espiritual da pessoa prevalecem sobre os aspectos físicos, não ocorre o riso. No caso oposto, quando observamos apenas o aspecto físico do corpo, também não obrigatoriamente ocorre o riso, como por exemplo, quando uma pessoa obesa está doente e vai ao médico. Neste caso, o sofrimento pela doença não é risível de forma alguma. Propp (1992, p. 46) diz: “A comicidade, portanto, não está nem na natureza física nem na natureza espiritual do doente. Ela se encontra numa correlação das duas, onde a natureza física põe a nu os defeitos da natureza espiritual”, ou seja, a vida física e a vida moral do homem podem ser objeto de riso.

Raramente a comicidade se explica por uma causa única. O riso é poderoso, e segundo o autor, pode ter caráter destruidor: “O riso é uma arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio”.(PROPP, 1992, p. 46).

Sobre o riso maldoso, Propp (1992) nos diz que nele os defeitos, às vezes só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados e inflados e alimentam os sentimentos

maldosos e ruins. Ele explica que este riso não está ligado à comicidade e não suscita nenhuma simpatia. E embora este tipo de riso não surja da comicidade, ele pode ser provocado pelo mesmo princípio que provoca o riso em relação aos defeitos humanos.

Para o autor, o riso maldoso é parecido com o riso cínico, pois ambos têm origem em sentimentos ruins. A diferença é que o riso maldoso diz respeito a defeitos falsos, e o riso cínico está ligado ao prazer da desgraça alheia. Ele afirma que o limite entre o riso das pequenas e grandes desgraças não pode ser estabelecido sob bases sólidas, sendo somente percebido pelo sentido moral. De acordo com Propp (1992, p. 160), “a desgraça dos outros, não importa se é pequena ou grande, e a infelicidade alheia podem levar um ser humano árido, incapaz de entender o sofrimento dos outros, a um riso que tem características do cinismo.” E mais adiante, afirma que:

[...] ri-se dos doentes ou dos velhos que não conseguem levantar-se ou fazem-no com dificuldade; ri-se quando um cego vai bater contra um poste de luz, quando alguém se machuca, ou quando é vítima de um grande sofrimento [...] (PROPP, 1992, p. 161).

Em relação ao riso alegre, Propp (1992, p. 163) nos diz que ele é vivificador, e pode originar-se dos pretextos mais insignificantes: “Desse riso sabem rir pessoas alegres por natureza, boas, dispostas ao humorismo”. Ele diz que este riso pode ser considerado como subjetivo, mas que pode haver nele causas objetivas.

Propp (1992, p. 163) conclui “[...] ele apaga a cólera e a ira, vence a perturbação e eleva as forças vitais, e o desejo de viver e de tomar parte na vida.”

Passemos agora a analisar o trabalho desenvolvido por Possenti (1998) que, por meio da análise de piadas, buscou verificar os aspectos linguísticos que envolvem o humor. Aqui interessa-nos não só as considerações sobre o humor e como ele é garantido pelos recursos linguísticos, mas também a ênfase que o autor dá ao gênero piada, o qual é objeto de nossa investigação.

A preocupação do autor foi a de explicar “como” as piadas funcionam e não “o que” elas significam. Ele busca descrever as chaves linguísticas, o meio como se desencadeia o riso. Para tanto, além de fazer referência a ingredientes importantes, conhecimentos diversos para se entender uma piada, ele nos fornece os conhecimentos linguísticos para compreendermos algumas piadas apresentadas em seu trabalho.

O autor enfatiza que não há uma linguística do humor, ressaltando que não há uma linguística que se baseie em textos humorísticos com o intuito de descobrir ingredientes para fazer este tipo de texto; não há uma linguística que explicita ou organize estes

ingredientes; não há uma linguística que se ocupe em decidir se os mecanismos explorados para a função humorística têm exclusivamente essa função. Portanto, ao analisar textos humorísticos, Possenti (1998) constata que eles apresentam os mais diversos aspectos, o que descarta a possibilidade de uma linguística do humor.

As discussões e dados levantados por pesquisadores que trabalham com textos humorísticos são os mesmos levantados para textos não humorísticos. O autor acredita que a linguística tem muito a ganhar em estudos e pesquisas com textos desse teor, sendo necessário que os aspectos tipicamente linguísticos sejam considerados. Aponta algumas razões que fazem das piadas um material interessante para os pesquisadores, tais como, temas, estereótipos, veículo de discurso proibido. Mais forte que estas razões seriam o fato de que as piadas interessam como peças textuais que exibem com bastante clareza um domínio da língua, de alguma forma, complexo. A piada pode exemplificar qualquer domínio tematizado por uma teoria linguística de um modo mais envolvente.

O autor propõe um esboço de enumeração dos mecanismos envolvidos nas piadas, classificando-as com base nos níveis (fonológico, morfológico, sintático e lexical).

No nível *fonológico*, há possibilidade de duas leituras de uma sequência que oferece significação diferente no texto.

Quanto ao nível *morfológico*, ele ressalta a impossibilidade de tratar de piadas morfológicas sem incluir os problemas fonológicos.

No caso do *léxico*, há possibilidade de se tratar do duplo sentido da palavra dando a possibilidade de veiculação de um discurso indireto além de poder basear numa forma especial da palavra.

A utilização de *dêixis* também é um recurso que pode ocasionar fonte de equívoco. Outros possíveis mecanismos que desencadeiam o humor podem estar relacionados à sintaxe, pressuposição, inferência (está relacionado ao trabalho que o leitor precisa ter para concluir o que não está explícito no texto), conhecimento prévio, variação linguística, tradução (apesar de muitas vezes não haver palavras que apresentam equivalentes na língua traduzida, isso não significa que não há possibilidade de se traduzir piadas).

Possenti (1998) afirma que as piadas, além de serem ótimos exemplos para se explicitar princípios de análise linguística, são também excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas.

Segundo o autor, sempre houve, por parte dos estudiosos, muita resistência para se analisar linguisticamente, de forma explícita, as piadas, deixando para outras áreas o fazerem. No entanto, quando opinam sobre a questão do humor acabam produzindo

“obviedades inúmeras”, como: a) as piadas são culturais; b) se uma piada não for bem contada, ela não funciona; c) o humor é crítico.

Quanto ao primeiro comentário, Possenti (1998, p. 42) afirma que não só as piadas são culturais, mas “todos os textos, todas as formas de narrativa são obviamente culturais”.

Daí, pode-se concluir que esse traço não separa as piadas de outro tipo de texto. O interessante seria explicitar quais fatores culturais são relevantes para quais aspectos das piadas. Também é apresentada como óbvia a necessidade de se conhecer traços da cultura para que uma piada possa ser entendida e para que possamos rir dela. As piadas podem ser consideradas como quase universais no sentido de que todos os povos as produzem e também seus tópicos são restritos (quase sempre os mesmos), com exceção das que dependem somente de fatores linguísticos.

Em relação ao comentário de que *se uma piada não for bem contada, ela não funciona*, o autor afirma que qualquer texto que não for bem organizado e formulado também não funcionará. Para que uma piada seja bem contada é necessário que algum elemento venha desencadear uma ambiguidade. É na passagem da interpretação óbvia para outra que o riso se evidenciará.

Quanto à quantidade de riso provocado por uma piada, vale ressaltar que muito embora muitos pensem que para que uma piada seja boa deve provocar muitos risos é bem verdade que grandes piadas podem provocar apenas risos leves.

Outra questão é a que se refere à representação e teatralização de certos contadores de história que utilizam diversos recursos que, apesar de produzirem o riso, não tem nada a ver com piadas propriamente dita.

Quando se refere aos temas, o autor diz que não são eles que fazem com que uma piada seja uma piada, mas sim a maneira de apresentá-los, portanto, é a técnica e não os “lugares-comuns” que torna uma piada engraçada.

Na última obviedade apresentada, a de que o *humor é crítico*, é abordado o equívoco que a humanidade tem em generalizar, antecipadamente, tomando a parte pelo todo, sendo que este vício também é estendido às análises de vários campos, inclusive o do humor. Sob este ponto de vista, o humor pode ser concebido como de um único tipo e como uma única função, possivelmente por vermos o humor específico de humoristas profissionais de jornais que de um modo geral, criticam políticos, atitudes, entre outras coisas mais; porém, vale ressaltar que este não é todo tipo de humor. Por isso afirmar que o humor é unicamente crítico, é tomar uma posição muito parcial.

Uma das maiores características do humor é que ele “permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente [...]” (POSSENTI, 1998, p. 49).

O autor afirma que apesar de acreditar que há piadas que criticam a sociedade, desconfia dessa sua função, pois elas apenas reproduzem discursos já existentes e isso faz com que a crítica das piadas não sejam uma crítica nova, uma novidade.

No que concerne ao motivo do riso, Possenti (1998, p. 64) diz que nós rimos de tudo, até da estrutura de nossa língua. Explica que tem se dedicado a “transformar piadas em *corpus* digno de ser analisado por linguistas sérios”. Ressalta que o que leva um leitor a rir são fatores como: a surpresa sintático-semântica que é descoberta pelo leitor através de um *insight*; a instauração de uma pressuposição no caso de uma expressão; a entonação dada a determinado enunciado; e a possibilidade de se atingir algo inatingível.

Muito embora o autor acredite que fazer humor seja uma questão técnica, ele afirma que somente a técnica não é suficiente. Em seus estudos constata que as técnicas utilizadas para produzir o humor envolvem ambiguidade linguística, inferência, ambiguidade de elementos dêitico-anafóricos, equívocos de uso e menção, mudança de *script* inesperada, possível bestialismo, deslocamento de foco, e também elementos relativos à temática. Quanto ao que se refere ao discurso étnico, Possenti (1998) comenta que o discurso humorístico é somente uma das formas de discurso onde o riso é um desejo de agressão.

2 OS SINAIS DO EXISTIR

A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. (HJELMSLEV, 1975, p. 23).

Devido ao fato do nosso trabalho enfocar diretamente as questões que envolvem a linguagem, língua e fala acreditamos ser conveniente, neste momento, nos debruçarmos sobre os vários sentidos que diferentes autores se referem a esses termos. Importante ressaltar que, de acordo com Goldfeld (2002, p. 29) “na área da surdez, em alguns contextos, estes termos ganham conotações diferentes das utilizadas usualmente em outras áreas do conhecimento”.

A linguagem é conceituada como qualquer meio sistemático de comunicar idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc.

Já a fala está relacionada à faculdade que o homem tem de expressar suas idéias e emoções por meio de palavras, as quais são signos verbais da linguagem articulada. Para o linguista Ferdinand de Saussure (2008), é a parte da linguagem e se manifesta como ato individual, por oposição à *língua* (que é social em sua essência e independente do indivíduo).

Quanto à língua podemos dizer que esta é um sistema de representação constituído por palavras e por regras que se combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito. Saussure (2008) a considera o sistema abstrato de signos inter-relacionados, de natureza social e psíquica, obrigatório para todos os membros de uma comunidade linguística.

Definir língua é uma tarefa muito complexa, visto que cada teoria desenvolveu sua própria perspectiva sobre o tema.

Pereira (2000), em seus estudos sobre a aquisição do português por aprendizes surdos afirma que a literatura linguística faz referência a duas concepções mais comuns de linguagem: aquela que a vê como instrumento de comunicação, transmissão de informações, por meio da qual emissor e receptor se comunicam. Nessa perspectiva a língua é concebida como um código e é colocada fora do fluxo da comunicação verbal.

Quanto à outra concepção, é a que valoriza a linguagem como lugar de interação humana, de interlocução, portanto de constituição de sujeitos. A língua, dentro dessa proposta, é vista como atividade de linguagem construída por indivíduos.

O primeiro linguista que sistematizou tais conceitos foi o suíço Saussure (2008), no ano de 1916, sendo, portanto, considerado o pai da linguística. De acordo com este estudioso, a linguagem é constituída pela língua e pela fala.

Para Saussure (2008), a língua é um sistema de signos os quais se diferenciam de acordo com sua relação com outros signos. A língua é um fenômeno social devido ao fato de ser o produto de uma convenção pré-estabelecida. O autor também ressalta que língua e fala não devem ser confundidas, pois, para ele, a fala é a manifestação externa da língua, e, dessa forma, não há por que ser estudada na área da linguística. Saussure reconhece que o que é natural do homem é a sua capacidade de constituir uma língua e não a linguagem falada.

Chomsky (2005), o fundador da gramática gerativa e da revolução cognitiva, concebe a língua como um objeto puramente mental do ser humano, portanto, é o aspecto mental da língua que é enfocado por esse teórico. O autor defende a teoria de que temos um dispositivo inato em nossa mente que nos faz, em determinado momento, por meio da exposição a um ambiente estimulador, passarmos a acioná-lo, contribuindo para o desenvolvimento de nossa faculdade da linguagem, durante o processo de aquisição. De acordo com Chomsky (2005, p. 29) “nosso conhecimento de uma língua é muito mais inato do que antes se suspeitara... a criança não precisa aprender de início as propriedades da língua à qual está exposta; em vez disso, apenas seleciona opções específicas de um conjunto antes determinado.” O autor enfatiza que “a faculdade humana da linguagem parece ser uma verdadeira *propriedade da espécie*, variando muito pouco entre os seres humanos e sem um análogo significativo em outro domínio.” e que “a faculdade da linguagem entra de maneira decisiva em cada aspecto da vida, do pensamento e da interação humanos” (CHOMSKY, 2005, p. 29). Aponta-a como a responsável pela história e evolução cultural da nossa espécie.

Ao analisar a linguagem, Chomsky (1975) afirma que a gramática é a teoria de uma determinada língua e é ela que especifica as propriedades formais e semânticas de um número infinito de frases, as quais, com suas próprias estruturas, vêm constituir a língua que é gerada pela gramática. Dessa forma as línguas são elaboradas e podem ser aprendidas. É necessário que a faculdade da linguagem seja estimulada para que venha a constituir uma gramática, a qual passa a ser reconhecida por língua. Esse conhecimento é utilizado na compreensão do pensamento. Do mesmo modo norteia nossa opção terminológica por língua

de sinais (e não linguagem de sinais) em função da existência de uma nítida gramática que a constitui. Sobre essa concepção, refletiremos mais amplamente no tópico a seguir.

Também, Luria (1986, p. 29) acredita na importância que os fatores externos, proporcionados pela interação com o ambiente, têm na formação nos processos de desenvolvimento do pensamento. O autor afirma que “embora Piaget nos tivesse impressionado com seus estudos sobre as relações entre linguagem e pensamento na criança pequena, discordamos fundamentalmente da idéia de que a fala inicial da criança não representa um papel importante no pensamento.”

Luria (1986, p. 26) enfatiza que “um dos instrumentos básicos inventados pela humanidade é a linguagem.” E ressalta, a seguir, que “Vygotsky deu ênfase especial ao papel da linguagem na organização e desenvolvimento nos processos de pensamento” e concluiu em seus estudos que somente por meio da linguagem simbólica há possibilidades de se operar funções mentais superiores.

Vygotsky (1987) faz um percurso sobre as concepções de fala de alguns autores. Segundo ele, para os autores franceses a fala interior parece ter sido entendida como *memória verbal*. Outros teóricos já ressaltam que “a fala interior é vista como uma fala exterior truncada – como *fala sem som* (Müller) ou *fala subvocal* (Watson). Bekhterev definiu-a como um reflexo da fala inibida em sua parte motora.” A definição de Goldstein é de que o termo abrange tudo que antecede o ato motor de falar, incluindo os motivos da fala de Wundt e a experiência da fala específica, indefinível, não sensorial e não motora – isto é, todo o aspecto interior de qualquer atividade de fala”.

A definição de Vygotsky (1989) é que “a fala interior é a fala para si mesmo; a fala exterior é para os outros”.

Neste trabalho, consideramos que as crianças surdas podem ou não vivenciar a atividade de fala interior em função do meio em que se desenvolvem. A presença de pais também surdos, que exercitam sinais com seus filhos surdos, propicia à criança a aquisição de uma língua que por certo permite a vivência de uma modalidade de fala interior, sustentada pela gramática específica da própria língua de sinais.

No plano do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, ao refletir sobre as questões que envolvem a língua e a linguagem, Gomes (2005, p. 27) ressalta que “*em nível cortical, Sinal produz uma organização funcional atípica. Na construção da mediação simbólica que permite o pensamento lógico abstrato, Sinal é tão eficiente quanto fala.*”

Essa conclusão da pesquisadora é extremamente importante para a consolidação da língua de sinais como efetivamente uma língua. O exemplo de Sacks (1998) é

singular e confirma as explicações de Gomes. O autor relata uma experiência ímpar, quando visita, para suas pesquisas, a ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts. Devido a uma mutação genética, houve uma alta incidência de surdez na população dessa ilha desde o ano de 1690. Por causa dessa situação, todos os moradores passaram a utilizar a língua de sinais, o que ocasionava a livre comunicação entre todos, ouvintes e surdos. Sacks (1998) enfatiza que mesmo depois do último ilhéu surdo ter morrido, em 1952, a comunidade ouvinte, de modo geral, preservou a língua de sinais, pois ela é natural para todos que a aprenderam como primeira língua. O que mais o impressionou foi o fato de ter observado uma senhora, por volta dos 90 anos, que as vezes mergulhava num “*sereno devaneio*” e parecia estar tricotando, mas o fato era que ela estava conversando consigo mesma em língua de sinais. O autor ressalta que a filha dessa senhora, a qual é também usuária da língua de sinais, esclareceu que quando a mãe dorme, faz sinais “*fragmentários nas cobertas*”, pois ela sonha em língua de sinais. Sacks (1998, p. 45) conclui que:

Fenômenos como esses não podem ser vistos como meramente sociais. É evidente que, se uma pessoa aprendeu a língua de sinais como primeira língua, seu cérebro/mente a fixará, e a usará, pelo resto da vida, ainda que a audição e a fala sejam plenamente disponíveis e perfeitas. A língua de sinais, convenci-me então, era uma língua fundamental do cérebro.

A partir dos estudos de Gomes e Sacks solidificamos uma idéia basilar deste trabalho: a língua de sinais proporciona às crianças surdas condições para que venham a se desenvolver cognitivamente, sem maiores prejuízos do desenvolvimento global. As reflexões a seguir dão vigor científico a essas reflexões iniciais.

2.1. AS LÍNGUAS DE SINAIS

As línguas de sinais passaram a ser pesquisadas com mais propriedade, a partir dos estudos do linguista William Stokoe que na década de 1960 começou a analisar a ASL (*American Sign Language*) no Gallaudet College em Washington, ao levantar como hipótese o valor linguístico das línguas de sinais utilizadas pelos surdos, por serem naturais e constituírem um instrumento linguístico. Seus estudos elevaram o conceito da ASL que passaram de um estado empírico para um conceito de língua propriamente dita, ao observar os elementos gramáticos e sintáticos independentes e contidos nela. Dessa forma, ele elevou o

conceito da ASL nos círculos acadêmicos e pedagógicos. Seus estudos foram decisivos para a educação dos surdos repercutindo no novo foco dado a outras pesquisas que passaram a ser desenvolvidas em vários países e que descreveram linguisticamente suas línguas de sinais. Portanto, as línguas de sinais passaram a ser consideradas estruturas organizadas, como as encontradas em qualquer outra língua, e começaram a abandonar a idéia de um simples conjunto de símbolos desarticulados. Também, pode-se comprovar que sua utilização satisfaz as mesmas funções que as alcançadas pelas línguas orais.

A partir desses pressupostos, Stokoe descreveu estruturalmente a ASL e analisou os elementos que a constituem. De acordo com Lodi (2004, p. 26) “Assumindo o pressuposto saussureano de que existem princípios gerais comuns a todas as línguas, Stokoe (1960) descreveu o sistema da ASL tomando como base os sistemas descritos para as línguas orais.” Seu sistema proposto, então, foi a *quirolologia*, que tinha a função semelhante a do sistema fonológico das línguas orais. Tais *quiremas* foram selecionados tendo como base os contínuos movimentos gestuais, os quais levaram em consideração a posição (ponto de articulação), a configuração e o movimento da mão. Com a combinação desses três *quiremas* todos os sinais foram analisados e a partir dessas unidades passou-se à composição sintática da ASL. Stokoe (1960 apud LODI, 2004, p. 4) conclui, então que “*a atividade comunicativa das pessoas que usam esta língua [a ASL] é verdadeiramente lingüística e suscetível a análise micro-lingüística do tipo mais rigoroso*” Consequentemente, outras línguas de sinais passaram a ser analisadas, inclusive a Libras (língua brasileira de sinais) cujos expoentes são Ferreira-Brito, 1995; Quadros, 1997 e Quadros & Karnopp, 2004.

Segundo Quadros (1997), devido ao fato de se relacionar língua à fala, as pessoas acabam desenvolvendo uma concepção inadequada quando são levadas a refletir sobre as línguas de sinais, pois as mesmas combinam língua com sinais. Tais concepções dizem respeito à idéia de que as línguas de sinais são uma mistura de pantomima e gesticulação e, por isso, incapazes de expressar idéias concretas; que elas são universais; são um pidgin sem estrutura própria; são superficiais e inferiores às línguas orais; derivam de comunicação gestual dos ouvintes; e que não constituem um sistema lingüístico com representação hemisférica, por serem representadas no hemisfério direito (organização espacial)

A desmistificação dessas concepções é tratada pela autora como de suma importância, para que se possa compreender o que vem a ser a proposta bilíngue e bi-cultural na educação de surdos.

O primeiro ponto a ser considerado é que as línguas de sinais, diferentemente das orais auditivas, apresentam modalidade espaço-visual, e essa diferença é determinante para o uso de mecanismos sintáticos. Elas são naturais, pois se desenvolvem no seio da comunidade surda e são independentes dos sistemas das línguas orais.

Como ressalta Quadros (1997, p. 46):

Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem idéias, sentimentos e ações.

Quanto ao fato das línguas de sinais serem consideradas apenas um conjunto de gestos, totalmente icônicas, pesquisas têm demonstrado que elas são sistemas abstratos de regras gramaticais. Apesar de apresentar formas icônicas, são complexas e o uso dos mecanismos sintáticos espaciais comprova a complexidade e recursividade de tais línguas. Contudo, pode-se notar que muitos itens lexicais sofrem modificações e se tornam arbitrários.

No que diz respeito à crença da universalidade das línguas de sinais, vale ressaltar que essa idéia é totalmente equivocada, por que assim como as línguas orais, elas se diferenciam nos diversos países. Isso comprova a sua naturalidade, pois as línguas se desenvolvem dentro de uma comunidade, de uma cultura própria, e é, portanto, inconcebível a idéia de se estipular uma língua de sinais universal.

Em relação à concepção da superficialidade das línguas de sinais, é importante ressaltar que pesquisadores têm demonstrado que os princípios organizacionais e os parâmetros que formam a sua gramática são muito semelhantes aos das línguas orais.

Quanto à idéia de que as línguas e sinais não são sistemas linguísticos, por serem organizadas espacialmente e, portanto, processadas no lado direito do cérebro, Quadros (1997) enfatiza que os estudiosos Bellugi e Klima (apud QUADROS, 1997, p. 48) após terem realizado pesquisas em pessoas surdas com lesões unilaterais, afirmam que mesmo utilizando mecanismos espaciais, as línguas de sinais são processadas no hemisfério esquerdo como as línguas faladas.

Pereira (2000, p. 96) ressalta que “considerando-se que a língua de sinais preenche as mesmas funções que as línguas orais desempenham para os seus usuários, é ela que vai propiciar aos surdos a constituição de conhecimento de mundo e da língua [...]”.

Visto que a linguagem além de nos permitir dimensionar o mundo interior e o mundo à nossa volta, também, nos possibilita a expressão da nossa individualidade, evidencia-se a importância que deve ser dada à interação para que consigamos construir o

nosso conhecimento, nossos valores, por meio de tais relações sociais. Portanto, podemos notar que é imprescindível proporcionarmos à criança surda o acesso à língua de sinais, a qual contribui de maneira decisiva para a sua constituição como pessoa e sua transformação em verdadeira participante da comunidade humana.

No prefácio do livro “Aspectos linguísticos da Libras”(1998), Skliar ressalta que na conferência “*Brain Mechanisms Underlying Speech and Language* (1965), Noam Chomsky, ao referir-se às línguas de sinais, afirmou que a sua definição da linguagem em termos de correspondência específica entre som e significado deveria ser reformulada como correspondência entre sinal e significado.

Infelizmente, ainda é grande o número de pessoas que acredita que as línguas de sinais são somente um conjunto de gestos que servem para interpretar línguas orais, que apenas expressam conceitos concretos além de acreditarem que elas são universais. No entanto, pesquisas vêm comprovando que elas já são reconhecidas como língua, por renomados linguistas. Possuem a mesma complexidade e expressividade das línguas orais e, dessa forma, não devem mais ser vistas como uma língua empobrecida, primitiva ou inferior. Apresentam uma organização própria devido ao uso do canal visual.

No Brasil, recentemente, a Libras (língua brasileira de sinais) foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, por meio da Lei 10.436/02 conferindo-lhe, portanto, o devido status linguístico.

Além da diferença de modalidade (gesto-visual) as línguas de sinais possuem diferenças em suas estruturas gramaticais, não havendo necessidade de se apoiar na estrutura da língua oral.

Enquanto nas línguas orais são utilizados os itens lexicais ou palavras, nas línguas de sinais estes são compostos pelos sinais, os quais são constituídos pela combinação de cinco parâmetros, não, necessariamente, todos ao mesmo tempo. Os parâmetros envolvem *a configuração das mãos, o ponto de articulação, o movimento, a direcionalidade e a expressão.*

Configuração das mãos são as formas que a mão assume na execução do sinal. Elas podem ter o formato das letras do alfabeto manual (datilologia) ou não. O ponto de articulação se refere ao local do corpo onde o sinal é executado. O movimento é o deslocamento da mão no espaço e ele pode ocorrer ou não, dependendo do sinal. A direcionalidade está relacionada à direção que o sinal é feito. A expressão facial ou corporal é de extrema importância nas línguas de sinais, pois dependendo da sua intensidade ela tem o

poder de modificar o sentido da palavra (sinal). É na combinação desses parâmetros que o sinal é formado.

Vários estudos concluíram que tanto na criança ouvinte, como na criança surda, o processo de aquisição tanto da língua de sinais, naquelas, como da aquisição da língua oral-auditiva nessas, ocorre em período análogo. O que vem comprovar a presença de universais linguísticos nas línguas de sinais, por meio dos quais há a garantia do desenvolvimento da faculdade da linguagem em crianças surdas.

2.2 A SURDEZ E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Nesta parte, gostaria de conduzir o leitor, que por ventura possa não ter contato com a realidade da pessoa com surdez, a refletir sobre algumas questões que devemos levar em consideração para melhor compreendermos o surdo e a constituição da sua linguagem escrita e da sua identidade.

Através do contato com vários professores de salas regulares, os quais receberam em suas classes um aluno com surdez, notamos muita insegurança, medo e questionamentos em relação às dificuldades e possibilidades de aprendizagem destes alunos, tais como: Como vou me comunicar com ele? Ele vai conseguir se alfabetizar? Por que a escrita do aluno surdo é tão diferenciada? A língua de sinais é realmente necessária para eles? Quais as consequências de não terem tido acesso à língua na sua modalidade oral? Isso compromete a língua escrita? Como é o desenvolvimento cognitivo da criança surda?

Partindo desses questionamentos achamos pertinente enfocar o modo todo especial do surdo “ler” o mundo por meio da sua acuidade visual, e que nos parece tão estranho, acostumados que estamos aos sons, à fala, à língua, desde muito pequenos. É sabido que um sentido jamais substitui outro, mas por ser requisitada com maior frequência, a visão das pessoas surdas passa a ser mais aguçada e apurada, sendo, então este sentido aquele que o leva ao contato com o mundo que o cerca.

Apesar de a criança surda ter a capacidade visual bem desenvolvida, apenas isto não lhe dá condição para a aprendizagem da língua na sua modalidade escrita, pois, por ter a escrita uma relação fonética com a oralidade, a qual o surdo não tem acesso de forma natural, ela se torna um processo extremamente complexo para a pessoa com surdez. Dessa

maneira, percebemos que há uma distância muito grande entre a língua de sinais e a escrita da língua portuguesa, o que faz com que os surdos tenham grande dificuldade nessa modalidade.

A audição é essencial para a aquisição da língua falada, portanto, podemos imaginar o quanto sua ausência traz de prejuízos para a pessoa surda. Além da questão física, perda auditiva orgânica, a surdez também está relacionada a questões sociais, pois somos constituídos por nossa história, nossas experiências e a ausência de um sentido, de uma língua, afeta de forma significativa a leitura do mundo.

A audição é um dos sentidos mais importantes para a vida humana, pois ela abre o caminho para a linguagem oral. A pessoa surda perde parte da conexão com o mundo comunicativo, sofrendo prejuízos no seu desenvolvimento linguístico.

2.2.1 A LINGUAGEM E AS RELAÇÕES SOCIAIS

A linguagem tem função fundamental na vida de qualquer pessoa. É ela que nos constitui como sujeitos, como seres humanos capazes de interagir com o meio. É através dela que nos tornamos sujeitos participantes do mundo, podendo interagir e desenvolver social, emocional, cognitivamente e é a palavra que dá forma à atividade mental, motivando e levando-nos a raciocinar, a abstrair, a discutir, enfim, a expressar nossas idéias.

Em seus estudos, Vygotsky (1998) ressalta que a linguagem tem um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores. A linguagem é o instrumento por excelência que nos faz agir, pensar e modificar nossas relações sociais.

As relações sociais são mediadas pela linguagem, a educação é mediada pela linguagem e para termos acesso à língua escrita, precisamos ter certo domínio da língua falada por ser aquela uma forma de representação fonética dessa. Quando se inicia a alfabetização, a criança além de saber falar o português, também é capaz de refletir sobre a própria língua. Apesar de concordarmos que a língua que falamos não é a mesma que escrevemos, acreditamos que é ela que dará a base necessária para a escrita.

Partindo desse pressuposto, podemos entender o porquê, muitas vezes, o surdo se torna alienado no mundo, pois privado da linguagem ele sofre inúmeras perdas.

A criança ouvinte desenvolve e adquire a língua desde a mais tenra idade, pois está constantemente exposta a ela, tendo o canal receptivo, o ouvido, preservado aprende e interage com os pais e pessoas com as quais convive, de um modo natural.

Segundo Sacks (1998), a surdez é a privação sensorial que mais limita o ser humano, pois as crianças ficam impossibilitadas de ouvir seus pais, correndo o risco de sérios atrasos, e, se as providências e estimulação não forem feitas de forma precoce, podem deixar marcas irreversíveis. O autor observa que:

Ser deficiente na linguagem, para o ser humano é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas pelo meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos (SACKS, 1998, p. 22).

Desde muito cedo o bebê ouvinte começa a brincar com os sons que produz no balbucio e, por ter retorno auditivo, ele sente prazer nessa “brincadeira”, que já é um treino para o desenvolvimento da futura fala. Já o bebê surdo vai perdendo a interação, a conversa do dia a dia com a mãe. Assim, apesar de iniciar a fase do balbucio, ele a interrompe precocemente por falta de estímulos, por não possuir retorno auditivo.

Para que se estabeleça uma comunicação com o bebê surdo e para que ela flua naturalmente é necessário fazermos uso de outros estímulos que envolvam o campo visual, por ser a visão o seu canal receptor.

Várias pesquisas comprovam que a melhor maneira de favorecer esta comunicação, o desenvolvimento da linguagem e aquisição de uma língua, é através da língua brasileira de sinais (LIBRAS), o mais cedo possível, por ser a maneira de mais fácil assimilação e mais acessível ao surdo.

É importante que a criança surda seja exposta a um ambiente linguístico informal, em língua de sinais, para que ative mecanismos linguísticos, os quais favorecem a formação de sua consciência através da interação, a partir da qual seus questionamentos e suposições possam ser esclarecidos para a construção e estruturação de seus pensamentos.

Conforme ressalta Cagliari (2000, p.17) “qualquer criança que ingressa na escola aprendeu a falar e a entender a linguagem sem necessitar de treinamentos específicos ou de prontidão para isso... ela simplesmente se encontrou no meio de pessoas que falavam e aprendeu”. Por outro lado, a pessoa surda, na maioria das vezes, chega à idade escolar sem conhecer e utilizar língua alguma, nem a língua falada, nem a língua de sinais.

Na nossa realidade, são relativamente poucos os surdos que dominam razoavelmente a língua portuguesa, geralmente por terem tido acesso a recursos, equipamentos, metodologias, professores particulares, fonoaudiólogos, além do diagnóstico e da estimulação precoces. A grande maioria dos surdos difere dessa parcela privilegiada, tendo um diagnóstico tardio e iniciando seu atendimento especializado com idade mais avançada, o

que contribui para aumentar a dificuldade linguística e seu desenvolvimento cognitivo, pois perdeu o melhor momento do desenvolvimento “optimal”, de maior plasticidade das funções neuropsicolinguísticas.

Quando a criança nasce surda ou adquire a surdez nos primeiros anos de vida, a sua aquisição de linguagem fica prejudicada, sendo este o principal comprometimento da surdez que pode ocasionar déficit em outras áreas.

As relações sociais acontecem por meio da linguagem, portanto as dificuldades de aquisição da linguagem não são inerentes à pessoa surda, mas decorrem das possibilidades proporcionadas pelo meio social no qual está inserida (GÓES, 1999).

Nos primeiros meses de vida o bebê ainda não consegue relacionar suas emoções com seus respectivos significados e é a mãe que tenta compreendê-lo e atendê-lo nas suas necessidades. Por meio do seu olhar, da sua voz e do jeito que ela lida com seu bebê, ele passa a adquirir significado simbólico para suas emoções. A relação mãe-bebê é de extrema importância, pois é por meio dessa experiência que o bebê desenvolve a sua capacidade de pensar.

Devido ao fato do atraso no diagnóstico da surdez, essa relação mãe-bebê fica comprometida, impedindo-o de criar significações e ter certas experiências tão importantes para o seu desenvolvimento. O bebê surdo necessita da presença da mãe para vê-lo, pois apenas sua voz, à distância, não o acalma, dando-lhe, neste caso, a sensação de abandono.

Podemos perceber, portanto, que desde a mais tenra idade o bebê surdo leva desvantagem quando não é tratado de maneira adequada à sua deficiência.

Constata-se, assim, que problemas psicológicos permeiam todas as experiências durante a vida da pessoa com surdez, basta atentar para o fato de que a grande maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes. É natural que os pais ouvintes esperem um filho igual a eles e o fato de receberem um diagnóstico de surdez leva-os a um período de aceitação e adaptação que chamamos de período de “luto”, e que pode se prolongar até a conscientização e superação de muitos entraves, passando, então, para o período da “luta”, da busca de recursos necessários para a criança. Vivemos em um meio no qual a sociedade é capitalista e muitas vezes preconceituosa, exige um ser humano “perfeito”. Podemos dizer, então, que crianças com deficiência exercem um impacto profundo sobre o funcionamento da família e também sobre a sociedade. Com o nascimento de uma criança com alguma deficiência, os pais sentem-se frustrados em seus desejos e podem apresentar algumas reações que são normais. Pelo modelo social da deficiência, os problemas da pessoa com necessidades especiais são sentidos bem mais pela sociedade do que pelo próprio portador. Enquanto esse

processo se desenvolve, normalmente a criança tem seus estímulos reduzidos ao invés de uma estimulação precoce, tão importante para a sua experiência e aprendizagem. O surdo necessita de muitos estímulos visuais e também táteis para melhor ler e compreender o mundo que o rodeia.

A título de ilustração, observemos a fala de Sarah Elizabeth, mãe de uma criança surda, referenciada por Sacks (1998, p. 81):

Ouvimos o diagnóstico da surdez profunda de nossa filha Charlotte quando ela estava com dez meses de vida. Durante esses três últimos três anos, vivenciamos uma série de emoções: descrença, pânico e ansiedade, raiva, depressão e tristeza e, finalmente, aceitação e apreciação.

Observa-se, assim, que para uma criança desenvolver, de modo satisfatório, a língua oral é necessário que a sua audição esteja em bom estado. Qualquer comprometimento auditivo afeta de modo significativo o seu desenvolvimento, tanto no aspecto da fala, propriamente dito como, também, nos aspectos psicológicos e sociais.

2.2.2 A SURDEZ E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Cesareo (2005, p. 43), por meio da afirmação abaixo, sinaliza-nos a importância que o ouvido tem na formação e constituição da criança:

[...] o ouvido, realmente, veicula informações essenciais na imagem que o menino vai construindo da sua própria pessoa, do mundo ao seu redor e da sua integração com esse mundo.

A ausência da audição, com a ausência de uma língua, limita as experiências na leitura do mundo e no desenvolvimento cognitivo. O ouvido é o órgão responsável pela captação dos sons e, conseqüentemente, pela aprendizagem da língua falada e esta se torna seriamente comprometida na pessoa com surdez por não acontecer de forma natural. Em função disso, a surdez é vista como a perda que mais aliena o indivíduo, pois ela está diretamente ligada à comunicação. Portanto, por não ter estímulos auditivos, o surdo não domina a língua oral, não desenvolvendo, também, a sua linguagem, o que ocasionará sérios problemas com a comunicação e, conseqüentemente, isolamento social e problemas linguísticos e cognitivos.

Devido às dificuldades em expressar seus sentimentos e idéias, a pessoa com surdez enfrenta uma enorme barreira para se envolver com a sociedade em geral, pois a linguagem é o principal meio de transmissão do conhecimento e interação com o meio social.

De acordo com Sacks (1998, p. 52), a ausência de uma língua restringe nossos pensamentos:

Um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno.

A única forma de evitar essas dificuldades em relação à surdez é oferecendo à criança surda o acesso precoce à língua de sinais. Assim que for diagnosticada a surdez, precisamos garantir o domínio de uma língua para proporcionar bases sólidas ao desenvolvimento cognitivo da criança. Futuramente, a aquisição do conteúdo escolar será a consequência desse processo e não a principal finalidade.

Para que o desenvolvimento cognitivo de uma criança ocorra da melhor forma possível, é de suma importância que haja uma linguagem com a qual ela possa mediar suas interações. Precisamos oferecer suporte imediato nos primeiros anos de vida. As crianças surdas que tem oportunidade de aprender a língua de sinais desde cedo, além de conseguirem construir uma linguagem mais elaborada, mostram-se mais atentas, receptivas e emocionalmente mais equilibradas.

Além de meio linguístico de comunicação e de mediação na aprendizagem da língua oral escrita, precisamos ver a língua de sinais como fator preponderante para o desenvolvimento cognitivo da criança surda.

Durante muito tempo a oralização do surdo, para a sua consequente adequação à sociedade, foi a prática adotada por vários profissionais. Dentro dessa proposta, a língua era enfocada para o aprendiz de uma forma não natural, por meio de treinos repetitivos de fala.

Após a década de 60, com as pesquisas e contribuições da linguística, da psicolinguística e sociolinguística, as línguas de sinais passaram não só a ser estudadas, mas a ser reconhecidas como constituídas de todos os requisitos básicos para serem consideradas línguas, e, dessa forma, passaram gradativamente a serem apreciadas como tal.

Segundo Brito (1995, p. 11), “libras é uma língua natural com toda complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem”.

Dessa forma, os surdos passam a ser visto como membro de uma comunidade linguística minoritária, deixando, então, de ser caracterizado sob uma visão clínica de invalidez e incapacidade, a qual, por tanto tempo, se impôs na educação da pessoa com surdez, deixando-a impregnada de inferioridade.

De acordo com Sanches (1990, p. 125):

Se percebió a los sordos ya no como enfermos o minusválidos, sino como miembros de una comunidad linguística minoritária, cuya formación y existencia es inevitable, obligatoria, dadas las peculiaridades de la comunicación que necesariamente emplean sus integrantes¹.

Quando a questão linguística do surdo não é levada em consideração e a língua majoritária é apenas a que se privilegia, notamos que não há, na verdade, uma aceitação da pessoa surda. Como enfatiza Brito (1995, p. 17), “aceitar o surdo implica na aceitação de sua língua”.

O bilinguismo, atual abordagem educacional para surdos, parte do pressuposto de que o surdo deve ser bilíngue de forma que sua língua materna seja a de sinais, por ser sua língua natural e a que melhor satisfaz as suas necessidades, e, sua segunda língua seja a língua oficial de seu país. Portanto, tem sido o meio mais favorável de oferecer a eles o acesso às duas línguas, a libras (língua brasileira de sinais) e a língua portuguesa podendo, dessa maneira, desenvolver todas as suas habilidades linguísticas e cognitivas, conferindo-lhes o direito de cidadãos brasileiros.

Goldfeld (2002, p. 43) salienta que “o conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e línguas próprias”. Complementa a seguir, que a idéia do ensino da língua oral para a consequente “normalização” do surdo é refutada por essa abordagem.

Várias pesquisas comprovam que devido ao atraso de linguagem, a criança surda tem como consequência problemas de ordem emocional, social e cognitiva. Portanto, quanto antes oferecermos o contato com a língua de sinais melhor será para o desenvolvimento global da criança com surdez.

¹ Os surdos foram percebidos já não como enfermos e inválidos, mas sim como membros de uma comunidade linguística minoritária, cuja formação e existência são inevitavelmente obrigatórias, dadas as peculiaridades da comunicação que necessariamente empregam seus integrantes.

2.2.3 NUANCES DE UM JEITO DE SER

Há muito tempo o surdo vem sendo tratado com indiferença, sob o olhar dominante e supremo do ouvinte, o qual o julga incapaz, deficiente, tomando sempre atitudes discriminatórias.

Skliar (1998, p. 15) denomina de *ouvintismo* “um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”. As relações de poder que o ouvinte tem sobre a pessoa surda estão, de certa forma, carregadas de significação de inferioridade.

Dessa forma, o autor enfatiza que o problema do surdo não se encontra neles próprios, na sua identidade, na própria surdez e nem na língua de sinais, mas sim nas “representações dominantes, hegemônicas e *ouvintistas* sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos” (Skliar, 1998, p. 30).

Segundo Perlin (2005, p. 53), para compreendermos a identidade surda precisamos desviar o olhar do “conceito de corpo danificado” o qual nos remete à normalização e à necessidade de transformá-los em indivíduos “normais”.

Dentro da nossa cultura percebemos que a identidade da pessoa surda se dá por uma forma de repressão. Perlin (2005, p. 79) ressalta que durante toda a história da cultura surda, esta sempre esteve marcada pela violência: “eliminação vital dos surdos, a proibição do uso da língua de sinais, a ridicularização da língua, a imposição do oralismo, a inclusão dos surdos entre os deficientes, a inclusão dos surdos entre os ouvintes”. Todas essas questões têm, de alguma forma, contribuído para a construção de uma identidade de inferioridade.

A maior diferença que separa a identidade surda do ouvinte é o fato do primeiro ter uma experiência visual por onde desenvolve toda a sua aprendizagem, ao passo que o segundo, além da visual, conta com a experiência auditiva. Dessa forma, a aproximação do surdo com seu semelhante surdo é fator determinante para a construção da sua identidade, sendo, portanto, indispensável a exposição a um ambiente linguístico e cultural estimulador em língua de sinais. Goffman (1971 apud JÚNIOR, 2005, p. 125), valoriza e pesquisa com afinco as interações face a face, afirmando que é nas relações entre indivíduos, em encontros sociais, na essência interacional que os fenômenos sociais, culturais e políticos se manifestam

Acreditamos serem todas essas informações relevantes para a compreensão de fatores que contribuem para a constituição de indivíduos surdos e, conseqüentemente, para esclarecimentos necessários da análise a qual nos propusemos.

3 O RISO NO ESPELHO

Nesta parte esclarecemos como se deu a constituição do *corpus* analisado nesta pesquisa, bem como, quais foram as etapas de realização do estudo.

3.1 *CORPUS* DE ANÁLISE

O *corpus* de análise deste trabalho é constituído de dez piadas de surdos contadas por pessoas ouvintes e oito piadas de surdos contadas pelos próprios surdos.

As piadas contadas por ouvintes foram selecionadas de acordo com o tema (todas as que, de certa forma, relacionam-se à questão da surdez ou à pessoa surda), tendo como fonte diferentes sítios da *internet*, os quais são referenciados junto às piadas. A busca foi feita a partir das palavras *piadas de surdos ou piadas de surdinhos* inseridas no site de busca *Google*.

Quanto às piadas contadas por pessoas surdas, estas foram coletadas na comunidade surda da cidade de Franca, SP, onde temos contato com vários surdos os quais durante alguns encontros e entrevistas tiveram oportunidade de contar suas experiências em termos de repertórios de piadas. Diferentemente das piadas relatadas por ouvintes, as quais necessitamos selecionar de acordo com o tema da nossa pesquisa, todas, sem exceção, abordaram questões relacionadas à própria surdez.

Convém ressaltar que as contadas por pessoas surdas foram filmadas, tendo como protagonista uma instrutora surda de LIBRAS (língua brasileira de sinais), C. M. C.².

Após a filmagem, foi pedido que ela redigisse as piadas, utilizando para tal a língua portuguesa em sua modalidade escrita.

Em outro momento, tais piadas foram traduzidas pela intérprete em língua brasileira de sinais e em seguida transcritas.

² Utilizamos apenas suas iniciais para manter sua identidade preservada.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise das piadas compreenderá duas etapas:

a) Identificação do gatilho do humor:

Como já salientamos anteriormente, partimos das considerações dos autores Bergson (1987), Travaglia (1989,1992), Possenti (1998) e Propp (1992), os quais refletem não só sobre os recursos linguísticos envolvidos na construção do humor, mas também sobre as suas diferentes funções. Retomamos aqui, de modo breve, o que é abordado por cada um desses estudiosos.

Bergson (1987) busca respostas para o que vem a ser o riso e o que, de uma forma mais profunda, existe por trás do risível.

Travaglia (1989,1992) estabelece seis categorias, nas quais procura demonstrar como recursos e mecanismos da língua vão atuar para a produção de efeitos de humor em textos.

Possenti (1998) enfoca os mecanismos envolvidos nas piadas, com base nos níveis fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, além de aspectos como a pressuposição, a inferência, o conhecimento prévio, a variação linguística e a tradução.

E, finalmente, Propp (1992) analisa, também, os aspectos do riso, enfatizando que o cômico e o riso são concretos, pois o homem efetivamente ri.

Buscamos a partir de então identificar o gatilho do humor acionado nas piadas analisadas. O termo “gatilho do humor”, de acordo com Bollela et al. (2007, p. 169) refere-se a “aquilo que gera o riso por parte do ouvinte”. Os autores, também, ressaltam que, segundo Raskin (1985 apud BOLLELA et al., 2007, p. 174-175), “o gatilho (*trigger*) é o elemento que possibilita a troca entre os *scripts* superpostos e constitui o elemento disparador do humor”. Dessa forma podemos concluir que é a presença do gatilho que propiciará o exato momento que acionamos o gesto do riso.

b) Observação de como é constituído o *ethos* do surdo seja por ele mesmo ou por pessoas não surdas. Baseamo-nos, principalmente, na Retórica de Aristóteles (1964 e 1998) – para quem o *ethos* é a própria representação do orador e está ligado diretamente ao seu caráter. Partimos de considerações sobre o *ethos* feitas especialmente por Meyer (2007) – de acordo com ele, o *ethos* não deve ser identificado puramente com o orador, pois o uso da palavra possui uma estrutura mais complexa; Amossy (2005) – que nos introduz ao tema

ethos enfatizando que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (AMOSSY, 2005, p. 9), e, também, por Goffman – que enfoca os fatores sociointeracionais em seus trabalhos enfatizando os ritos de interação e sua influência para a análise das conversações e a influência que os parceiros exercem uns com os outros para impor imagens que os valorizem.

4 O *ETHOS* DA PESSOA SURDA – um estudo a partir da análise de piadas

A seguir, passaremos a análise de piadas contadas por ouvintes e que se referem à pessoa surda. Subdividimos este tema em dois grupos distintos: piadas de pessoas que possuem uma surdez, possivelmente, de nascença e profunda; e as piadas que tratam de pessoas que se ensurdecaram com o tempo, e, portanto, tiveram experiências auditivas anteriores e consequentemente desenvolveram uma língua oral sem maiores comprometimentos. Em seguida, apresentaremos as piadas contadas pelos próprios surdos.

4.1 PIADAS CONTADAS POR OUVINTES

4.1.1 Piadas de pessoas surdas

4.1.1.1 Os surdos recém casados

Dois surdos-mudos se casaram.

Durante a primeira semana do casamento, eles descobriram que eram incapazes de se comunicar na cama, quando a luz estivesse apagada, pois eles não enxergariam a linguagem dos sinais.

Depois de várias noites pensando em alguma solução, a esposa encontrou uma solução: – Querido – gesticula ela – por que não fazemos alguns simples sinais? Por exemplo: à noite, se você quiser fazer sexo comigo, pegue meu seio esquerdo uma vez. Se você não quiser fazer sexo, pegue no meu seio direito, uma vez.

O marido acha uma grande idéia e gesticula de volta à esposa:

– Grande idéia! Agora, se você quiser fazer sexo comigo, balance meu bilau uma vez. Se você não quiser fazer sexo, balance meu bilau 50 vezes!

Disponível em <http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=211>. Acesso em: 05 jan. 2009.

Verificamos que, nessa piada, a utilização errônea do termo surdo-mudo denota a falta de conhecimento da deficiência por parte da pessoa ouvinte, como bem esclareceu Skliar (1998) ao cunhar o termo *ouvintismo*, que denota o universo de representações construídas pelos ouvintes sobre a pessoa surda. Como sabemos, o surdo não apresenta mudez, uma vez que seu aparelho fonador, normalmente se encontra em perfeitas condições. Quando submetido a um treino fonoaudiológico, é possível que desenvolva a fala.

O gatilho do humor, nessa piada, ocorre na expressão *50 vezes que, no plano linguístico, funciona como uma espécie de “gatilho”* relacionado à sexta categoria descrita por Travaglia (1992) em seus estudos sobre os aspectos que *provocam o riso*. Travaglia, também, vale-se da terminologia “*script*”, visto como uma espécie de veio humorístico, suportes convencionais do humor, *que, no texto em análise, caracterizam a estupidez, a esperteza ou astúcia, o absurdo, o ridículo e a mesquinhez*. O primeiro *script*, adotado pela personagem masculina é, então, o do *espertalhão*: ao, aparentemente, aceitar a idéia proposta pela esposa, tira proveito de sua surdez para garantir satisfação sexual.

A piada ainda nos apresenta um segundo *script*, pertencente à sexta categoria travagliana: o do *ridículo* (por se tratar de uma inadequação de comportamento). A inadequação se apresenta quando o surdo é *idiotizado* pelo ouvinte: supostamente o casal precisa de sinais (comunicação) para o ato sexual, como se para tal, a linguagem articulada (seja verbal ou por sinais) fosse imprescindível. Dessa forma, o narrador expõe uma representação preconceituosa, que associa surdez a idiotice. Temos assim, um primeiro indício de constituição do *ethos* da pessoa surda, a partir de um estereótipo muito disseminado na sociedade, que associa deficiência física a deficiência cognitiva e afetiva. Há, aqui, uma espécie de retórica do possível que, segundo Meyer (2007, p. 38) “*funciona bem, por vezes chegando até à credulidade*”.

Bergson (1987) ressalta que piadas como essa provocam uma *ruptura completa de equilíbrio* no momento em que o gatilho é acionado, pois exploram a *comicidade da vida cotidiana*, presente nas ações e situações em que a comédia é um brinquedo que imita a vida. É na *inversão* da resposta inesperada que o personagem *esposa* cai na própria trama.

De acordo com a classificação do riso proposta por Propp (1992), o autor explora o *riso alegre, que, segundo o autor, origina-se dos pretextos mais insignificantes*. Ainda que o início da piada traga características bastante inverossímeis (durante a primeira semana do casamento, eles descobriram que **eram incapazes de se comunicar** na cama, quando a luz estivesse apagada, **pois eles não enxergariam** a linguagem dos sinais.), o orador tira partido dos valores do auditório, supostamente preconcebidos, sobre a incapacidade do

deficiente de comunicar-se eficazmente mesmo quando a linguagem é vista como tal, com características universais, ligadas às paixões humanas e aos instintos primários do homem. Sustentada, então, por princípios preconceituosos, o riso alegre (Propp) disfarça o elemento constitutivo do *ethos*: a incapacidade. Como afirma Meyer, o orador, para ser persuasivo, deve levar em consideração as paixões do auditório, pois, *se elas exprimem o aspecto subjetivo de um problema, respondem a ele também em função dos valores da subjetividade implicada* (MEYER, 2007, p. 39). A piada, assim, ainda que aparentemente ingênua, cria uma espécie de argumento, ligado à hierarquia do preferível: as pessoas não surdas são capazes de se comunicar no escuro; os surdos, não.

Segundo Aristóteles (1998), o *ethos* é a própria representação do orador e está ligado diretamente ao seu caráter. O *pathos* diz respeito aos sentimentos do auditório. Como vimos, nesse caso, o *ethos* do surdo é constituído, a partir de um argumento implícito que destaca os valores do preferível, de duas formas distintas: como idiotizado (pelo não surdo – o auditório) e como esperto, (pelo próprio surdo – o orador).

A segunda forma encontra-se bem marcada no texto e, de acordo com Meyer (2007), dependendo da problemática que o orador irá enfrentar, ele vai se mascarar ou se revelar, se dissimular ou se exibir: o surdo, quando se assume orador e esposo, se revela e exibe seu *ethos* de esperteza ou astúcia e aproveitar da situação para seu próprio benefício.

Podemos notar que o esposo quer garantir seu *ethos* de esperteza, o que, segundo Amossy (2005), evidencia a imagem que o orador cria de si com o intuito de persuadir, causando boa impressão ao auditório.

No plano do *pathos*, quanto à representação que o ouvinte tem de um surdo idiotizado, Goffman (2008) explica que devido ao contato do indivíduo com outros é natural que esses busquem informações a seu respeito, as quais definem a situação, isto é, informações tais como: situação sócio-econômica geral, o que ele pensa de si mesmo, capacidade, confiança. O *ethos* e o *pathos* são construídos no texto e pelo próprio texto. Assim, nessa representação as capacidades efetivas do surdo são consideradas e desconsideradas num tecer textual que envolve explícitos e implícitos, que envolve troca e oradores, posturas forjadas por gatilhos humorísticos que, sub-repticiamente, enfatizam modo de ser e de estar no mundo, num ato retórico bastante singular: enquanto o humor aparente ressalta a esperteza, a instância retórica enfatiza, de algum modo, o senso comum, ligado a um preconceito que, possivelmente, se liga ao fato de não haver entre “normais” e surdos uma

língua partilhada, a língua de sinais não é valorizada como língua, e, por isso, normalmente, o surdo é tratado de maneira inferiorizada.

Trata-se apenas de uma piada e, como tal, aparentemente ingênua, própria para provocar o riso, como atesta a natureza do gênero discursivo explorado. A forma, pois, não carrega em si nada de problemático. O problemático, se assim pode ser visto, se esconde na retórica silenciosa que se enreda e grita na trama, também aparentemente ingênua e simples: há um grande argumento constituindo a tessitura retórica. Para além do riso que provoca a linguagem, quer pela temática popularesca quer pela forma consagrada para fazer rir, há todo um contexto social que traduz o que, efetivamente, se poderia considerar como um modo de constituir identidades em qualquer nível: uma mulher idiotizada ou ingênua, um homem animalizado e, sobretudo, dois seres humanos marcados por um estigma social que, de algum modo e sempre, os inferioriza.

4.1.1.2 O surdo-mudo e a máfia

A máfia estava com problemas de caixa, porque a polícia estava prendendo todos os cobradores e confiscava o dinheiro. Os chefões resolveram, então, contratar um cobrador surdo-mudo. Se o cara fosse preso, não diria nada.

Na primeira semana o cobrador consegue recolher 40.000 dólares.

Dá uma coceira na mão, e ele decide ficar com a grana e colocá-la em lugar seguro.

Uns dias depois, a máfia percebe que está acontecendo algo e manda um pessoal para conversar com o cobrador.

Os capangas encontram o surdo-mudo e perguntam-lhe onde está o dinheiro.

O cobrador não consegue se comunicar e a máfia manda buscar um intérprete.

– Pergunta-lhe onde está a grana – diz um dos capangas.

Por gestos, o intérprete faz a pergunta ao surdo-mudo.

O homem responde também por gestos:

– Não sei do que vocês estão falando!

O intérprete traduz aos capangas:

– *Ele diz que não sabe do que vocês estão falando.*

Um bandido puxa um 38, aponta-o para a cabeça do cobrador e diz, dirigindo-se ao intérprete:

– *Pergunta-lhe, novamente onde o dinheiro está.*

O intérprete faz a pergunta. Assustado, o surdo-mudo responde por gestos:

– *Desculpem. Foi um momento de fraqueza. Os 40.000 dólares estão numa cavidade da terceira árvore em frente ao Museu Metropolitano de Arte, no Central Park.*

O intérprete vira pros bandidos:

– *Ele está insistindo que não sabe do que vocês estão falando, diz que vocês são um bando de viados e que ninguém aqui é homem pra puxar o gatilho.*

(Disponível em: <http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=334>. Acesso em: 5 jan. 2009).

Em um primeiro momento, o surdo, aproveitando da sua surdez, usa da esperteza para ficar com o dinheiro da máfia. Logo depois, ele é vítima da esperteza do intérprete que se aproveita duplamente do contexto retórico criado: vale-se da sua habilidade em língua de sinais e da ignorância dos capangas. Dessa forma, nessa situação o *ethos* do surdo é momentaneamente antagônico: *esperto* covarde.

A temática, então, se liga à falsidade e suas nuances hierárquicas. Mafiosos espertos, surdos supostamente espertos e intérpretes espertíssimos. Por isso, o gatilho do humor se deu dentro do *script* da astúcia do intérprete sobre a limitação do surdo por meio da seguinte afirmação “-[...] *vocês são um bando de veados e que ninguém aqui é homem pra puxar o gatilho*”. Com essa frase, o orador-intérprete quer deixar em evidência o seu *ethos* de *esperteza*, e o seu *mau caráter*, além da sua superioridade em relação ao surdo. O *script* do surdo, por debaixo da “má” tradução do intérprete, é o do corajoso, destemido e sincero. A tessitura retórica, porém, desvela o real *ethos* pretendido: um homem amedrontado. Como se vê e como bem ressalta Meyer, o *ethos* não deve ser identificado puramente com o orador, pois o uso da palavra possui uma estrutura mais complexa: “o *éthos* é um domínio, um nível, uma estrutura, – em resumo, uma dimensão – mas isso não se limita *àquele que fala pessoalmente a um auditório*,[...]” (MEYER, 2007, p. 35). Ele se apresenta *como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica* o que resulta na aceitação das respostas sobre as questões propostas. Essa característica é importante para nossos propósitos: talvez a reação do surdo possa ser atribuída a qualquer ser humano em situação conflituosa. Não é, porém, assim

na constituição da piada: o contexto ressalta a deficiência auditiva para provocar humor e, com isso, ainda que consiga seus propósitos de provocar o riso, infiltra uma carga de covardia ligada à natureza do *ethos* que pode, de algum modo, ser atribuída ao surdo por ser surdo.

O surdo, na piada, é o oprimido. O humor, do mesmo modo, se ancora nessa opressão. De acordo com Perlin (2005, p. 79), dentro da nossa cultura, a identidade da pessoa surda se dá por uma forma de repressão. Para a autora, durante toda a história da cultura surda se marca a pela violência: “eliminação vital dos surdos, a proibição do uso da língua de sinais, a ridicularização da língua, a imposição do oralismo, a inclusão dos surdos entre os deficientes, a inclusão dos surdos entre os ouvintes”. Todas essas questões têm, de alguma forma, contribuído para a construção de uma identidade de inferioridade. Ressaltamos que, como no texto anterior, por sob o riso provocado com competência, fica um resquício de *ethos* criado por fatores culturais.

O que diz respeito às reações do intérprete, novamente, o gatilho do humor está relacionado à sexta categoria descrita por Travaglia (1992): o *script* da esperteza. É interessante observar que o orador supõe um auditório de não surdos e, assim, o mecanismo linguístico utilizado nesse caso é o de *cumplicidade que*, de acordo com Travaglia (1992), ocorre quando a audiência se torna cúmplice do orador. É exatamente isso que ocorre neste relato. É na técnica de *deslocamento do foco*, descrita por Possenti (1998), que o humor é produzido nesse caso.

O fato de a piada exaltar a crueldade ligada à fama dos mafiosos parece envolver o leitor no universo da perversidade: ri-se do triste possível fim do surdo e, a esse respeito, Bergson (1987) enfatiza a *insensibilidade* que acompanha o riso. Há necessidade de certa indiferença e distanciamento das emoções e afeições para que a situação venha levar ao riso, ao cômico. Essa insensibilidade, ligada ao *pathos*, *é conhecida pelo orador e o trágico se reveste de um tom humorístico, retoricamente muito válido para provocar sentidos no gênero piada. Enfim*, como ressalta Propp (1992, p. 54), “a desgraça dos outros, não importa se é pequena ou grande”.

Entre as condições prévias indispensáveis para o contato dos espíritos descritas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) *a existência de uma linguagem comum* foi necessária para que a comunicação entre o surdo e o intérprete fosse possível.

De acordo com Reboul (2004), Aristóteles distingue três gêneros oratórios, o judiciário, o deliberativo e o epidíctico. No caso dessa piada, trata-se do discurso *epidíctico*, pois ele faz referência ao presente e está direcionado a expectadores, todos que assistem

discursos de aparato e tem o objetivo de censurar ou de louvar. Em relação aos valores propostos por este discurso esclarece que o *epidíctico* enfoca o nobre e o vil. Portanto, diz respeito a essa piada, a qual nos leva a refletir sobre os valores vis tanto do surdo como os do intérprete.

Goffman (1971 apud JÚNIOR, 2005, p. 125) afirma que é nas relações entre indivíduos, em encontros sociais, na essência interacional que os fenômenos sociais, culturais e políticos se manifestam.

Quanto ao gatilho do humor proferido pelo intérprete, podemos tomar as considerações de Amossy (2005) em relação à imagem que o orador cria de si com o intuito de persuadir, causando boa impressão ao auditório, pouco importando se é verdadeiro ou não. Já o texto em análise é uma piada e, nesse sentido, Possenti (1998) observa que elas revelam os problemas sociais e culturais existentes em uma sociedade, bem como exhibe a estrutura de uma língua. Assim, embora os textos humorísticos possam ser objeto de um estudo mais sistemático, levando-se em conta o sistema gramatical da língua, também se verifica, na manifestação do humor, a relevância do contexto cultural.

Nesse caso analisado ficam evidenciados os pressupostos de Goffman (2008) que concebe a interação social como a influência que os parceiros exercem uns com os outros para impor imagens que os valorizem (como ocorre com a imagem apresentada pelo intérprete) e os de Meyer (2007), que enfatiza que é por meio da retórica que negociamos a identidade e a diferença, tanto a nossa, como a dos outros.

4.1.1.3 Cubanos

Um surdo-mudo chega a um bar de Havana. Passa a mão sobre uma suposta barba e, em seguida, atravessa o pescoço com o dedo indicador, como se estivesse a ser degolado. O empregado serve-lhe uma cuba-libre.

(Disponível em: <<http://www.piadas.com.pt/piada401cubanos.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2009).

Na situação acima, o gatilho do humor é disparado no momento que a expressão *cuba-libre* é enunciada. Ao sinalizar a barba supostamente de Fidel e o sinal que denota sua morte, o garçom interpreta, consequentemente, como a libertação de Cuba. Possenti (1998) já nos sinaliza que para que uma piada seja bem contada é necessário que algum elemento venha desencadear uma ambiguidade.

O nível *lexical* é acionado por ocorrer a possibilidade de duas leituras, pois pelo descrito, o sinal feito pelo surdo, de acordo com a intensidade e expressão, tanto pode significar “*homem*” como “*barba*”, dependendo da ênfase dada pelo personagem surdo. Conforme nos esclarece Possenti (1998), no caso do *léxico* há possibilidade de se tratar do duplo sentido da palavra dando a possibilidade de veiculação de um discurso indireto além de poder basear numa forma especial da palavra.

Analisando pelas categorias mencionadas por Travaglia (1992) concluímos que aqui se trata do humor *não verbal* o qual fica garantido pelo *gesto* “*Passa a mão sobre uma suposta barba*”. O barman interpreta como a morte de Fidel, inferindo, conseqüentemente, a liberdade do seu país. Portanto, este se inclui na quinta categoria que é a que trata do *humor como código* podendo ser *verbal* ou *não verbal*. Como o próprio nome diz, o “não-verbal” faz uso de outros recursos e códigos que não são os verbais podendo ser classificados em: de *situação* (por exemplo, quando um personagem fala mal de uma pessoa para a própria pessoa porque não a conhece); *gestos*; *movimentos e atitudes corporais*; *caracterização* (aqui também entram as caricaturas) *expressões fisionômicas*; *ruídos vocais não linguísticos*; *a voz* (aonde o uso do timbre vem ajudar a compor o humor). Outros códigos que podem aparecer são: o desenho, pintura, cor, luz, música, porém, o autor se refere a eles como “auxiliares”. No nosso caso, como já foi dito, se trata do recurso dos *gestos*.

Nessa situação, também podemos pensar no *objetivo do humor*, a segunda categoria, que diz respeito a *crítica social de caráter político* em função da alusão à ditadura exercida por Fidel, a qual tolhe a liberdade do cidadão.

Analisando a *comicidade de palavras*, Bergson (1987) salienta que a maior parte dos efeitos cômicos é produzida pela linguagem. No caso dessa piada o jogo de humor se dá, justamente, na palavra (entendendo aqui por palavra o sinal executado pelo surdo).

Ao analisar os aspectos do riso, Propp (1992) diz que a percepção do cômico está ligada ao comportamento. É o comportamento do empregado que garante a comicidade, quando serve ao surdo uma dose de *cuba-libre*.

Nessa piada, o *ethos* do surdo é interpretado pelo seu auditório (o empregado do bar) como o de *esperteza e de conhecedor* da situação política que envolve seu país. Conforme enfatiza Aristóteles (1964) o caráter do orador, demonstrado por meio do seu discurso, é de suma importância para que o auditório venha a se impressionar, passando a crer nele.

De acordo com Amossy (2008), o locutor não precisa detalhar suas qualidades ou seu modo de ser, através de seu discurso, do seu estilo, consegue, implicitamente, construir sua própria apresentação. É no contato com o outro que o orador surdo causa a impressão ao seu auditório (o *barman*). Goffman (2008) enfatiza que os ritos de interação influenciam a análise das conversações. Fazendo uso das considerações de Meyer (2007) quando enfatiza que o *ethos* não deve ser identificado puramente com o orador, pois o uso da palavra possui uma estrutura mais complexa, podemos verificar a veracidade de tal afirmação, pois no nosso caso o *ethos* apresentado parece ter sido elaborado, unicamente, pelo auditório.

4.1.2 Piadas de pessoas que se ensurdecaram com o tempo

4.1.2.1 O gênio surdo

Entra um sujeito no bar e diz para o barman:

– Me paga uma bebida!

O barman, muito admirado, responde que não. Diz que o bar dele não é a Santa Casa de Misericórdia. Então o cliente responde:

– Ah! Eu tenho aqui uma coisa impressionante e, se eu te mostrar, você vai me pagar uma bebida!

O barman, intrigado, pede que ele mostre logo essa coisa. Então o cliente tira do sobretudo um baralho de cartas com cerca de 30 centímetros. O barman fica perplexo e resolve pagar uma bebida para o cidadão. Alguns jogos e copos depois, o barman decide perguntar ao homem onde ele tinha arranjado tal baralho.

– Eu tenho um gênio que concede desejos!

O barman, todo empolgado, pede logo ao homem que lhe mostre o geniozinho para pedir alguma coisa. O cara esfrega uma lâmpada e realmente aparece o tal gênio, dizendo o seguinte:

– Vou te conceder um desejo, mas fala logo que eu quero voltar a dormir!

O barman, então, sem pensar, pede a primeira coisa que lhe vem à cabeça:

– Quero 1 milhão em notas!

O geniozinho estala os dedos e, de repente, o bar fica cheio de botas.

– Botas???? Eu pedi 1 milhão em notas e não em botas! Essa porra desse gênio é um bocado surdo, não acha?

O homem responde:

– *Claro que eu acho! Ou você realmente acredita que eu ia pedir um baralho de 30 centímetros?*

(Disponível em: <<http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?O-genio-surdo>>. Acesso em: 5 jun. 2009).

Essa piada trata de um gênio ensurdecido com o tempo e não propriamente de uma pessoa surda de nascença.

O gatilho do humor está na troca que o gênio faz dos pedidos devido a sua baixa audição. Possenti (1998) enfoca os mecanismos envolvidos nas piadas, os quais têm como base os níveis fonológicos, morfológicos, lexical, sintático, além de aspectos como a pressuposição, a inferência, o conhecimento prévio, a variação linguística e a tradução. É possível percebermos um *mecanismo fonológico*, deflagrado no humor das palavras “*nota*” e “*caralho*”, as quais são confundidas pelo gênio por “*bota*” e “*baralho*”. A simples mudança de uma única unidade significativa é capaz de transformar completamente a palavra.

Ainda podemos pensar no caso de uma *falsa homonímia*, as quais, segundo Travaglia (1995), são responsáveis pelo efeito humorístico. Isso se faz marcar pela troca das palavras: *nota/bota* e *baralho/caralho*. Como ressalta o autor, apesar de não serem homônimas, elas ocorrem por seus usuários não ouvirem bem. É no desenrolar da situação que elas passam a ser compreendidas.

O que leva ao riso é justamente o *desvio*, o fato de ele não escutar os pedidos corretamente, por apresentar uma perda da audição. Como vimos em Bergson (1987, p. 20), todo desvio é cômico, sendo que ele se dá sobre o fato de certas deformidades terem o poder de provocar o riso. O autor nos leva a seguinte constatação “pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem conformada consiga imitar”. Nesse caso, especificamente, é a surdez que é considerada um desvio. Podemos concluir que o riso é um tipo de gesto social e funciona como uma arma de controle que reprime nosso lado excêntrico.

Em relação à natureza física do homem, Propp (1992) observa que o riso está presente quando as manifestações exteriores e físicas das ações dos homens encobrem a significação interior. A pessoa que ri vê no outro o seu ser físico e o que há de risível nele. Nessa piada o risível está justamente na falha auditiva do gênio.

Nesse episódio, o *ethos* do surdo, é demarcado como o de um *tolo* e *idiotizado* e também daquele que detém o poder. Por outro lado, parece que o gênio faz uso do mecanismo de ironia para com seus amos. É justamente nesse contexto que ele passa a ser o detentor de poderes.

Conforme ressalta Aristóteles (1964), o caráter do orador, demonstrado por meio do seu discurso, é de suma importância para que o auditório venha a se impressionar, passando a crer nele. No nosso relato é exatamente o inverso que acontece, pois ao apresentar as trocas dos pedidos feitos, o gênio demonstra a sua incapacidade de acerto, ou, porque não dizer, da sua ironia, fazendo com que seu auditório venha a não acreditar em sua eficiência.

Dessa forma, o orador não precisa detalhar suas qualidades ou seu modo de ser (Amossy, 2005), pois seu *ethos* fica evidenciado devido às suas ações.

Como já observamos, Goffman (1971 apud JÚNIOR, 2005, p. 125) valorizou e pesquisou com afinco as interações face a face, afirmando que é nas relações entre indivíduos, em encontros sociais, na essência interacional que os fenômenos sociais, culturais e políticos se manifestam. É, justamente, na relação com o outro que o gênio deixa seu *ethos* em evidência.

Concluimos com os ensinamentos de Meyer (2007, p. 36) que ressalta que o *ethos* “é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo [...]”.

4.1.2.2 O surdo e o chiclete

Um jovem para na frente do surdo.

O surdo: – Fala mais alto, porque não estou escutando!

O jovem: – Eu não estou falando, estou mascando um chiclete!

(Disponível em: <<http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/1374/Surdo-E-O-Chiclete.html>>. Acesso em: 5 jan. 2009).

Aqui, o gatilho do humor se apresenta na expressão *mascando um chiclete*.

Nesse caso, como no anterior, tudo leva a crer que se trata de uma pessoa ouvinte com certa perda de audição. Isso se evidencia na fala do surdo “*fala mais alto, porque não estou escutando*”, o que nos sugere que se aumentar o volume da voz, ele passará a ouvir. A pessoa com perda de audição do relato passa por *tola* por não distinguir a fala de um simples mascar de chiclete.

A quarta categoria descrita por Travaglia (1992) diz respeito ao *humor quanto ao assunto*. Acreditamos que essa piada se encaixa nessa categoria, dentro do *humor étnico*, pois ela enfoca características atribuídas a grupos sociais (comunidade surda) e apresenta

scripts comuns a esse campo, no caso, o da *estupidez*, porque o personagem falha por não diferenciar a fala de um simples mascar de chiclete.

A articulação dos lábios em movimentos similares à emissão de palavras, sugere que o emissor, possivelmente, queria dizer alguma coisa, dessa forma, caracteriza a *ambiguidade*, um dos mecanismos mencionados por Possenti (1998).

Nas observações feitas por Bergson (1997) a primeira se refere ao lugar onde a comicidade se apresenta *no humano*, no caso dessa piada, fica comprovada essa observação. De acordo com a classificação quanto ao tipo de riso descrita por Propp (1992), nesse relato podemos observar o *riso cínico*, por estar ligado ao prazer da desgraça alheia.

Portanto, o *ethos* reforçado, aqui, é do surdo *incapaz*, *idiotizado* e *toló*, incapaz de diferenciar tais movimentos labiais. Goffman (2008, p. 9) afirma que na vida real “o papel que o indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a platéia”. Na piada em análise, o sujeito dessa história acaba por desempenhar um papel de *toló*, aos olhos da sua platéia.

Meyer (2007) ressalta que dependendo da problemática que o orador irá enfrentar, ele vai se mascarar ou se revelar, se dissimular ou se exhibir. O surdo descrito nessa situação ao se revelar e exhibir, acaba por expor seu *ethos* de *incapaz* e *toló*.

4.1.2.3 Mineirinho surdo

Benedito, mineiro de Nanuque, é meio surdo, mas faz de tudo pra ninguém perceber o seu problema. Disfarça de tudo quanto é jeito. Um belo dia, o caipira tá lá na roça, arrancando mandioca, quando passa um conhecido e pergunta:

– A comadre tá boa, seu Benedito?

– Não tá muito boa não, mas dá pra comer!

(Disponível em: <<http://www.zebisteca.com.br/7055/piadas/mineiros/mineirinho-surdo>>. Acesso em: 5 jan. 2009).

O gatilho do humor, aqui, trata de um apelo sexual que se estabelece no momento em que a frase, mas *dá pra comer* é proferida. O humor se manifesta no momento em que o personagem tentando *inferir* sobre a palavra “comadre” passa a compreendê-la por *mandioca*, devido ao contexto. É nessa confusão e na resposta dada por ele que o humor se instaura.

Quanto aos mecanismos envolvidos nas piadas enumeradas por Possenti (1998), nesse caso ele se circunscreve ao nível *fonológico*, visto que há possibilidade de duas leituras de uma sequência que oferece significação diferente no texto (*mas dá pra comer*).

O *humor quanto ao assunto* é o tema da quarta categoria de Travaglia (1992) e nessa piada o assunto em pauta é o *sexual*, pois está ligado ao relacionamento sexual do personagem.

Bergson (1987) ressalta que uma das situações que causa o riso é o tipo humano que apresenta um desvio de comportamento. Isso se justifica no personagem dessa piada.

Aqui, mais uma vez podemos recorrer a Propp (1992) que observa que, em relação à natureza física do homem, o riso está presente quando as manifestações exteriores e físicas das ações dos homens encobrem a significação interior. A pessoa que ri vê no outro o seu ser físico e o que há de risível nele, seja um nariz grande, a obesidade, a silhueta, os movimentos ou um corpo nu. A situação exposta nessa piada põe em evidência o defeito físico do personagem, o qual seja a perda da audição. Sobre o riso maldoso, Propp (1992) nos diz que nele os defeitos, às vezes só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados e inflados e alimentam os sentimentos maldosos e ruins.

Também aqui, a perda de audição fica marcada logo na primeira frase “*é meio surdo*”. Essa afirmação já faz com que criemos certas expectativas a respeito do personagem. Por meio da frase “*disfarça de tudo quanto é jeito*” marca a não aceitação de Benedito pela sua perda de audição.

Benedito tenta se passar por esperto, ocultando a sua baixa audição e respondendo a pergunta do seu compadre, mas, dessa forma, ele acaba se passando por *toló*.

Portanto, ele tenta persuadir seu compadre, com o intuito de construir um *ethos* de “normalidade”, de pessoa ouvinte e esperta. Dessa maneira, busca ocultar a sua perda auditiva e demonstra implicitamente um *ethos* de *vergonhoso* e de não aceitação da sua deficiência.

De acordo com Aristóteles (1964), para que o discurso seja persuasivo, é necessário que o orador mostre ter certas disposições e as inspire ao seu auditório, porém, no caso acima, o orador não consegue demonstrar essas disposições (no caso, a de ter boa audição), mas sim comprovar a sua perda auditiva, conferindo-lhe, desse modo, o *ethos* de *incapacidade*.

Confirma-se aqui, as considerações de Amossy (2005) quando salienta que o locutor não precisa detalhar suas qualidades ou seu modo de ser de forma explícita, pois por

meio do seu discurso constrói sua própria apresentação. O personagem Benedito denuncia sua limitação no momento que faz uso do seu discurso.

Cabe aqui, também, a afirmação de Goffman (2008) que enfatiza que o eu interacional é o resultado tanto da interação a qual o indivíduo participa, como da sua própria vontade de participar de determinado evento social com a intenção de constituir significados e alcançar seus objetivos comunicacionais.

Meyer (2007) nos esclarece, nessa situação, que o *ethos projetivo* (o que emana do auditório), difere do *ethos efetivo* (ação real do orador).

4.1.2.4 A velha surda I

No meio da viagem, o casal de velhinhos pára num posto de gasolina para abastecer o carro.

– Quantos litros? - pergunta o frentista.

– Encha o tanque! – respondeu o velhinho.

Nisso, a velhinha pergunta:

– O que foi que ele disse?

– ELE PERGUNTOU QUANTOS LITROS EU QUERO COLOCAR NO TANQUE!

– Vocês estão indo pra onde? – perguntou o frentista, enquanto abastecia.

– Para Assis, vamos visitar uns parentes!

– O que foi que ele disse? - tornou a velhinha.

– ELE PERGUNTOU PARA ONDE NÓS VAMOS!

– Assis? – continuou o frentista. – Eu nasci lá! Cidade legal, cheia de mulheres bonitas!

– O que foi que ele disse? – tornou a velhinha.

– ELE DISSE QUE NASCEU EM ASSIS!

– Namorei com uma garota lá que se chamava Dalva – prosseguiu o frentista.

– Linda de morrer, mas uma vadia! Deu pra cidade inteira!

– O que foi que ele disse? – tornou a velhinha.

– ELE DISSE QUE TE CONHECE!

(Disponível em: <<http://www.mundodaspiadas.com/velhos/a-velha-surda.html>>. Acesso em: 5 jan. 2009).

O humor se evidencia quando o gatilho é acionado na última frase do velhinho: – *ELE DISSE QUE TE CONHECE!* O calar, diante da situação, demonstra o conformismo do marido. Novamente temos um caso de suposta presbiacusia, ou seja, a diminuição auditiva relacionada ao envelhecimento. Isso se evidencia por meio dos questionamentos que a velha faz ao marido, sempre após as falas do frentista: - “*O que foi que ele disse?*”.

Nesse exemplo, podemos nos remeter à categoria do humor quanto ao código, descrita por Travaglia (1992), em relação ao *humor verbal* por estar relacionado ao dito ou ao escrito. Nessa piada, para representar o volume da voz do velhinho, as frases estão grafadas de forma diferenciada, ou seja, com letras maiúsculas, denotando, portanto uma fala de volume alterado.

No final do diálogo, o marido, ao invés de traduzir o que o frentista está falando, diz apenas o que convém, para não expô-la ao ridículo. Desse modo, aproveitando-se da perda auditiva da esposa, também, se resguarda, talvez para não se passar por bobo.

Dessa forma, o esposo utiliza o que Travaglia (1992) denomina de *mecanismo de cumplicidade*, no qual ele se torna cúmplice do *ethos* da juventude da esposa.

Buscando descrever as chaves linguísticas, o meio como se desencadeia o riso, Possenti (1998) aponta, entre outros mecanismos, o da pressuposição que está marcado no gatilho do humor dessa piada “*ELE DISSE QUE TE CONHECE!*”. Ao mencioná-la o marido, pela descrição do frentista, pressupõe se tratar de sua própria esposa.

Dentre os três processos que podem vir a provocar a comicidade de situações analisados por Bergson (1987) a *repetição*, por contrastar com o curso natural da vida, é ilustrada nessa piada.

Nos estudos de Propp (1992, p. 29) é ressaltada a importância que existe no *riso de zombaria*, por ser o tipo de riso que mais aparece na vida e por ter “um campo especial de escárnio constituído pelo caráter do homem”. No nosso exemplo, esse é o tipo de riso provocado.

Conforme enfatiza Aristóteles (1964), o *ethos* é a própria representação do orador e está ligado diretamente ao seu caráter. Mesmo não explicitando o motivo para sua esposa, ele parece concordar com os adjetivos empregados pelo frentista, “*linda de morrer, mas vadia*”, os quais ajudaram a compor o *ethos* da esposa em sua mocidade – *mulher vadia*.

Ao se calar diante da situação, o esposo não utilizou o poder de argumentação, o qual, segundo Amossy (2005), gera a credibilidade e dá realce à capacidade persuasiva.

A principal noção que Goffman (2008) utiliza é a de que o eu do indivíduo é construído socialmente, dessa forma, a velhinha ainda trazia no seu *ethos* o efeito dos conceitos sociais, que os grupos impõem como padrões morais sociais.

Nessa situação, também, de acordo com Meyer (2007), o *ethos* não deve ser identificado puramente com o orador, pois o uso da palavra possui uma estrutura mais complexa.

4.1.2.5 A velha surda II

A velhinha fazia tricô na ante-sala do médico quando a recepcionista a adverte:

– Hoje não é dia de consultas!

A velhinha continua fazendo o seu tricô. A recepcionista imagina que ela deveria ser surda e mostra-lhe a mensagem escrita num pedaço de papel.

E a velhinha:

– Por favor, leia pra mim, minha filha! Estou sem óculos.

(Disponível em: <<http://www.zebisteca.com.br/1067/piadas/idosos/a-velha-surda>> Acesso em: 5 jan. 2009).

Trata-se, mais uma vez, de uma velha ensurdecida.

O gatilho do humor é acionado no momento da fala da velhinha - *Estou sem óculos*.

Nesse momento, a recepcionista é colocada diante de uma situação irônica, pois se ela havia escrito porque a velha não ouvia, como fazer agora que a velha estava sem óculos para ler? Como vimos anteriormente em Travaglia (1992), a ironia é um mecanismo provocador do riso.

A técnica utilizada para produzir o humor é a mudança de *script* inesperada, mencionada por Possenti (1998).

Também é possível nos remetermos a Bergson (1987), quando estudando os processos que levam à comicidade, afirma ser a *inversão* motivo para gerar o cômico. Esse assunto aborda exatamente o ocorrido na piada devido à inversão dos fatos, pois ao tramar uma solução para comunicar com a velha, a recepcionista acaba por cair na própria trama, sem saber o que fazer.

Propp (1992) ressalta que a pessoa que ri vê no outro o seu ser físico e o que há de risível nele, é a limitação física auditiva da velha que ocasiona o riso, nesse contexto.

A recepcionista demonstra sentimentos de piedade e compreensão (*pathos*) para com a velhinha e acaba se passando por tola. Portanto a posição aqui é invertida, mostrando que a esperteza também existe por parte do surdo. Com isso, essa piada demonstra que a velha surda, de certa forma, se aproveita da sua limitação, construindo um *ethos* de acomodação, astúcia e aproveitadora da situação, parecendo ficar alheia a tudo ao seu redor e delegando aos outros a solução de seus problemas.

De acordo com Aristóteles (1964), caráter do orador, demonstrado por meio do seu discurso, é de suma importância para que o auditório venha a se impressionar, passando a crer nele. No caso apresentado, apesar da recepcionista não saber que atitude tomar, ela crê na impossibilidade da velhinha, que se justifica pela sua limitação, também, visual.

A velhinha, conforme enfatiza Amossy (2005), através de seu discurso, do seu estilo, consegue, implicitamente, construir sua própria apresentação por meio de suas trocas verbais, sua postura, enfim, do próprio discurso.

Recordando os ensinamentos de Meyer (2007), ao revelar a sua limitação, a velhinha o faz devido à problemática que estava enfrentando. Dessa maneira expõe seu *ethos* de dependência em relação ao outro.

4.1.2.6 Um cara meio surdo

Um cara chegou para o outro e perguntou:

– Ei? Fiquei sabendo que você é meio surdo?

E o outro respondeu:

– Não, eu moro em São Paulo!!

(Disponível em: <<http://www.piadas.com.br/node/13505>> Acesso em: 5 jan. 2009).

O humor, nesse caso, é notado no momento em que o personagem, quando questionado a respeito da sua surdez, responde: – *Não, eu moro em São Paulo!*

Como no caso da piada três (3), o cara meio surdo pensando usar de sua esperteza insiste em se fazer de entendido. Novamente, é na mudança de *script* inesperada (POSSENTI, 1998) que se instaura o humor.

Respaldamos-nos na quarta categoria de Travaglia (1992), *humor quanto ao assunto*, no caso, o *humor negro*, pois, aqui, é o rir das desgraças, das tristezas, de doenças e patologias, das enfermidades físicas que tem o maior enfoque.

É, exatamente nesse desvio, na ruptura completa da conversa que a situação cômica é delineada. Bergson (1987) enfatiza, em seus trabalhos, que todo desvio é cômico. O autor chama de *enrijecimento contra a vida social* o fato de deixarmos de nos sensibilizar com os problemas e tristezas alheios, transformando-os, por vezes, em comédia.

A percepção do cômico está ligada, portanto, ao comportamento (do surdo), conforme esclarece Propp (1992).

Podemos notar que com a intenção de manipular o seu interlocutor, fazendo transparecer o seu *ethos* de *esperteza*, o orador deixa de obter a imagem desejada de esperteza, deixando vir à tona, sua imagem de *teimosia* e *não aceitação* do seu déficit auditivo. Com isso leva o seu auditório a desenvolver o sentimento (*pathos*) de “indivíduo digno de piedade”.

De acordo com Amossy (2005, p. 45) “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. E para Aristóteles (1964) é necessário que o orador “mostre possuir certas disposições e as inspire ao juiz”, porém, isso não foi o que ocorreu nessa piada.

Goffman (2008) concebe a interação social como a influência que os parceiros exercem uns com os outros para impor imagens que os valorizem. No nosso caso, a imagem do surdo se efetivou de modo inverso ao desejado.

4.1.2.7 A surdez curada

O médico atende um velhinho milionário que tinha começado a usar um revolucionário aparelho de audição:

– *E aí, seu Almeida, está gostando do aparelho?*

– *É muito bom.*

– *Sua família gostou?*

– *Ainda não contei para ninguém, mas já mudei meu testamento três vezes.*

(Disponível em: <<http://www.tvcanal13.com.br/colunas/surdez-curada-2038.asp>> Acesso em: 5 jan. 2009).

Aqui o espertalhão é o velho milionário, que continua a se deixar passar por surdo para verificar quem, realmente, é digno da sua confiabilidade.

O humor se instala no momento em que o velho, demonstrando seu *ethos* de *esperteza*, declara: *mas já mudei meu testamento três vezes*. Por meio desse enunciado, podemos inferir que ele não gostou das coisas que ouviu da parte de seus familiares, optando, portanto, devido à sua astúcia, por continuar a deixar-se passar por surdo. Entre os mecanismos envolvidos nas piadas, descritos por Possenti (1998), a inferência, está ligada ao trabalho que o leitor necessita realizar para compreender o que está implícito no texto.

É na sexta categoria descrita por Travaglia (1992), a qual está relacionada com *ao que provoca o riso*, que encontramos os *scripts* da *esperteza* ou *astúcia*.

Mais uma vez, a percepção do cômico está ligada ao comportamento, conforme nos diz Propp (1992).

Esse exemplo ilustra a consideração que Bergson (1987) faz sobre o fato de não rirmos apenas dos defeitos, pois há momentos que rimos das qualidades. É, exatamente, da qualidade de *esperteza* e *astúcia* do velhinho milionário que se dá o cômico. O aparelho o demove da deficiência, só então ele passa a ser esperto.

Neste exemplo, o orador mostrou possuir certas disposições (o *ethos* de *esperteza* e *astúcia*) e as inspirou ao seu auditório. Conforme enfatizou Aristóteles (1964), isso é de fundamental importância para que haja a representação do orador e para que ele venha a convencer seu auditório.

Também Amossy (2005) fundamenta que por meio do seu discurso o orador constrói sua própria apresentação, como o faz o velhinho da nossa piada.

O *ethos* dele, o seu eu, é construído socialmente, por meio da interação com o médico, como acredita Goffman (2008).

Conforme enfatiza, também, Meyer (2007), a virtude do orador está intimamente relacionada a eloquência do bem falar.

4.2 PIADAS DE SURDOS CONTADAS POR SURDOS

Ao traduzirmos as piadas da Libras para o Português, reportamo-nos às considerações de Possenti (1998), quando enfatiza, dentro do *mecanismo de tradução*, que há situações em que o humor depende, por exemplo, do duplo sentido de palavras, que não apresentam equivalente em outra língua. No entanto, o autor enfatiza que isso não significa

que não há possibilidade de se traduzir piadas. Nosso trabalho comprova que, realmente, essa tradução pode acontecer sem empecilhos.

4.2.1 O toureiro

Lá na Espanha tinha um toureiro muito famoso! Quando ele entrava na arena os homens e mulheres se admiravam.

Naquele dia ele ajeitou o seu chapéu, arrumou a sua capa nos braços e pediu para que os portões fossem abertos.

Ele entrou com elegância, agradeceu e as mulheres, apaixonadas, atiraram flores.

Em seguida ele se posicionou, pedindo que abrissem os portões para o touro.

Os portões foram abertos, o touro surgiu e o toureiro, seguro de si, falava:

– Pode vir, pode vir, vai ser fácil!

Ajeitou a sua capa e ficou aguardando a aproximação do touro.

O touro foi ficando nervoso, nervoso e partiu em disparada em direção do toureiro.

Neste instante, o toureiro tira um violino por de trás da capa e começa a tocar uma música bem tranquila.

O touro que vinha em disparada foi diminuindo a sua marcha e ficando sonolento, sonolento até que caiu adormecido nos pés do toureiro, que, se gabando, pediu para que levassem o animal para fora da arena.

O toureiro se recompõe e pede para que os portões sejam abertos para o próximo touro.

Tudo acontece como antes. Ao abrir os portões o touro demonstra sua bravura e o toureiro, com descaso, acena para que ele se aproxime.

O touro põe-se a correr e o toureiro continua a desafiá-lo, até que, a certa altura, tira novamente o violino e começa a tocar.

O touro continua em disparada, correndo cada vez mais. O toureiro, já meio desesperado, começa a tocar com mais energia, mas para seu espanto, o touro continua a correr.

O touro chega até ele e numa cabeçada lança-o à distância, deixando-o desacordado.

Sabem por que o touro não dormiu?

Porque ele era surdo!

Como podemos perceber o gatilho do humor, nessa piada, se apresenta a partir da descoberta de que o touro é surdo, quando é enunciada a frase: *Porque ele era surdo!* É o *defeito* do touro, aliado à trombada com o toureiro, que é o motivo da graça.

Segundo Possenti (1998), uma técnica fundamental do humor consiste no confronto entre o esperado e o inesperado. Nesse caso, o humor ocorre da decorrência do inesperado, ou seja, esperava-se, nessa situação, como na apresentada anteriormente, que o touro fosse dormir, mas inesperadamente, ele se safá, demonstrando, dessa forma, o *ethos* de um surdo que tira vantagens em certas situações da sua própria surdez.

Portanto, nessa piada, ao invés da surdez ser vista como uma incapacidade é apresentada como um trunfo, ela é um modo de o surdo denunciar que a surdez não é uma incapacidade e que, há momentos em que o surdo pode tirar vantagens dela.

O humor para Travaglia (1992) é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico. Na situação dessa piada parece ocorrer a denúncia contra as concepções de incapacidade do surdo. A *crítica social* se insere como o *objetivo do humor*, a segunda categoria de Travaglia (1992).

Quanto à *comicidade da vida cotidiana*, Bergson (1987) analisa três processos que podem vir a provocar a comicidade de situações. Dentre eles destacamos a *inversão* (por inverter fatos levando o personagem cair na própria trama) a qual mantém relação com essa piada, onde o toureiro acaba por cair na própria armadilha.

Nesse exemplo, o *ethos* do surdo é o de *esperteza*.

Aristóteles (1964) enfatiza que o *ethos* passou a ser considerado de fundamental importância, como meio de garantir a persuasão. O surdo, aqui representado pelo touro, no início, não precisa detalhar suas qualidades ou mesmo seu jeito de ser. Através, apenas da sua *imagem*, ele constrói a sua própria apresentação. Amossy (2005) nos esclarece que o *ethos* é essa imagem que o orador cria de si, com o intuito de persuadir e causar boa impressão ao auditório.

Numa perspectiva sociológica, Goffman (2008) considera a maneira pela qual o indivíduo apresenta a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas, levando em consideração os meios que ele utiliza para dirigir e regular a impressão que o outro forma a seu respeito. No caso apresentado notamos que o surdo quis mostrar que ele também é capaz de ser o detentor da situação.

Um *ethos* imanente, por parte do surdo, é aqui projetado com o intuito de ser a imagem que deve ter o *ethos* aos olhos do *pathos*. Essa é uma das afirmações contidas nos estudos de Meyer (2007).

4.2.2 O caçador

Um homem estava caminhando num campo e de repente sentiu muita fome e pensou:

– Eu preciso comer! Mas... o quê?

Procurou sua espingarda, encontrou-a e saiu caminhando em busca de algo para matar a sua fome.

De repente, encontrou uma árvore repleta de passarinhos e pensou:

– Ah! Que vontade! Vou matar minha fome!

Mirou sua espingarda e atirou.

Na mesma hora os pássaros fugiram desesperados.

O homem, observando a árvore, ficou admirado e achou muito estranho o fato de ter ficado apenas um passarinho quieto, e pensou:

– Que estranho! Um só continua lá?

Resolve chamar um amigo especialista em pássaros.

– Vem cá, amigo!

– O que foi, fala!

– Estou achando muito estranho, pois depois que atirei nos pássaros daquela árvore, todos fugiram e apenas um continua quieto lá. Como???

– Ah! Aquele passarinho? Você não sabe? Ele é surdo!

– É surdo? Nossa!!!

Mais uma vez o surdo se sai bem na história. O fato do passarinho surdo não partir em revoadas causa estranheza ao caçador, fazendo com que ele, ao invés de matá-lo, saia em busca de esclarecimento para o fato. Dessa maneira, podemos perceber que quando fica sabendo da surdez do pássaro o caçador se admira e resolve não sacrificá-lo.

O humor se dá quando surge a explicação do especialista: *–Ele é surdo!*

Pela expressão anterior “você não sabe?”, fica evidenciada uma *denúncia*, vista por Travaglia (1998) como um dos objetivos do humor. É uma denúncia relacionada ao descaso da sociedade ouvinte para com a pessoa surda.

A crítica sinaliza a sua existência e, com isso, exige uma postura que, nesse caso, tem um caráter afetivo (*pathos*) que se instala no caçador.

Possenti (1998) ao tratar do humor nas piadas, observa que elas revelam os problemas sociais e culturais existentes em uma sociedade, bem como exhibe a estrutura de uma língua. No nosso exemplo podemos notar que além de ser levantado um problema social, também, são usadas técnicas para produzir o humor envolvendo elementos relativos à temática.

Segundo Bergson (1987), o isolamento de um indivíduo constitui o cômico.

O *ethos* apresentado nessa piada é o do surdo *solitário*, de “um no meio da multidão”, que por muitas vezes sofre a incompreensão por parte dos ouvintes. Com isso, o pássaro acaba por manipular o caçador que, ao saber de sua surdez, se admira – *É surdo? Nossa!!!, e não o sacrifica*, denotando um sentimento de piedade e compaixão (*pathos*).

Propp (1992, p. 152) ressalta que “o humor é aquela disposição de espírito que em nossas relações com os outros, pela manifestação exterior de pequenos defeitos, nos deixa entrever uma natureza internamente positiva”. Isso parece ocorrer nessa piada, quando da aceitação por parte do caçador no momento em que a surdez do pássaro é justificada.

O *ethos* apresentado nessa piada é o do surdo *solitário*.

Na situação apresentada na piada acima, verificamos que, novamente, podemos nos valer das considerações de Amossy (2005), quando ressalta que através do seu estilo, o orador consegue, implicitamente, construir sua própria apresentação por meio de sua postura. Ao permanecer silencioso e solitário, o pássaro construiu seu *ethos* diante do caçador. E é esse meio que ele utilizou para dirigir e regular a impressão que a outra forma a seu respeito, que é considerado nas análises de Goffman (2008).

Para Meyer (2007), é por meio da retórica que negociamos a identidade e a diferença, tanto a nossa, como a dos outros. A diferença e a identidade do pássaro passa a ser negociada, pois ele é preservado devido à sua diferença física.

4.2.3 O militar surdo

Havia uma fila enorme para militares serem selecionados para ir para o combate.

Os homens iam se apresentando e o sargento autorizando a entrada para o serviço.

Ele olhava os registros e via que eles eram atiradores famosos.

De repente chega um que era surdo que se dizia famoso por atirar granadas.

O sargento disse que não podia por ele ser surdo.

Depois de muita insistência ele vai conversar com o tenente que confirma a sua competência no arremesso de granadas e sugere que ele seja selecionado.

Depois de uma semana, na trincheira, um atirador ouvinte fica impressionado com a habilidade do surdo.

Ele pega a granada, conta até 5 e acerta o avião.

Pega novamente outra granada, conta até 10 e mais uma vez acerta no seu alvo.

O atirador ouvinte fica abismado.

No refeitório ele se senta perto do surdo e pergunta:

– Como que você sabe mirar e acertar o avião com tanta perfeição? Me conta, quero saber!

O surdo, com sua oralidade e sinalização, responde:

– Espera, quando chegar lá eu te ensino como que eu faço.

Depois de uma semana ele encontra o soldado e o cumprimenta:

– Olá, eu sou o surdo. Vou te ensinar. Você ouvinte pegue a granada, quando ouvir o avião, abra-a, conte nos dedos até 10 e atire no alvo.

O soldado observa o surdo e em seguida vai tentar.

Ele faz conforme a explicação, mas como todo ouvinte conta nos dedos das duas mãos.

Quando chega ao número 6, coloca a granada entre as pernas para continuar contando com a outra mão.

Ao chegar ao número 10 a granada explode e atira-o longe.

O surdo não entendeu, olha e dá risada.

Neste caso, o humor surge no momento que é dita a frase: *coloca a granada entre as pernas para continuar contando com a outra mão.*

Nesse momento já é possível ao auditório inferir no que virá a seguir. Esse mecanismo, da *inferência*, é enfocado por Possenti (1998) como um dos mecanismos envolvidos nas piadas.

O que provoca o riso, a sexta categoria de Travaglia (1992), aborda os scripts e mecanismos. Podemos constatar, nesse exemplo, a presença de scripts como a estupidez, a esperteza ou astúcia e a ironia. Também há possibilidade de analisarmos esse caso com vistas

à quinta categoria, que trata do *humor como código* podendo ser verbal ou não verbal. Dentro dessa categoria, ele se insere no não verbal de *gestos, movimentos e atitudes corporais*.

No final dessa piada observamos um surdo que ri da desgraça do outro. Isso nos remonta à Bergson (1987), que ao verificar o que existe por trás do risível, aponta três observações que julga serem fundamentais. A segunda delas é a que diz respeito à *insensibilidade* que acompanha o riso. Há necessidade de certa indiferença e distanciamento das emoções e afeições para que a situação venha levar ao riso, ao cômico.

Já nas considerações de Propp (1992), quanto aos diferentes aspectos do riso, se passarmos a refletir sobre o riso final do soldado surdo, podemos defini-lo como um riso cínico por estar ligado ao prazer da desgraça alheia. Conforme ressalta o autor, “a desgraça dos outros, não importa se é pequena ou grande, e a infelicidade alheia podem levar um ser humano árido, incapaz de entender o sofrimento dos outros, a um riso que tem características do cinismo” (PROPP, 1992, p. 160).

Quando o atirador, por falta de conhecimento da língua de sinais, acaba se dando mal (pois necessitava das duas mãos para contar até 10 nos dedos, ao passo que para o surdo uma mão apenas é suficiente), o humor se deflagra justamente por não ter uma língua compartilhada. É a falta de conhecimento partilhado que leva ao erro, o qual provoca a comicidade. Conforme ressalta Pacheco (1997), para que a argumentação seja eficiente, é de suma importância que o contato orador/auditório seja feito por meio de uma língua natural, sempre utilizando a linguagem comum ou com certas adaptações.

Num primeiro instante, podemos verificar que há por parte do sargento, no momento em que ele tenta negar a vaga ao surdo pelo motivo da sua surdez, uma visão do surdo como *incapaz, doente, inválido*. Esse é, muitas vezes, o conceito que a sociedade tem a respeito das pessoas surdas.

Por outro lado, o sensato surdo utiliza de um discurso persuasivo, apresentando seu *ethos* como uma pessoa *capaz, competente e famosa*, mas também *irônica e pouco sensível* (no final da piada). Isso vem demonstrar a importância, ressaltada por Aristóteles (1964), que o *ethos* tem para que o orador tenha assegurada a sua finalidade de persuadir seu auditório, obtendo sucesso.

Sua *insistência e perseverança* levam o sargento a buscar orientação do seu superior, portanto, o surdo se sente *seguro e capaz*. É na relação orador/auditório que o surdo vai persuadindo o sargento, com a finalidade de provar seu *ethos* de competência e capacidade. Fica evidenciado, aqui, que é no processo dialógico entre surdo e sargento que a argumentação ocorre, comprovando, dessa forma, as concepções de Goffman (2008) sobre a

interação social como a influência que os parceiros exercem uns com os outros para impor imagens que os valorizem.

Já a visão do tenente é de reconhecimento da *competência* do surdo, portanto, esse *ethos* já faz parte da imagem que ele tem daquele surdo.

A admiração do atirador ouvinte, em relação à competência do surdo, possivelmente, ocorre devido à constituição de um discurso dominante, o qual concebe o surdo sob uma visão clínica como indivíduo possuidor de um *ethos* de *incapaz, doente e inválido*.

No momento seguinte, após reconhecer a competência do surdo, o atirador, humildemente, pede para ele ensinar-lhe sua técnica, se convencendo, portanto, de sua *capacidade*. Isso se faz presente na fala: “– *Como que você sabe mirar e acertar o avião com tanta perfeição? Me conta, quero saber!*”. Nesse instante, lembramos, mais uma vez, dos apontamentos de Amossy (2005) quando nos diz que o termo *ethos* designa a imagem que o orador cria de si com o intuito de persuadir, causando boa impressão ao auditório, pouco importando se é verdadeiro ou não.

O surdo, cheio de si, passa a ensinar o atirador, reafirmando tal *capacidade*. O soldado assume a posição de aprendiz e tenta assimilar a aprendizagem do seu mestre surdo. O que o leva a reconhecê-lo sob um *ethos* de *detentor do saber*.

Dessa forma, ao contar tal piada, há por trás dela, um surdo que pretende convencer o seu auditório da sua *esperteza, capacidade e competência, detentor de um saber* que as pessoas, em geral, não possuem: o da língua de sinais.

Também notamos que, apesar disso, ele é sensato por reconhecer que o discurso dominante constituído pelos ouvintes sobre a surdez, de um modo geral, é do indivíduo *tolo, incapaz, doente e inválido*.

Concluimos desse modo, que nesse exemplo podemos valorizar a importância que há na relação entre *ethos, pathos e logos*, como nos orientou Meyer (2007, p. 36) na sua afirmativa “o *éthos* se refere tanto ao *páthos* como ao *lógos*, atestando valor moral em uma relação com o outro, ou em sua gestão das coisas, mas também no modo de conduzir a própria vida, pela escolha dos meios... e dos fins [...]”.

4.2.4 O surdo pedindo carona

Um homem surdo estava pedindo carona. Passaram dois carros e não pararam.

Depois um carro se aproximou e parou.

O motorista abriu a porta e disse:

– Vem. Tudo bem vem! Pra onde você vai?

– Eu sou surdo. Vou pra casa. Lá longe.

O motorista continua dirigindo o carro e de repente vai ficando sonolento.

Ele tem uma idéia e fala para o surdo:

– Por favor, troca de lugar comigo. Você sabe dirigir? Eu estou com sono.

O surdo aceita e o motorista cai no sono profundo.

O surdo ansioso para chegar, pisa fundo no acelerador e vai cada vez mais rápido, ultrapassando todos os carros.

Nisso um policial que comia tranquilamente uma banana, vê o carro passar em alta velocidade.

Sobe na sua moto e o persegue.

O surdo leva um susto ao ver pelo retrovisor o policial se aproximar.

O policial acende a luz e faz sinal para ele parar e pergunta:

– O que você tem para falar agora?

O surdo sinalizando diz:

– Por favor, eu sou surdo!

O policial diz:

– Ah! Eu entendi, mas você precisa ir devagar, entendeu? Não é para correr não.

O surdo, aliviado, confirma que entendeu tudo.

O motorista que havia acordado e observado tudo, troca novamente de lugar com o surdo.

Logo à frente o surdo diz:

– Por favor, vou descer naquele posto de gasolina, logo ali.

– Tá bom, eu te deixo lá.

O surdo agradece e se despede.

O motorista continua dirigindo e resolve fazer como o surdo. Resolve acelerar e aumentar a velocidade.

Logo à frente, mais um policial se delicia com uma banana, quando vê o carro em alta velocidade, sobe na sua moto e o persegue, mandando-o parar.

– E agora? O que você tem para falar?

O homem querendo copiar o surdo finge ser também surdo. E se justifica:

– *Me desculpa sou surdo!*

O policial sabia língua de sinais e começa a conversar com ele.

O homem, muito sem graça não entendeu nada!!!

O gatilho do humor, nesse caso, está relacionado à deficiência e falta de conhecimento do que ouve. Ele se evidencia no momento em que o policial começa a se comunicar por meio da língua de sinais. É o inesperado que ocasiona o humor. Possenti (1998) ressalta que essa é uma técnica utilizada para se produzir o humor, a qual seja mudança de *script* inesperada.

Mais uma vez o surdo zomba do ouvinte quando este tenta se passar por surdo e se dá mal merecendo ser reconhecido como o *tolo* e *idiota* (no caso, a imagem construída pelo ouvinte). Talvez, pudéssemos, aqui, remetermo-nos à paródia, descrita por Travaglia (1998) como um mecanismo ligado ao humor. Tal ocorrência fica demarcada no texto, no momento em que o motorista querendo tirar proveito, tenta imitar o surdo, desencadeando o aspecto cômico da piada.

Possivelmente essa “troca de papéis” quer levar o ouvinte a experimentar as dificuldades que a pessoa com surdez enfrenta no seu cotidiano.

Já em Bergson (1987) recorremos à sua classificação quanto à comicidade da vida cotidiana, que tem como um dos processos a *inversão*, a qual ocorre quando os fatos são invertidos levando o personagem cair na própria trama, como ocorreu no relato dessa piada.

O tipo de riso nesse caso, conforme as orientações de Propp (1992) é o riso cínico, pois ele está ligado ao prazer da desgraça alheia.

Novamente nos deparamos com uma situação na qual o orador surdo assume seu caráter de *esperteza* para despertar seu *ethos* no auditório, porém nessa piada ele também é um *aproveitador* da sua surdez, pois tenta levar vantagens através dela, utilizando-a como uma muleta.

Quando se justifica ao policial que é surdo, reconhece também que há no discurso dominante a visão do surdo *vitimizado*, *digno de piedade* e *compaixão*. O sociólogo Erving Goffman (1973 apud AMOSSY, 2005, p. 12) enfatiza que os ritos de interação influenciam a análise das conversações. Para ele os participantes da comunicação passam a ser considerados *interactantes*, os quais exercem *influências mútuas*, uns sobre os outros. Ao se posicionar no papel de *coitado*, o surdo dessa piada reafirma o seu *ethos* de um indivíduo *digno de compaixão*.

Novamente, encontramos respaldo na teoria de Aristóteles (1964), quando afirma que o caráter do orador, demonstrado por meio do seu discurso, é de suma importância para que o auditório venha a se impressionar, passando a crer nele.

Também, em Meyer (2007), verificamos a valorização da virtude do orador a qual está intimamente relacionada à eloquência do bem falar. Entendendo *falar*, nessa situação, como a comunicação utilizada pelo surdo para se fazer entendido pelo policial.

4.2.5 O lenhador

Um homem trabalhava cortando árvores.

Depois de caminhar muito pensa:

– Vou cortar essas árvores que estão bonitas!

Pega o machado e começa a bater na árvore.

Depois ele grita:

– Madeira!

E a árvore cai. Continua procurando árvores e acha uma bem reta, de madeira forte, boa e dura. Bate nela com seu machado e depois grita:

– Madeira!

E a árvore cai. Continua seu caminho a procura de mais uma árvore forte. Logo mais encontra uma. Começa a bater o machado e logo depois grita:

– Madeira!

A árvore continua firme. Ele grita mais alto:

– Madeira!!!

E a árvore continua firme.

Já nervoso berra:

– Madeiraaaaaaaaaaaaa!!!!!!!!!!!!

Vai examinar a árvore e ela continua firme. Então resolve buscar um amigo para ajudá-lo e explica:

– Eu já cortei duas árvores e elas caíram do jeito normal, mas tem uma árvore estranha. Venha comigo!

O homem o segue e o cortador insiste em dizer que já tinha gritado para ela cair e nada aconteceu.

O amigo diz para ele:

– Ah, você não sabe? Olhe!

E então ele soletra em alfabeto manual:

– M-A-D-E-I-R-A!

E a árvore surda caiu!!!!

O gatilho do humor, nessa piada, dá-se no momento em que o especialista soletra em alfabeto manual a palavra *M-A-D-E-I-R-A!* É essa situação que nos remete às diferenças linguísticas, as quais são classificadas por Travaglia (1990) como *humor social* e *de língua*, e se referem ao *assunto do humor*, pois o objeto do riso são fatos relacionados às diferenças de linguagem entre indivíduos.

Aqui o lenhador é visto como ignorante por desconhecer a diversidade e as diferentes possibilidades de seres.

Esse parece ser o ponto relevante dessa piada a qual pretende denunciar as pessoas ouvintes, as quais desconhecem questões relacionadas à surdez, tratando os surdos como se fossem ouvintes. Assim, tornam-se merecedores de serem alvos da crítica por parte dos surdos, os quais são pessoas diferentes, mas não deficientes. A *denúncia* é para Travaglia (1990) uma categoria que está relacionada com o *objetivo do humor*. Como lembra o autor, a “crítica toma a forma de denúncia porque além de mostrar o negativo que marca o comportamento é preciso mostrar que ele existe” (TRAVAGLIA, 1990, p. 50).

Possenti (1998) enfoca os mecanismos envolvidos nas piadas e o *conhecimento prévio e específico* é o que melhor se adapta a essa piada. Para que ela seja entendida é necessário que esses conhecimentos sejam acionados.

Bergson (1987) salienta que o riso pode ocorrer tanto no interior de um círculo amplo, porém, mesmo assim, fechado. Precisamos estar incluídos num determinado grupo para participarmos do efeito cômico. Pois assim teremos esse conhecimento prévio.

Nessa situação, podemos dizer que se trata de um riso bom. Para Propp (1992, p. 159) “no riso bom, os pequenos defeitos daqueles que nós amamos só embaçam seus lados positivos e atraentes. Se esses defeitos existem, nós os desculpamos de bom grado”.

Por meio dessa história, o surdo pretende que o ouvinte venha a dar importância à língua de sinais, querendo com isso demonstrar sua existência, e implicitamente, a sua *esperteza* além de demonstrar que ele é detentor de um poder quando é utilizada a maneira correta de comunicação.

Dessa maneira, ele quer deixar em evidência seu *ethos* de pessoa *capaz*, que tem soluções inteligentes, bastando para isso que a sua língua seja reconhecida e respeitada.

Como enfatiza Amossy (2005), o orador através de seu discurso, do seu estilo, consegue, implicitamente, construir sua própria apresentação por meio de suas trocas verbais, sua postura, enfim, do próprio discurso. Como já foi dito acima, o surdo nessa piada mostra sua capacidade desde que suas possibilidades linguísticas sejam respeitadas.

Os meios utilizados pelo orador, nesse exemplo, são relevantes para dirigir e regular a impressão que o outro forma a seu respeito. E essa maneira de apresentação de si é um dos pontos defendidos na perspectiva sociológica de Goffman (2008).

Também para Meyer (2007), a virtude do orador está intimamente relacionada à eloquência do bem falar (nunca nos esquecendo que falar, aqui, significa sinalizar).

4.2.6 O nadador

Um homem de mochila chega a um vestiário, abre o seu armário, tira a blusa e a bermuda.

Em seguida põe sua sunga, a touca de cabelos e o protetor no ouvido.

Pronto, vai para a piscina mergulhar.

Deu um salto profundo, se afogou e morreu.

Aí ele chega ao céu, numa fila de pessoas.

O homem no início da fila, pergunta para a primeira pessoa:

– Como você morreu?

– Eu bati o carro.

O homem localiza-o numa lista e fala para ele entrar.

Faz o mesmo com o seguinte:

– Como você morreu?

– Me mataram.

Verifica a lista e em seguida faz sinal para ele entrar.

Quando chega o nadador ele questiona novamente:

– Como você morreu?

– Eu não estou entendendo nada.

– Você é surdo?

Então ele larga sua lista, faz uma mentalização, colocando as mãos sobre a cabeça do nadador.

Ele não consegue captar nada.

– *Não estou entendendo, você é surdo?*

– *Eu não estou entendendo nada!*

O homem se acalma e coloca novamente as mãos sobre a cabeça do nadador.

Dessa vez ele se concentra ainda mais. Depois pergunta:

– *Você é surdo?*

– *Eu não me lembro de nada!*

– *Você é surdo?*

– *Já falei antes, eu não me lembro de nada!*

Concentra ainda mais.

– *Você é surdo?*

– *Eu não sei de nada, droga!!!*

Nisso, as pessoas olham. O homem está muito nervoso.

Ele põe a mão sobre a cabeça do nadador e sacode fortemente.

As pessoas olham assustadas e de repente alguém diz:

– *Olha! Ele tem um tampão nos ouvidos!*

E o nadador:

– *Eu não sei de nada!*

O homem olha, tira o tampão dos ouvidos do nadador, que leva um susto e fala:

– *Eu estou ouvindo! Não acredito!*

Nessa piada, o humor consiste no fato da confusão gerada por um tampão de ouvido, o qual leva o recepcionista do céu a pensar que o indivíduo é surdo. É no momento em que ele é notado e retirado da orelha do nadador, que a comicidade se instaura.

A confusão se desfaz quando uma das pessoas presentes diz: “– *Olha! Ele tem um tampão nos ouvidos!*” O uso da expressão *Olha!* parece ficar entre uma interjeição e um vocativo, muito embora não nomeie diretamente, notamos que, implicitamente, é como se o fizesse “*olha, pessoal!*”, dessa maneira, faz com que todos passem a prestar atenção. Portanto é tal palavra que desencadeia a comicidade.

Nesse caso, trata-se de um humor composto de uma *forma narrativa*, no qual, segundo Travaglia (1992), o que provoca o riso é o que acontece.

O relato se enquadra no *ridículo*, dentro dos *scripts* categorizados por Travaglia (1992), os quais dizem respeito ao que provoca o riso. Refere-se a uma *situação*

inadequada criada pelo exagero de um simples protetor de ouvidos levar à possibilidade de ser confundido com uma surdez.

O surdo, no caso, se utiliza do humor para dizer coisas que lhe incomodam e que, em muitas situações, não lhe é permitido dizer. De acordo com Possenti (1998, p. 49), uma das maiores características do humor é que ele “permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais”.

O absurdo apresentado nesse exemplo nos faz pensar sobre a rigidez, uma das formas de obtenção de comicidade enfocadas por Bergson (1987). Podemos constatar que ela também se faz presente na linguagem por meio da utilização de algo absurdo.

Essa possibilidade de ser confundido nos leva a refletir na situação do surdo que, ao contrário do da piada, é muitas vezes passado por ouvinte, devido ao fato da sua “deficiência” não ser visível. Isso gera confusões e mesmo represálias por parte da pessoa ouvinte, até que esta descubra a realidade. Aqui se delineia o *ethos* do *incompreendido*.

Trata-se de uma situação constrangedora para ambos e no caso da piada percebemos que a falta de paciência está fortemente marcada nos diálogos, principalmente quanto ao insistente questionamento – *Você é surdo?*

Essa é a outra imagem que o surdo quer enfatizar, nesse caso por parte do auditório que se apresenta irritado, impaciente e incompreensivo frente às questões da surdez.

O surdo quer com isso demonstrar este grave problema do seu cotidiano, no qual os ouvintes têm uma paciência muito limitada para com eles, portanto, é a apresentação de um *ethos* do *incompreendido* e daquele que vivencia situações constrangedoras no seu dia a dia.

Assim como nos estudos de Goffman (2008) concluímos que a interação social é relevante para que haja influência entre parceiros impondo imagens que os valorizem.

O orador da nossa piada quer ressaltar a diferença existente entre surdos e ouvintes quanto ao modo encarar as questões que permeiam a surdez. Por meio da interação tenta negociar tal diferença para obter uma imagem favorável para si. Segundo Meyer (2007, p. 25) “a retórica é a negociação da diferença entre indivíduos sobre uma questão dada”.

4.2.7 O surdo em São Paulo

Um homem chega à capital, em São Paulo, admirado com a cidade enorme, a multidão o trânsito, a quantidade de carros.

O homem, tranquilo com sua mochila, percebe que as pessoas estão correndo, fugindo.

Pensa:

– Que estranho, parece que as pessoas estão com medo. Será que eu estou com mau cheiro?

Deixa pra lá e continua caminhando quando, de repente tropeça em algo. Pega uma lupa e percebe uma marca enorme de um pé.

Ele fica preocupado pensando em ET, disco voador.

– Nossa, que medo!

Pega a lupa e olha para cima.

Leva um susto e sinaliza:

– Eu sou surdo, eu sou surdo, eu sou surdo!

Era o gorila King Kong que gritava e tentava pegar o homem.

Ele continuava sinalizando:

– Eu sou surdo, surdo, surdo!!!

O gorila para e pergunta:

– Você é surdo? Desculpa!- e continua – que legal você é surdo, eu quero ser seu amigo!

O gorila sabia língua de sinais.

Sinaliza para o homem subir na sua mão e o coloca nos ombros.

– Vamos, sobe. Eu sei língua de sinais. Sou igual você.

E os dois saem caminhando e sorrindo.

Nesse exemplo, o gatilho do humor se apresenta no momento em que se evidencia que o gorila conhecia a língua de sinais, no momento que ele diz: *Eu sei língua de sinais*.

Novamente nos deparamos com a situação onde é ressaltada a importância da língua natural entre orador/auditório, sempre utilizando a linguagem comum ou com certas adaptações. Quando o gorila se declara conhecedor da língua de sinais, tudo parece se resolver. Isso ocorre porque é justamente o bloqueio comunicativo que mais segrega a pessoa com surdez. O *conhecimento prévio*, segundo Possenti (1998) um dos mecanismos que desencadeiam o humor, é necessário para que venha ocorrer uma comunicação entre o surdo e o gorila.

O humor, de acordo com Travaglia (1992), tem “funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios”. De acordo com a classificação do autor, humor *quanto ao assunto*, entendemos que aqui se trata do *humor social*. Na situação exposta nessa piada verificamos que o surdo quer denunciar, deixar em evidência as dificuldades que enfrenta devido às barreiras comunicativas, ou seja, as dificuldades do seu grupo social.

Bergson (1987) faz referência, também, à comicidade obtida através do *exagero* e da *degradação*. Nesse exemplo, podemos notar o exagero quando da utilização da língua de sinais pelo gorila.

Assim que o homem se depara com o gorila, vai logo justificando a sua condição de surdo, para ser levado em consideração, devido à sua limitação. Dessa forma, novamente, constata-se o uso da surdez como uma muleta. É o surdo *aproveitador* e *espertalhão* que é demonstrado aqui. Como nos orienta Aristóteles (1964), *ethos* é a própria representação do orador e está ligado diretamente ao seu caráter.

Notamos que por parte do gorila, o *pathos* da *compaixão* é acionado ao ponto dele se desculpar por não ter notado sua surdez.

O surdo quer demonstrar ao ouvinte a importância que a sua língua tem para que ele possa ser compreendido. É no reconhecimento dos surdos, como membros de uma comunidade linguística minoritária, que a visão de inválidos e enfermos poderá ser superada, portanto, ele quer demonstrar que é um indivíduo *capaz* e *eficiente*, desde que seu direito linguístico seja respeitado. Amossy (2005, p. 9) enfatiza que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”.

Novamente podemos constatar, conforme os estudos de Goffman (2008), a importância dos ritos de interação e sua influencia na análise das conversações, pois como enfatiza Meyer (2007) é por meio da retórica que negociamos a identidade e a diferença, tanto a nossa, como a dos outros.

4.2.8 O cocô do surdo

Era uma vez um homem que era dono de um bar. Ele olhou para fora e viu um cocô com o formato perfeito atrás da árvore. E pensando diz:

– Que bobagem, deixa pra lá.

No dia seguinte ele vê novamente outro cocô perfeito atrás da árvore. E pensa:

– Que animal! Quem será esse porco?

Deixa pra lá e se senta numa cadeira.

Entra um surdo no bar e sinaliza:

– Eu quero bala.

– Vou pegar pra você.

Entrega o saco de balas para o surdo e comenta:

– Você viu aquele cocô ali na árvore?

– Sim eu já vi. Por quê?

– Eu estou preocupado. Aquele cocô tem um formato perfeito. Como pode?

Você sabe?

– Ah! Eu entendi. Calma, vou explicar, mas não conta pra ninguém meu segredo, certo?

A noite, quando a pessoa ouvinte vai ao mato fazer cocô ela escuta quando faz barulho e procura virando a cabeça para ver o que é, certo?

– Sim.

– Você sabe como que o surdo faz?

– Não sei.

– Vou te falar, mas guarde meu segredo.

– Eu prometo que não conto.

– Pois bem, eu sou medroso. Então eu vou até a árvore, abaixo pra fazer cocô e como eu não escuto, fico girando pra vigiar, entendeu? É por causa do meu medo. Entendeu?

– Nossa! Entendi. Desculpa.

Nesse caso, é a ocorrência do enunciado “fico girando pra vigiar, entendeu?” que vem desencadear o humor.

Está presente, aqui, como provocador do humor, a comicidade da vida cotidiana. Bergson (1987) diz que ela está presente nas ações e situações e que a comédia é um brinquedo que imita a vida. Entre os três processos que o autor diz poder provocar a comicidade de situações, a que melhor se adequa a essa piada é o da *repetição*, por contrastar com o curso natural da vida.

Mais uma vez recorremos a Possenti (1998) para refletirmos sobre essa piada, quando ele enfoca as características do humor. O autor ressalta que uma das maiores características é que ele “permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica [...]” (POSSENTI, 1998, p. 49).

Aqui, o *objetivo do humor*, segunda categoria de Travaglia (1992), é a *liberação*. Ele tem caráter sócio-psicológico, pois, o humor, por ser algo “não-sério”, leva ao rompimento da proibição e da censura que a sociedade nos impõe.

Nessa piada notamos que o aspecto do riso apresentado é o de um *riso alegre*. Propp (1992) enfatiza que se trata de um riso vivificador, e pode originar-se dos pretextos mais insignificantes. O autor conclui que “[...] ele apaga a cólera e a ira, vence a perturbação [...]”.

Por meio dessa piada, o surdo enfoca características próprias da cultura surda, a qual busca opções para se adaptar as diversas situações cotidianas.

Assim, ele constrói um *ethos* de pessoa *capaz e esperta*, a qual encontra alternativas para solucionar os mais diversos problemas.

O orador, nessa piada, possui requisitos importantes ressaltados por Aristóteles (1964), pois ele mostra ter certas disposições e as inspira ao seu auditório.

Conforme enfatiza Amossy (2005), o *ethos* está plenamente voltado à solidez do discurso. Nesse exemplo fica claro que ao argumentar o orador consegue criar uma boa imagem de si, atingindo seu objetivo de persuasão. Como nos lembra Meyer (2007), a virtude do orador está intimamente relacionada à eloquência do bem falar.

Dessa forma, por meio da interação social, o surdo influencia o dono do bar, justificando seus motivos e impondo uma imagem que o valoriza. São, justamente, esses ritos de interação que a teoria de Goffman (2008) aborda e enfatiza.

CONCLUSÃO

Uma afirmação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), já citada no corpo deste trabalho, serve bastante bem para o início de nossas considerações finais: quando pretendemos argumentar, influenciar por meio do discurso, provocar a adesão de um auditório a certas teses, não podemos menosprezar as condições psíquicas e sociais, sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito. Há um “em torno” que envolve o contar piadas e esse contexto faz aflorar inúmeras condições que, em retórica, chamamos de antecedentes retóricos, contexto retórico e ato retórico. Este trabalho procurou desvendar um *ethos* e, por isso, não desvinculou, em qualquer instante, o linguístico do contextual, social e psíquico. Foram pela soma desses elementos, todos previstos na análise retórica, que as conclusões se teceram.

Por objetivo, procurávamos um *ethos* bastante singular.

Meyer (2007, p. 35) ressalta que o *ethos* não deve ser identificado puramente com o orador, pois o uso da palavra possui uma estrutura mais complexa. Complementa que “o *éthos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita àquele que fala pessoalmente a um auditório”. Ele se apresenta *como aquela ou aquela com quem o auditório se identifica*, o que resulta na aceitação das respostas sobre as questões propostas. O contador de piadas, grosso modo, tem o auditório a favor: é possível ser preconceituoso, explorador do humor negro, grosseiro e, ainda assim, a reação do auditório será positiva. O orador, pois, vale-se de um princípio retórico fundamental, o *delectare*, ligado ao agradar, ao lúdico, ao emocional.

Nesse sentido, o orador da piada problematiza e tem uma resposta já negociada, mas as questões, como vimos com Meyer (2007), tem papel fundamental para a retórica, pois sem a análise delas não haveria pontos de vistas diversos e todos teriam a mesma opinião. É por meio da retórica que negociamos a identidade e a diferença, tanto a nossa, como a dos outros. Uma piada, de qualquer modo, cumpre as características básicas da retórica: a eficácia e o caráter utilitário. Ri-se, mas, – diferentemente do que se pensa no senso comum – não sem consequências.

Como dissemos na introdução, no que diz respeito ao *ethos*, o percurso dessa investigação se orientou a partir de questionamentos simples: o *ethos* do surdo se constitui,

nas piadas, como um grito que ressalta ou sublima o descaso e preconceito social enfrentado pelo surdo? Seriam as piadas uma muleta retórica para a obtenção de privilégios? Um modo de se aproveitar do universo de representações que os interlocutores foram construindo sobre a pessoa surda? Nesse entrecruzar de impressões do auditório (*pathos*) e revelações do próprio *ethos* cremos ter sido possível traçar um percurso de revelação identitária, ainda que filtrada por uma pequena amostragem, do *ethos* do surdo no Brasil. Evidentemente, as questões eram norteadoras do investigar e sabíamos de antemão que as respostas possíveis seriam respostas parciais, centradas em um limite de observação criado pela amostragem escolhida.

De qualquer modo, sabíamos que tais respostas seriam válidas e, por isso, levantamos a partir de um procedimento analítico inserido pelos estudos retóricos, encontrar os recursos retórico-linguísticos envolvidos na construção do humor, buscar as funções retóricas que tais recursos assumem e verificar como contribuem para a constituição do *ethos* do próprio surdo. Em um plano secundário, mas não menos importante para a perspectiva analítica, sempre levamos em conta os fatores sociointeracionais, por meio dos quais foi possível verificar, também nos limites do que é expresso nas piadas, a relação do surdo consigo mesmo, com o mundo surdo e com o mundo ouvinte.

Não perdemos de vista que um ato retórico bem construído e eficaz consegue dosar o ensinar (*docere*), o emocionar (*movere*) e o agradar (*delectare*). É o equilíbrio dessas partes que faz com que determinado discurso seja convincente, atingindo, dessa forma, seu objetivo. Pudemos notar que as piadas são bons atos retóricos quando vistos nessa perspectiva. Como tal, permitiram-nos constatar que, na maioria das vezes, o surdo leva o “outro” a rir de suas mazelas por sentir necessidade de exteriorizar as dificuldades encontradas nas barreiras do dia a dia, demonstrando dessa forma toda a repressão a qual ele é submetido, como vimos nas piadas, *O militar surdo*, *O lenhador*, *O surdo pedindo carona*, *O nadador*, *O cocô do surdo*, *Cubanos*, *Mineirinho surdo*, muito ligadas ao “movere”.

Por outro lado, foi possível perceber, em alguns casos, que há sempre aquele orador aproveitador que faz uso da sua própria surdez, para justificar sua ineficiência (piadas: *O toureiro*, *O surdo pedindo carona*, *O caçador*, *O surdo em São Paulo*, *O lenhador*, *Os surdos recém casados*, *O surdo e a máfia*, *O gênio surdo*, *A velha surda 2*, *A surdez curada*). Deparamo-nos, também, com textos em que o surdo quer, como orador ou não, demonstra, através do seu *ethos*, que precisa ser encarado como uma pessoa esperta, capaz, cheia de possibilidades, deixando de ser visto por meio de uma visão clínica de doente, fisicamente

disforme, inválido, idiotizado e digno de piedade, como constatamos nas piadas: *O militar surdo*, *Um cara meio surdo*.

Quanto aos recursos linguísticos utilizados nas piadas, foram os mais variados possíveis. Para enfatizar alguns, podemos citar as ocorrências de *scripts* de estupidez, do ridículo, da astúcia (*O surdo e o chiclete*, *O militar surdo*, *Os surdos recém casados*, *O surdo e a máfia*, *A surdez curada*). Observamos também mecanismos fonológicos, lexicais, de inferência, de cumplicidade, de ironia, paródia e pressuposição, sobretudo nas piadas: *O surdo e a máfia*, *O gênio surdo*, *Mineirinho surdo*, *A velha surda 1*, *A velha surda 2*, *A surdez curada*, *O militar surdo*.

Tendo em vista que as estratégias sociointeracionais são aquelas que se voltam para as atitudes em que os interlocutores se encontram no ato do discurso e considerando o olhar dominante do ouvinte sobre o surdo, o qual predominou por grande tempo na história da educação do surdo, podemos concluir que a imagem que ele tem feito de si mesmo sofreu e sofre, há muito tempo, as influências da imagem que os ouvintes fazem deles, ou seja, deficientes, incapazes e inferiores, como verificamos nitidamente pela análise das piadas *O caçador*, *O nadador*, e *O surdo e a máfia*..

As diversas linguagens também foram determinantes para a caracterização do *ethos* do surdo. Como condições prévias indispensáveis para o contato dos espíritos, pois, *a existência de uma linguagem comum* é indispensável para que a comunicação seja possível. Essa característica constitui *o acordo prévio* no qual são estabelecidas as regras do modo como ocorre o desenrolar da conversa, por meio de normas sociais. Assim, *ter ou não ter apreço pela adesão do interlocutor* implica reconhecê-lo e considerá-lo com toda sua capacidade, interessando-se por seu estado de espírito. As piadas, *O surdo e a máfia*, *O caçador*, *O surdo pedindo carona*, *O lenhador*, e *o Surdo em São Paulo*, são demonstrações cabais dessa afirmação que nasceu dos estudos que fizemos sobre a nova retórica.

Num plano bastante amplo e provavelmente desvinculado de nossos propósitos analíticos, marca-nos fortemente a impressão de que um *ethos* estereotipado como aquele que as piadas caracterizam, enfraquecem no plano social o respeito que o surdo mereceria como ser humano. Como professora de Libras, entendemos que somente tendo respeitado os seus direitos linguísticos e de cidadania, os surdos terão condições de enfrentar os desafios impostos pela sociedade, devido à sua perda sensorial. Importante salientar que a falta de acesso à língua de sinais no período optimal de aquisição da linguagem tem contribuído para muitos fracassos em suas vidas.

Num plano retórico, os discursos sociais e, sobretudo, as piadas denotam o preconceito (e essa talvez seja uma característica obrigatoriamente explorada nas piadas sobre as “deficiências” humanas) e uma visão social sobre a experiência visual e os saberes surdos e, pelo avesso, denunciam as discriminações que a comunidade surda sofre durante o seu cotidiano e também a necessidade que o surdo-como-orador tem de apresentar um *ethos* de pessoa competente, rompendo com o discurso já constituído do surdo incapaz, dependente e idiotizado. A imagem que fazemos de uma pessoa enquanto orador está diretamente ligada ao que nos chega aos sentidos, nos causa uma impressão mais ou menos agradável, nos cativa e nos envolve. As piadas, como gêneros discursivos, cumprem muito bem suas funções. No plano retórico, são eficazes e persuasivas. O plano social, porém, ultrapassa os limites da linguagem e caracteriza um modo peculiar de constituição do *ethos*. Pelo envolvimento provocado, o orador transmite valores morais, confiabilidade, segurança e autoridade naquilo que se dispõe a discursar, criando, de si mesmo ou dos outros, uma imagem do que representa ser.

Para nossos propósitos, as piadas suscitaram revelações interessantes à luz da retórica, pois, evidentemente, veiculam um sentido apreensível na microestrutura e imensos sentidos no plano macroestrutural, retórico e semântico. As piadas sobre surdo mobilizaram discursos polêmicos que operam com estereótipos (que, como vimos, estão relacionados a preconceitos), retomam discursos profundamente arraigados que se infiltram nas técnicas linguísticas e que veiculam discursos que seriam proibidos nos discursos oficiais e institucionais. Nesse sentido, as piadas adquirem liberdade para circular pela sociedade. Livres de determinados procedimentos de controle do discurso, principalmente, o da palavra proibida, a piada desvela uma representação muito clara do *ethos* que buscávamos: o risível esconde o grotesco social de, inevitavelmente, instaurar a diferença como um defeito inescandível.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.
- _____. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1964.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- BOLLELA, M. F. F. P.; FALLEIROS, S. P.; GUEDES FILHO, J. M. Oralidade e humor: “O caso da bicicleta”. **Multiciência**, São Carlos, UNICEP, v. 8, p. 168-183, 2007.
- CESAREO, G. Consequências da privação auditiva no processo evolutivo. **Anais... do Congresso Surdez e Universo Educacional**, Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, v. 9, p. 23-28, 2005.
- CHOMSKY, N. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- _____. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução de Marco Antônio Sant’Anna. São Paulo: UNESP, 2005.
- GARCIA, C. C. G. Humor e argumentatividade nas relações entre imagem e texto. In.: MOSCA, L. L. S. (Org.). **Discurso, argumentação e produção de sentido**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 15. ed. Petrópolis: Vozes. 2008.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.
- GOMES, A. M. **Peculiaridades do desenvolvimento cognitivo da criança surda**. Fórum, v. 11, jan./jun.. Rio de Janeiro: INES, 2005.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. & FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

RODRIGUES JUNIOR, A. S. **Metodologia sociointeracionista em pesquisa com professores de línguas**: revisitando Goffman. In: *Linguagem & Ensino*, v. 8, n.1. UFMG, Minas Gerais, 2005, p. 123-148. Disponível em: <http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v8n1/adail.pdf>.

LODI, A. C. B. **Uma leitura enunciativa da língua de sinais**: o gênero contos de fadas. *Delta* v. 20, n. 2. São Paulo: PUC-SP; UNIMEP, 2004.

LURIA, A. R. **Pensamentos e linguagens**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Arte e científicos/ EDUSP, 1986.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia e incorporação. In.: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, L. L. S. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. A atualidade da retórica e seus estudos: encontros e desencontros. In.: **I Congresso virtual da Universidade de Lisboa**. Lisboa: DLR (Departamento de Literaturas Românicas), 2005.

PACHECO, G. **Retórica e nova retórica**: a tradição grega e a Teoria da Argumentação de Chaïm Perelman. Cadernos PET-JUR/PUC-RIO, Rio de Janeiro, 1997.

PEREIRA, M. C. C. Surdez: desafios para o próximo milênio, 2000. Rio de Janeiro. Anais... do Seminário. Aquisição de Língua Portuguesa por aprendizes surdos. In.: Seminário **Surdez: Desafios para o próximo milênio, 2000**. v. único. p. 95-100.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERLIN, G. T. O lugar da cultura surda. In.: THOMA, A. S.; LOPES M. C. (Org.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

_____. Identidades surdas. In.: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. Dez observações sobre a questão do sujeito. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 3, número especial, 2003.

PROPP, V. I. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; R. M. de & L. B. KARNOPP. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANCHES, C. M. **La increíble y triste historia de la sordera**. Caracas: CEPROSORD, 1990.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 29. ed. Cultrix: São Paulo, 2008.

POSSENTI, S. Disponível em: <http://aescritanasentrelinhas.d3estudio.com.br/wp-content/uploads/2009/02/o-humor-e-a-lingua-texto.pdf>. Acesso em: 23 maio 2009. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Os humores da língua e Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras. E de Mal comportadas línguas, Curitiba: Criar Edições.

SKLIAR, C. B. Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In.: _____. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, M. R.; GÓES, M. C. R. O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto de inclusão. In.: SKLIAR, C. B. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999, v. 1., p. 163-187.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **D.E.L.T.A.**, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

_____. O que é engraçado?: Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Leitura**: estudos linguísticos e literários. Maceió, Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, p. 42-79, 1992.

_____. Homonímia, mundos textuais e humor. **Organon** (UFRGS), Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 41-50, 1995.

_____. Recursos linguísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira. In.: **Estudos linguísticos /XVIII anais de seminários do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo**, Lorena, Prefeitura Municipal de Lorena/GEL-SP, 2º sem, p. 670-677, 1989.

TRINGALI, D. **Introdução à retórica:** a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 1988.

_____. **Formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A – QUADRO SINÓPTICO

	GATILHO				ETHOS
PIADAS CONTADAS POR SURDOS	Travaglia	Possenti	Bergson	Propp	
O Toureiro	OBJETIVO DO HUMOR Arma de Denúncia (critica social)	TÉCNICA Mudança de Scripts Inesperada	COMICIDADE DA VIDA COTIDIANA Inversão	X	Aproveitador
O Caçador	HUMOR QUANTO AO ASSUNTO Social - Denúncia	Problemas Sociais	Isolamento do Indivíduo	Natureza Interna Positiva	Solitário
O Militar Surdo	SCRIPTS Estupidez Esperteza Ironia HUMOR COMO CÓDIGO Não verbal - Gesto	MECANISMO Inferência	CAUSA DO RISO Insensibilidade	RISO Cínico	Capaz Competente Irônico Pouco Sensível
O Surdo Pedindo Carona	Parodia	TÉCNICA Mudança de Scripts Inesperada	COMICIDADE DA VIDA COTIDIANA Inversão	RISO Cínico	Aproveitador
O Lenhador	HUMOR QUANTO AO ASSUNTO Social De Língua OBJETIVO DO HUMOR Denúncia	MECANISMO Necessidade de Conhecimentos Prévios	Necessidade de estar Incluído em Determinado Grupo	RISO Bom	Esperto Capaz

O Nadador	SCRIPTS Situação Inadequada HUMOR QUANTO A FORMA Narrativa	MECANISMO Dizer Algo Inadequado	X	X	Incompreendido
O Surdo em São Paulo	HUMOR QUANTO AO ASSUNTO Social - Denúncia	MECANISMO Necessidade de Conhecimentos Prévios	CAUSA DO RISO Exagero	X	Esperto Aproveitador
O Cocô do Surdo	OBJETIVO DO HUMOR Liberação MECANISMO Violação de normas sociais	CARACTERÍSTICA DO HUMOR Dizer algo mais ou menos Proibido	COMICIDADE DA VIDA COTIDIANA Repetição	RISO Alegre	Esperto Capaz

	GATILHO				ETHOS
PIADAS CONTADAS POR OUVINTES	Travaglia	Possenti	Bergson	Propp	
Surdos Recém Casados	SCRIPTS <i>Esperteza Ridículo</i>	X	Ruptura de Equilíbrio	RISO Alegre	Idiota Esperto
O Surdo e a Máfia	SCRIPTS <i>Esperteza</i> MECANISMO LINGÜÍSTICO <i>Cumplicidade</i>	X	TÉCNICA Deslocamento de Foco	RISO maldoso	Esperto Covarde

Cubanos	HUMOR COMO CÓDIGO Não Verbal de Situação OBJETIVO DO HUMOR Crítica Social	MECANISMO Nível Lexical Ambiguidade	Comicidade das Palavras	X	Esperto Detentor de saber
O Gênio Surdo	RESPONSÁVEL PELO EFEITO HUMORÍSTICO Falsa Homonímia	MECANISMO Fonológico	CAUSA DO RISO Desvio	RISO Manifestações Físicas	Tolo Idiota Detentor de Saber
O Surdo e o Chiclete	SCRIPTS Estupidez QUANTO AO ASSUNTO Étnico	MECANISMO Ambiguidade	X	RISO Cínico	Incapaz Idiota Tolo
Mineirinho Surdo	HUMOR QUANTO AO ASSUNTO Sexual	MECANISMO Fonológico	CAUSA DO RISO Desvio	RISO maldoso	Tolo Incapaz
A Velha Surda 1	HUMOR QUANTO AO CÓDIGO humor verbal MECANISMO LINGÜÍSTICO Cumplicidade	MECANISMO Pressuposição	COMICIDADE DA VIDA COTIDIANA Repetição	RISO Zombaria	Vadia

A Velha Surda 2	MECANISMO LINGUÍSTICO Ironia	MECANISMO Mudança de Scripts Inesperada	COMICIDADE DA VIDA COTIDIANA Inversão	RISO Ser Físico	Acomodação Dependência Astúcia
Um Cara meio Surdo	X	MECANISMO Mudança de Scripts Inesperada HUMOR QUANTO AO ASSUNTO Humor Negro	CAUSA DO RISO Desvio	RISO Ligado ao Comportamento	Esperteza Teimosia (não aceitação)
A Surdez Curada	SCRIPTS Esperteza	MECANISMO Inferência	CAUSA DO RISO Rir das Qualidades	RISO Ligado ao Comportamento	Esperteza Astúcia

APÊNDICE B – TEXTOS DOS ALUNOS

a) O toureiro

Lá Europa espanto homem famoso arena
 homem e mulher admirar arena homem chapéu
 capa honesta porta abrir agradecer mulher
 aproximar fazer flores agradecer significar
 orgulhosa porta abrir touro homem indiferente
 vem!!! capa touro brava correr correr correr
 homem trocar capa violino música touro desabar
 sono, violino gostoso chegar dormir, bem sorrir
 de novo porta abrir touro homem vem!!!
 correr violino música correr correr nervoso
 violino música mais rápido correr correr medo
 bater homem cair longe touro ruído.

b) O caçador

Homem lá fazenda andar fome precisa
comer procurar arma ver pegar arma andar
ver ver árvore pássaros comer vontade fome
caçador atirar pássaro veer correr estranho
um só esperar chamar amigo andar vem,
falar estranho atirar pássaro veer, um silêncio
come?? você não saber ter tudo. tudo??
absurdo??

c) O militar surdo

Homem militar fila mesa vem ver carteira,
famoso ouvinte atirador todo livre registro
de outro ver carteira famoso atirador todo
livre entra de outro carteira surdo você
ler famoso jogar granada não pode surdo
poder perguntar lá velho brigadeiro espere lá
conversar surdo "tudo bem" vamos andar
velho jogar você surdo bom famoso
atirador todo perguntar ??? ouvinte.

Ele famoso todo jogar granada livre
registro surdo andar, semana depois
trincheira ouvinte atirador, surdo olhar
mordeu granada contar 5 jogar granada
avisa bomba de outro mordeu granada
contar 10 jogar granada bomba ouvinte
estranho olhar saber surdo atirador. Depois
almoco mesa sentar surdo comida, sentar
ouvinte comida você saber perfeito jogar
granada contar ?? Nova!! Olá contar
surdo comida tudo bem você saber
contar jogar granada como ?? espera
ensinar lá granada ouvinte servir joia
você lá. Depois semana. Olá você surdo
você ouvinte olhar pegar granada
barulho mordeu granada contar 10 jogar
bomba ouvinte entender jogar mordeu
granada contar 10 dois mãos põe granada
perna meio estaca jogar longe surdo
olhar não entender! Riv!

d) O surdo pedindo carona

Homem surdo andar pedir carona carro passar
 carro passar, ver espera carro vem! tudo bem,
 vem! abri porta abri sentar perguntar você
 onde? vai? sou surdo surdo lá longe casa
 bom carro dirigir continuar veículo-andar
 sono ideia espera por favor trocar porque
 cansado sono trocar deixar saber carro trocar
 homem surto sono sentar dormir, ansioso demar
 silêncio acelerar velocidade rápido ultrapassar,
 policial comer banana carro passar rápido
 subir moto seguir rápido ver espelho susto
 policial hum parar policial acontecer falar!
 falar! não desculpar sou surdo Ah entender
 você devagar veloz não devagar entender. Sim.
 entender sorrir você devagar Entender ok!! Aliviar!!
 carro continuar ele acordar confuso chamar
 poder trocar demar trocar surto sentar dirigir
 lado surdo carro continuar chamar desculpar
 lá posto de gasolina lá bom levar lá
 abraçada cumprimentar tchau! carro
 continuar surto quero copiar surdo saber
 veloz quero carro rápido velocidade veloz
 moto comer banana carro passar rápido
 de novo subir moto seguir carro parar policial
 acontecer? falar! falar! surto quero
 copiar surdo fingir, desculpar sou surdo
 você saber língua demais "roletrar"
 Sem graça não entender NADA!!

e) O lenhador

Homem trabalhar árvore cortar andar muito
 árvores bom vou cortar árvore bonita pegar
 machado bater árvore gritar "madeira"
 árvore cair vez bem outro procurar árvore
 bonita reta bom marron duro forte árvore
 bater machado gritar "madeira" árvore cair
 certo outro procurar árvore forte lá bom
 árvore segura gritar "madeira" árvore segura
 Ah! nervoso!! gritar "madeira" berrar árvore
 segura impossível!!! não-saber duro
 examinar ??? chamar amigo vou andar vem
 árvore já cortar duas cair árvore lá
 estranho silêncio homem vem juntos andam
 caído como??? já gritar "madeira" homem
 você não saber olhar M-A-D-E-I-R-A
 por favor árvore cair.

f) O nadador

Homem mochila abur armário
 tirar blusa bermuda pegar sunga
 toca cabelo tampão frente piscina
 mergulhar nadar fundo afogar
 morde subiu céu fila-pessoa
 homem ouvinte escrever você acontecer
 morreu, bater carro anotar entrar
 você acontecer morrer, meu mata entrar
 você acontecer, eu não sei nada, você
 surdo ligar papel põe mão cabeça
 surdo concentrar não-conseguir fumaça
 não sei você surdo eu não sei nada
 calma de novo põe mão cabeça surdo
 concentrar você surdo eu não lembrar
 nada você surdo! eu não sei nada
 falar antes já põe mão cabeça surdo
 concentrar surdo!!! eu não sei nada
 DROGA!!! pessoas olhar nervoso!!
 põe mão cabeça surdo racodir!!
 pessoas olhar, Olô ele tampão,
 ele é tampão pena, eu sei não nada
 olhar eu tirar tampão, surto ouvir
 falar Oi! Não acreditar!!!

g) Um surdo em São Paulo

Lá homem São Paulo capital
 enorme pessoas multidas carro
 fila trânsito homem mochila andar
 admirar pessoas acontecer correr
 fugiriam olhar estranho pessoas
 pensar medo eu sei não fediço
 embora deixar andar tropicais
 ver pegar lupa olhar marca 'pé
 grande eu pensar preocupar E I
 disco reader nova medo lupa
 olhar cima ah susto!! sou surdo!!!
 sou surdo!!! sou surdo!!! Goula
 "Kong Kong" guitar vai pegar homem
 surdo. surdo. surdo. surdo! Goula
 parar você surdo desculpar Tremor
 esperar surdo que legar vamos
 amigo querer você? Aquele saber
 língua de sinais nova bom vamos
 subit costa mão pra andar saber
 língua de sinais surdo igual surdo
 caminhar sorrir!...

h) O cocô do surdo

Homem dono B-A-R casa olhar
 fora árvore ver cocô perfeito
 deixar bagagem Amanha ver
 de novo árvore igual cocô perfeito
 eu sei não parecer pouco estranho
 desgracia cadeira sentar chegar
 homem sendo eu querer comprar
 brala que bem pegar saco você
 ver cocô ver ver já! Sim, eu ver já
 cocô porque? Porque árvore cocô
 perfeito parecer quecaça como é?
 você saber Ah entender calma
 explicar Quem é disse me explicar
 eu explicar você não saber
 por favor noite escuro vou andar
 bambolão cocô exultar mecaça
 você entender? Ah entender tudo
 como surdo?? você não saber eu
 não saber. Você não falar contar
 segredo. Eu prometer nunca
 falar! Nessa olhar ficar eu
 medroso saber cocô você não saber
 conhecer andar pé atrás árvore abai
 cocô rodar rolar mecaça entendo
 por causa medo Ah entender descaça
 tímido ele louco nunca sendo!!!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)